

SEMINÁRIO DE
DISSERTAÇÕES E
TESES EM ANDAMENTO
DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS DA UEL

SEDA

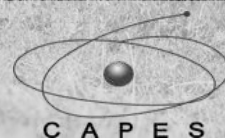
SEGUNDA EDIÇÃO
ONZE DE DEZEMBRO
DE DOIS MIL E
VINTE E CINCO
APRESENTAÇÕES E
ARGUIÇÕES



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CAPES

EXPEDIENTE

Universidade Estadual de Londrina
Centro de Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445)
Km 380 – Campus Universitário
Caixa Postal 10.011 – CEP 86057-970 – Londrina/PR
Seminário de Dissertações e Teses em Andamento
2ª edição / 11.12.2025

REALIZAÇÃO

Programa de Pós-graduação em Letras
Universidade Estadual de Londrina

COORDENAÇÃO

Luiz Carlos Migliozi F. de Mello
Gustavo Ramos de Souza

COMISSÃO

Amanda Machado Sorgi
Ana Cristina Pereira
Ana Paula Silva
Bárbara R. Almeida Trevisan
Carolina M. do Nascimento
Diogo Pablos Florian
Douglas A. de Santana
Felipe Frasson Fusco
Francesco Carlo Turilli
Gabriel Viruez da Silva
Gabriella Ferrajam Barbari
Giovane Mossambani
Isadora Zurlo Nogueira

Izabelle S. L. Nóbrega
João Pedro Conchon
Juliana da Silva Bello
Laura Regina Carneiro Lugão
Lucélia Canassa
Malu Monteiro Storer
Maria Fernanda B. de Assis
Maria Izabel de Oliveira
Matheus Oliveira da Silva
Matheus Willian Migotto
Raphaela da Silva e Souza
Valdir Heitkoeter de Melo Jr
Vitória Carolina Marinho
Vivian Batista Gombi

E-MAIL

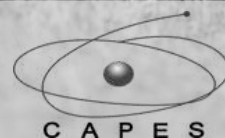
sedaue12025.2@gmail.com



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CAPES

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 04

CRONOGRAMA
DE ARGUIÇÕES 05

CADERNO
DE RESUMOS 09



APRESENTAÇÃO?

O SEDA é uma atividade do PPGL regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que as(os) pós-graduandas(os) exponham os trabalhos em andamento, de forma que os outras(os) alunas(os) possam conhecer as pesquisas de suas(seus) colegas. O formato é o de apresentação de resultados parciais pelo discente, acompanhada(o) de sua(seu) orientador(a). Essa exposição é articulada com comentários críticos efetuados por outra(o) docente do PPGL, que atua como debatedor(a). É atividade obrigatória para discentes matriculadas(os) nas disciplinas de Colóquio de Pesquisa, sendo que mestrandas(os) matriculadas(os) no primeiro semestre participam apenas como ouvintes, sem apresentar trabalhos.

A participação das(os) bolsistas escaladas(os) para a comissão é obrigatória na execução do evento e a das(os) demais mestrandas(os) e doutorandas(os) do PPGL, como ouvintes, é importante e bem-vinda. O SEDA 2025/2 será presencial e ocorrerá na Sala de Eventos do CCH nos períodos matutino e vespertino.

Desejamos um excelente evento a todas(os)!


**Comissão
organizadora**



CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

BOAS-VINDAS E INSTRUÇÕES

|
8h15
8h30
|

|
8h30
9h00
|

 Carolina Montagnini do Nascimento

 Suely Leite

 Laura Brandini

Vitória Carolina Marinho  |
Laura Brandini  9h00
Alamir Aquino Correa  9h30
|

|
9h30
10h00
|

 Maria Eduarda de Faria Azevedo

 Alamir Aquino Corrêa

 Suely Leite

Izabelle dos Santos Lopes Nóbrega  |
Barbara Cristina Marques  10h00
Alamir Aquino Corrêa  10h30
|

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

COFFEE BREAK

|
10h30
11h00
|

|
11h00
11h30
|

 Douglas Augusto de Santana
 Frederico Garcia Fernandes
 Barbara Cristina Marques

Malu Monteiro Storer  |
Frederico Garcia Fernandes  11h30
Ellen Mariany Dias  12h00
|

|
12h00
12h30
|

 Amanda Damasio Teixeira
 Frederico Garcia Fernandes
 Ellen Mariany Dias

INTERVALO DE ALMOÇO

|
12h30
14h00
|

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

|  Vivian Batista Gombi

14h00

 Claudia Rio Doce

14h30

|  Luiz Carlos Migliozi

Maria Fernanda Buratto de Assis  |

Claudia Rio Doce 

14h30

15h00

Gustavo Ramos de Souza  |

|  Giovane Sgarbosa Mossambani

15h00

 Claudia Rio Doce

15h30

|  Regina Célia dos Santos Alves

Isadora Zurlo Nogueira  |

Regina Célia dos Santos Alves 

15h30

16h00

Claudia Rio Doce  |

16h00

16h30

COFFEE BREAK

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

|  Maria Izabel de Oliveira

16h30

 Regina Célia dos Santos Alves

17h00

|  Rodolfo Londero

Amanda Machado Sorgi  |

Regina Célia dos Santos Alves



17h00

17h30

Gustavo Javier Figliolo  |

|  João Pedro Cochon

17h30

 Silvio Cesar dos Santos

18h00

|  Gustavo Javier Figliolo

COMISSÃO DE AUTOAVALIAÇÃO

| 18h00

18h30

|

18h30

18h45

|

ENCERRAMENTO

LEGENDA:



Aluno(a)



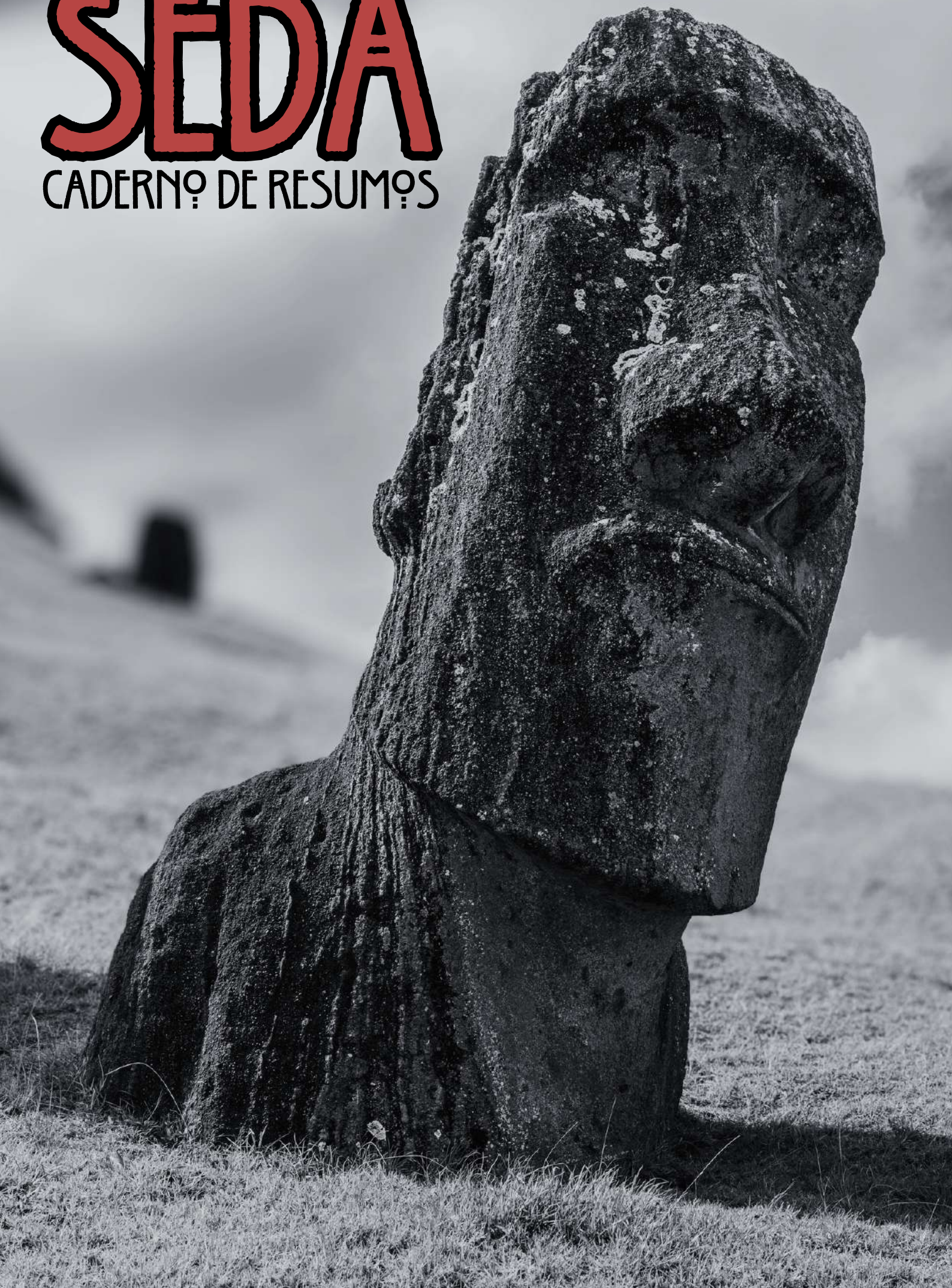
Orientador(a)



Arguidor(a)

SEDA

CADERNO DE RESUMOS





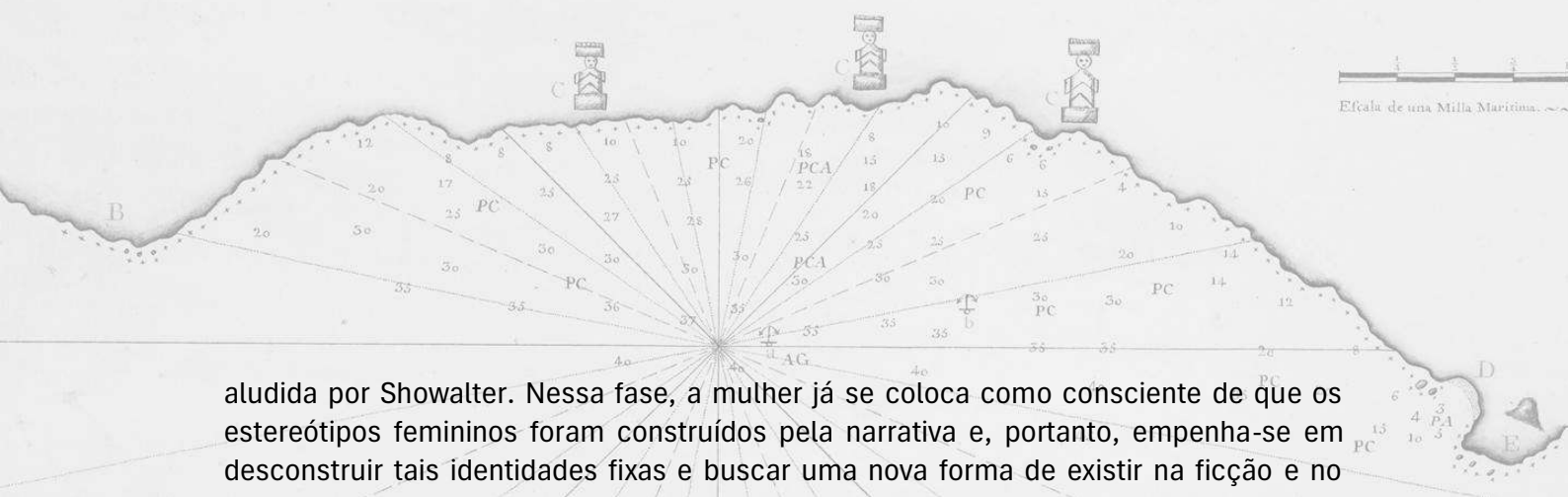
NARRADORAS DE ELVIRA VIGNA: A MULHER REINVENTANDO A FICÇÃO E A FICÇÃO REINVENTANDO A MULHER

Carolina Montagnini do Nascimento (Doutorado)

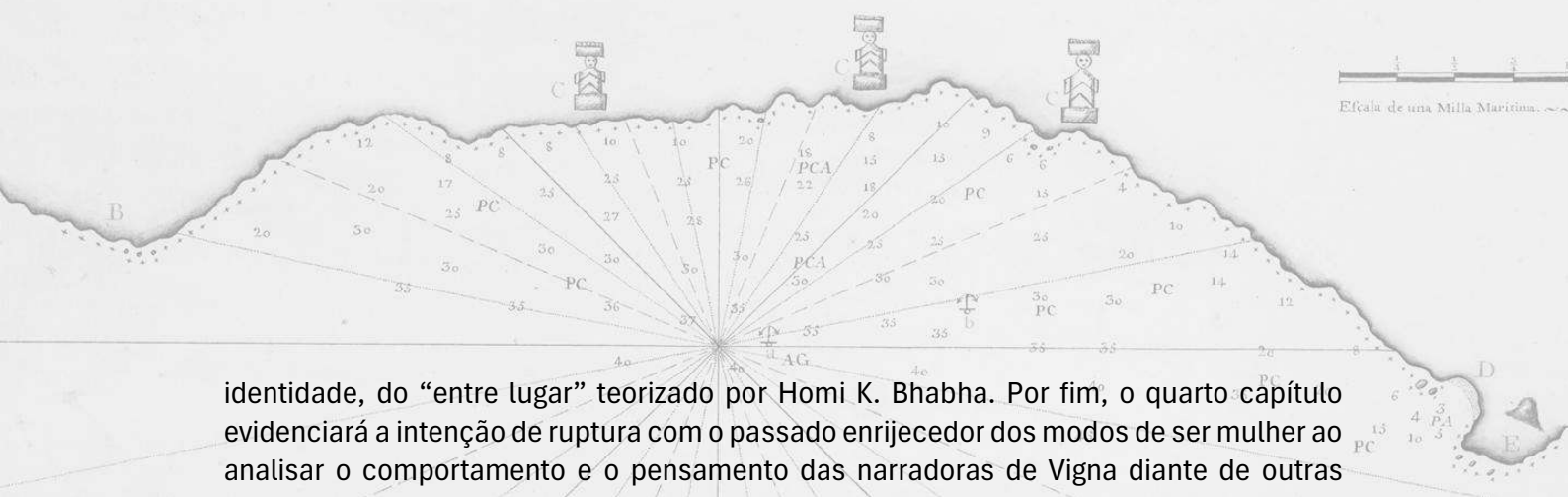
Suely Leite (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: jul/2028

A história da literatura é também a história da construção do imaginário do ser mulher. Em *Um teto todo seu*, Virgínia Woolf (2014, p. 43), após examinar os livros de uma grande biblioteca, pontua que a mulher é possivelmente o animal mais debatido do universo, mas enfatiza que a contribuição masculina nesse debate é monstruosamente maior que a feminina. Aproveitando as brechas na história, entretanto, muitas escritoras começaram a surgir. Inicialmente, entretanto, a participação das mulheres no mundo das Letras não alterou o que Zolin (2009) chamou “estereótipo feminino negativo”. Conforme Elaine Showalter, a produção literária de autoria feminina pode ser dividida em três fases: a feminina, a feminista e a fêmea. A fase feminina, que comporta as primeiras produções, reproduziu a tradição dominante. No Brasil, conforme adaptação feita por Elódia Xavier da teoria de Showalter, as autoras representantes dessa fase, como Maria Firmina dos Reis, Carolina Nabuco e Júlia Lopes de Almeida, “reduplicam os padrões éticos e estéticos, mesmo porque elas ainda não tinham se descoberto como donas do próprio destino” (Xavier, 1999). A fase feminista, fortalecida no Brasil a partir dos debates do movimento feminista que ganharam evidência nos anos 1960, caracteriza-se por uma literatura marcada pela consciência da opressão de gênero imposta às mulheres no contexto patriarcal. As escritoras dessa fase retratam personagens femininas que percebem e questionam suas limitadas possibilidades de existência, quase sempre vinculadas ao espaço doméstico. Clarice Lispector é frequentemente citada como marco dessa fase no país. Seu romance *Perto do coração selvagem* (1943) revela como o casamento é construído como destino soberano para a mulher e como são marginalizadas aquelas que não se satisfazem com essa perspectiva. Joana, a protagonista, percebe que o casamento não dissipa suas angústias; ao contrário, intensifica-as. Essa etapa da literatura, mais voltada à denúncia do que à proposição de soluções, retrata personagens que, ainda presas aos papéis de gênero impostos desde a infância, encontram dificuldade em vislumbrar alternativas existenciais. No entanto, no romance de Clarice, o desfecho sugere uma brecha: a fuga, ou, o que nessa situação pode ter o mesmo significado, a busca. A narrativa se encerra com Joana embarcando em um navio rumo a um destino desconhecido, gesto que simboliza a abertura para outras possibilidades de vida. É possível interpretar, dessa forma, que Joana sugere uma maneira para a mulher se desvincular, pela fuga, de seus papéis femininos e buscar, na andança, na errância, uma nova identidade. A busca por uma nova identidade é considerada marca da fase fêmea



aludida por Showalter. Nessa fase, a mulher já se coloca como consciente de que os estereótipos femininos foram construídos pela narrativa e, portanto, empenha-se em desconstruir tais identidades fixas e buscar uma nova forma de existir na ficção e no mundo que não seja fruto de desejos patriarcais. Partindo dessa divisão, puramente didática tendo em vista que uma obra pode apresentar traços tanto da fase feminista quanto da fase fêmea, por exemplo, o trabalho proposto é o de, considerando a obra da escritora Elvira Vigna como exemplar dessa terceira fase, analisar a construção de uma narrativa que se propõe a expor de maneira crítica a consciência de que as identidades rígidas são construtos sociais fixados por meio da linguagem e como se dá a busca por uma identidade nova que não tem como escopo espaços fechados. Assim, a investigação busca demonstrar como, na obra de Elvira Vigna, a mulher e a narrativa se reinventam mutuamente. Para tais análises, foram escolhidos quatro romances dessa escritora. A seleção se deu pela possibilidade de entrever todas as questões propostas pela tese em cada uma das narrativas escolhidas. Apresentando em ordem cronológica, o primeiro romance, *Às seis em ponto* (1998), traz uma narradora às voltas do contar e do como contar ao seu parceiro o que possivelmente seja um crime cometido por ela; em *Coisas que os homens não entendem* (2002), a narradora conta e reconta, em constante ir e vir, uma história que procura digerir; a narradora de *O que deu para fazer em matéria de história de amor*, publicado em 2012, mostra-se desejosa de compreender a si mesma contando diversas vezes uma história da qual não participa; *Por escrito*, romance publicado em 2014, de maneira semelhante aos anteriores, tem como narradora uma mulher que, por meio da elaboração da linguagem — ela escreve uma carta — e do trânsito constante por lugares provisórios, como rodoviárias, aeroportos, hotéis e escadas, evidencia uma identidade em processo, atrelada ao porvir. Para isso, o trabalho será organizado em quatro capítulos. O primeiro abordará questões relacionadas ao gênero romance e as transformações que ele sofreu ao longo do tempo. Com o apoio de teorias como as de Bakhtin e Ian Watt sobre, respectivamente, o inacabamento do gênero e, por conseguinte, a sua constante adaptação ao seu contexto histórico, além da relação entre forma e conteúdo, como defende Bakhtin, pretendo elucidar como a narrativa fragmentada das narradoras de Elvira Vigna reflete mulheres em crise identitária. O segundo capítulo analisará a questão da narrativa autoconsciente, ou a metanarrativa, que demonstra o conhecimento das narradoras diante da criação da realidade por meio das narrativas, da linguagem, e, portanto, apontam para a possibilidade de uma recriação dessa identidade antes moldada pelos discursos tradicionais. Para tal análise, serão utilizados teóricos como Gérard Genette (1995) e Linda Hutcheon (1991) para tratar da metanarratividade e a autoreferencialidade, assim como textos que abordam as questões relacionadas ao pós-moderno, como *O narrador pós-moderno* de Silviano Santiago (2002). No terceiro capítulo, a atenção irá recair sobre os espaços provisórios pelos quais as narradoras transitam e como eles denunciam esse movimento em busca de uma identidade não mais fixa. Nesse capítulo, analisarei como o espaço físico, partindo da teoria dos “não lugares” de Marc Àuge, reflete o espaço simbólico, relacionado à



BIBLIOGRAFIA

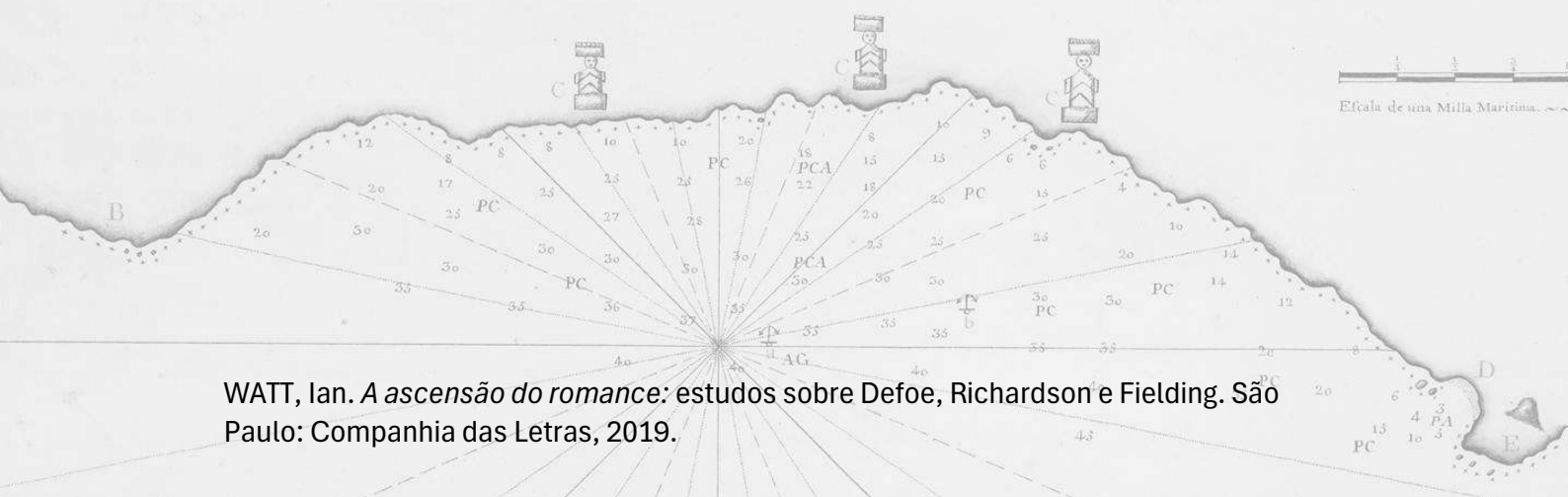
BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

VIGNA, Elvira. *Às seis em ponto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIGNA, Elvira. *O que deu para fazer em matéria de história de amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elódia. *A casa na ficção de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres, 2012.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. *Revista Mulheres e Literatura*, v. 3, 1999.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-235.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 237-258.



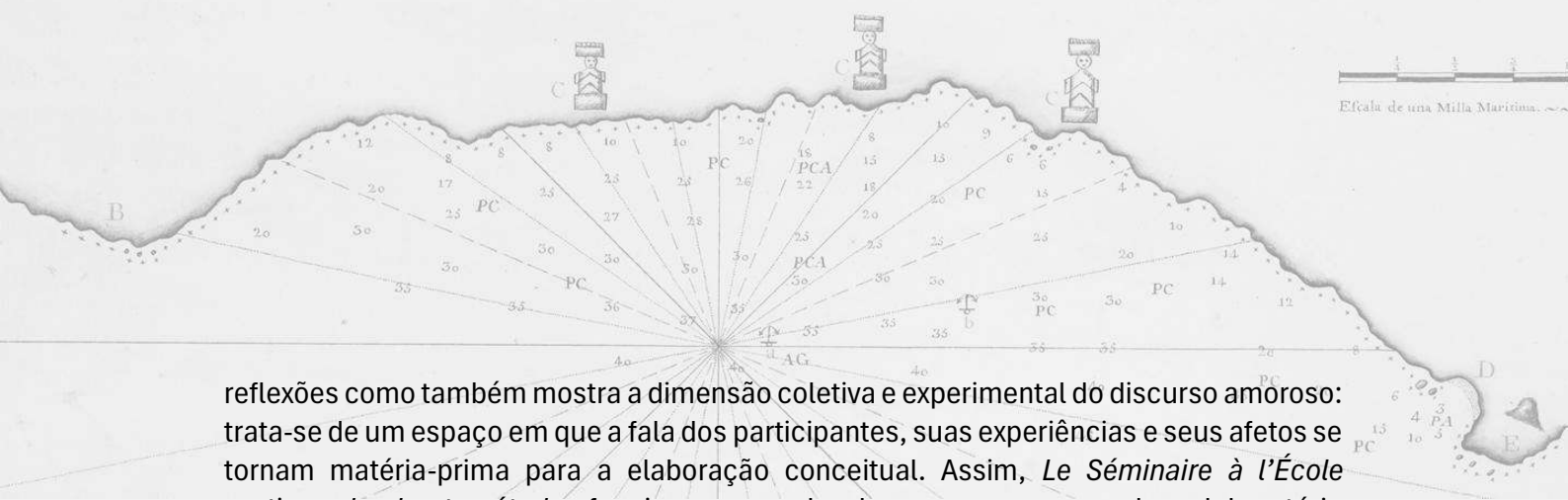
A POÉTICA DA AUSÊNCIA NO DISCURSO AMOROSO BARTHESIANO

Vitória Carolina Marinho (Mestrado)

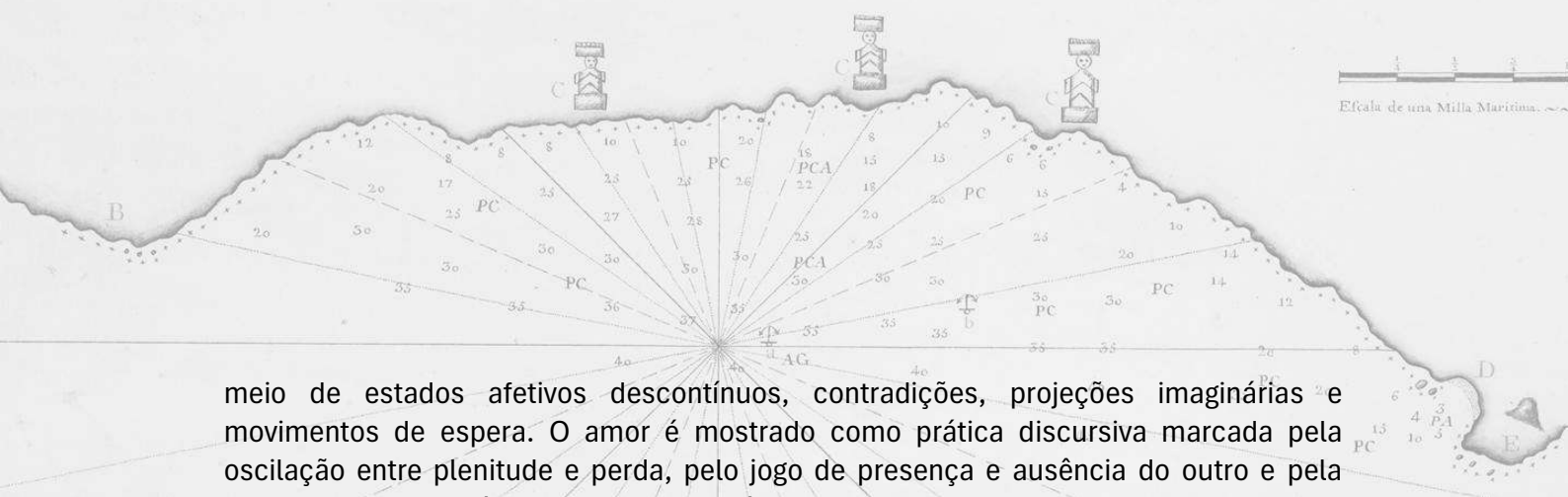
Laura Taddei Brandini (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

Este trabalho tem como tema o discurso amoroso em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977), de Roland Barthes, e parte da indagação sobre o que falta, o que se cala e o que se desloca na linguagem do amor. A escolha do tema justifica-se pela relevância da obra de Barthes para compreender o amor como experiência discursiva, fragmentária e subjetiva, bem como pela necessidade de investigar como conceitos como amor, desejo, imaginário, paixão e discurso se articulam na constituição dessa linguagem da falta. O objetivo geral é compreender de que modo o discurso amoroso é construído, em Barthes, como espaço de ausência e fragmentação, e como essa construção dialoga com as teorias psicanalíticas de Jacques Lacan e Julia Kristeva, que oferecem subsídios conceituais para pensar a relação entre linguagem, desejo, sujeito e alteridade. Importa destacar que o objetivo aqui não é realizar uma análise psicanalítica aprofundada, mas mobilizar apenas conceitos fundamentais, uma vez que Barthes dialoga intensamente com Lacan e Kristeva ao longo de sua obra, além de ter mantido uma proximidade intelectual decisiva com Kristeva, cuja reflexão também se apoia em noções lacanianas. Assim, para fundamentar essa discussão, utilizam-se *Histórias de Amor* (1988), de Julia Kristeva e as seguintes obras de Jacques Lacan: *Escritos* (1996), *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1996), *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1992) e *Nomes-do-pai* (2005). Parte-se da hipótese de que o discurso amoroso, tal como formulado por Barthes, não apenas expressa o amor, mas o produz discursivamente por meio de fragmentos, figuras e tensões que configuram uma verdadeira poética da falta. A metodologia da pesquisa apoia-se em dois eixos centrais: pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, que se complementam ao fornecer tanto o panorama crítico quanto o conjunto de materiais necessários para reconstruir o processo de elaboração da obra. A pesquisa bibliográfica reúne contribuições já publicadas como livros, artigos e estudos críticos, permitindo mapear as interpretações existentes sobre o discurso amoroso e situar Barthes dentro das teorias literárias que o precedem. Já a pesquisa documental envolve o exame de materiais como anotações, registros e textos de circulação restrita, oferecendo acesso ao processo intelectual de Barthes e às formulações preliminares que deram origem a obra de 1977. Nesse sentido, além de *Fragmentos de um discurso amoroso*, constitui fonte documental de grande relevância o conjunto de anotações reunidas em *Le discours amoureux. Séminaire à l'École pratique des hautes études 1974-1976, suivi de Fragments d'un discours amoureux : inédits*. Esse seminário, conduzido por Barthes antes da publicação do livro, não apenas antecipa suas



reflexões como também mostra a dimensão coletiva e experimental do discurso amoroso: trata-se de um espaço em que a fala dos participantes, suas experiências e seus afetos se tornam matéria-prima para a elaboração conceitual. Assim, *Le Séminaire à l'École pratique des hautes études* funciona como obra-base para compreender o laboratório intelectual que deu origem ao livro *Fragmentos de um discurso amoroso*, evidenciando as escolhas metodológicas, as preocupações analíticas e os princípios que orientam o projeto barthesiano. Estruturalmente, o trabalho se organiza em três capítulos: o primeiro apresenta a obra *Fragmentos de um discurso amoroso* em seu contexto intelectual, examinando sua estrutura fragmentária, sua proposta metodológica e sua recepção. Inclui-se também uma leitura crítica de autores que dialogam com Barthes, como Claude Coste, Patrizia Lombardo e Leyla Perrone-Moisés, além de um mapeamento conciso de tradições filosóficas e literárias que pensaram o amor antes de Barthes, situando sua abordagem dentro de um percurso histórico que vai da concepção romântica à modernidade, como Platão, Racine, Molière e Stendhal. Em Platão, o amor aparece como uma busca por algo ideal e elevado; em Racine, ele surge como um desejo intenso que conduz os personagens ao destino trágico; em Molière, o amor é tratado com ironia e humor, ligado às normas sociais; e em Stendhal, o amor se forma pela “cristalização”, quando o amante transforma o outro em um ideal imaginário. Esses autores ajudam a entender o caminho histórico das ideias sobre o amor, mostrando como Barthes dialoga com essa tradição, mas também a transforma: em vez de propor uma definição única do amor, ele cria uma cena discursiva em que o amor só pode ser dito em fragmentos e nunca se fixa totalmente. O segundo capítulo dedica-se à definição e problematização dos conceitos que atravessam o trabalho — ausência, amor, desejo, imaginário, discurso e paixão — articulando a leitura de Barthes com aportes teóricos de Jacques Lacan e Julia Kristeva. Busca-se evidenciar como esses autores compreendem o amor como fenômeno discursivo sustentado por uma estrutura de falta e pela tensão entre presença e ausência, bem como mostrar como essas noções fundamentam a experiência do sujeito apaixonado. O conceito de ausência, fundamental na pesquisa, é compreendido por Barthes como o afeto que organiza vários gestos do sujeito apaixonado: a espera, a angústia, o luto temporário da presença, a construção imaginária do outro. Em Lacan, a ausência relaciona-se à estrutura da falta que constitui o sujeito marcado pelo desejo; já em Kristeva, a ausência articula-se à dimensão semiótica do discurso, àquilo que escapa à significação, mas impulsiona a linguagem. Essas perspectivas sustentam a hipótese de que o amor opera como experiência de deslocamento do eu, na qual a falta deixa de ser um aspecto negativo e torna-se condição de criação subjetiva. O terceiro capítulo realiza a análise crítica de fragmentos selecionados de *Fragmentos de um discurso amoroso*, identificando neles a manifestação concreta desses conceitos. Fragmentos como “Ausência”, “Culpa”, “Espera”, “Exílio”, “Languidez”, “Querer-possuir” e “Transbordamento” são examinados como cenas discursivas que encenam estados afetivos descontínuos, contradições internas, projeções imaginárias e movimentos de desejo. Observa-se como as figuras barthesianas encenam a experiência amorosa por



meio de estados afetivos descontínuos, contradições, projeções imaginárias e movimentos de espera. O amor é mostrado como prática discursiva marcada pela oscilação entre plenitude e perda, pelo jogo de presença e ausência do outro e pela construção fantasmática que sustenta o vínculo. Esses fragmentos evidenciam que a falta não é mera negatividade, mas força estruturante que move a fala amorosa, alimentando seu caráter errante, poético e sempre inacabado. Espera-se que a pesquisa contribua para compreender que, em Barthes, o amor não se configura como sentimento estável ou narrativa linear, mas como prática de linguagem marcada pela incompletude, pela fragmentação e pela impossibilidade de totalização. Pretende-se demonstrar que o discurso amoroso barthesiano se constitui como espaço de resistência e criação, no qual o sujeito tenta dizer o indizível e organiza sua subjetividade a partir da falta. Assim, espera-se que a análise revele o amor como movimento, deslocamento e fragmento sempre presente, ainda que atravessado pela ausência.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortênsia dos Santos. São Paulo: Unesp, 2018.

BARTHES, Roland. *Le discours amoureux. Séminaire à l'École pratique des hautes études 1974-1976, suivi de Fragments d'un discours amoureux: inédits*. Paris: Seuil, 2007.

COSTE, Claude. *Les brouillons du 'Je t'aime'*. Genesis (Manuscrits-Recherche-Invention), n. 1, p. 109-128, 2002. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/item_1167-5101_2002_num_19_1_1233.

KRISTEVA, Julia. *Histórias de Amor*. Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

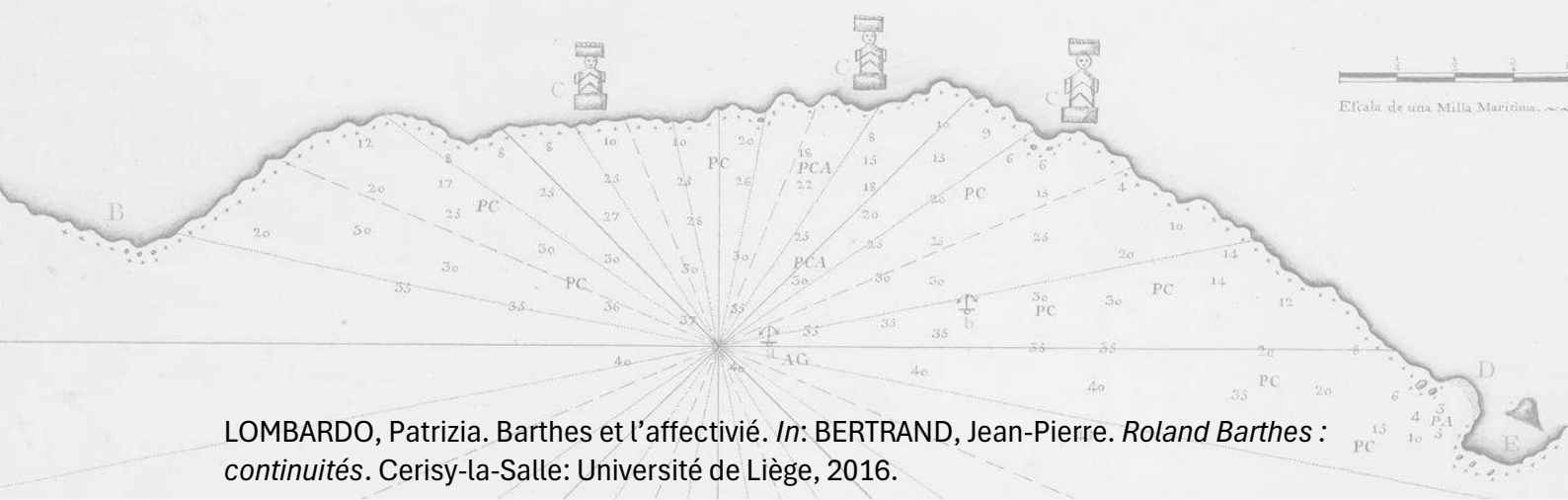
KRISTEVA, Julia. *La voix de Barthes*. Communications, 1982, p. 119-123. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1982_num_36_1_1543.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Inês Oseki-Depre. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Trad. Ari Roitman. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *Nomes-do-pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.



LOMBARDO, Patrizia. Barthes et l'affectivité. In: BERTRAND, Jean-Pierre. *Roland Barthes : continuités*. Cerisy-la-Salle: Université de Liège, 2016.

MOLIÈRE. *Don Juan ou le festin de Pierre*, 1665. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lv000002.pdf>.

PLATÃO. *O banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O semiólogo apaixonado. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 95-99.

RACINE, Jean. *Fedra*. Trad. Sebastião Francisco de Mendo Trigo. Rio de Janeiro, 2006.
Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/fedra.pdf>.

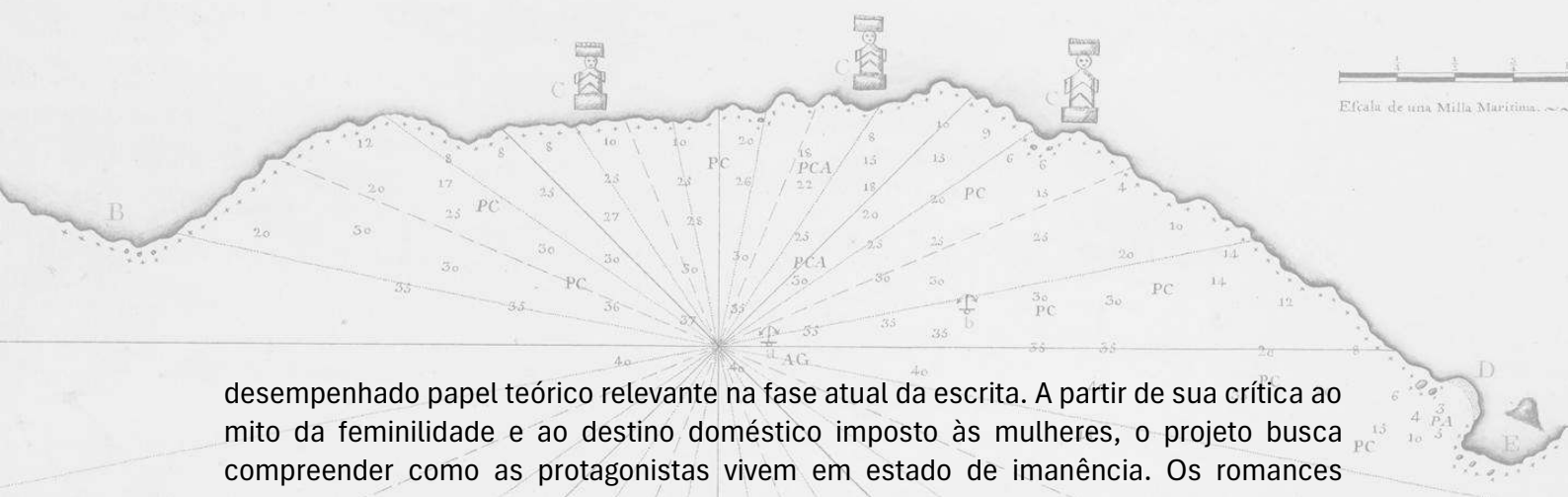
STENDHAL. *De l'amour*. Paris: Librairie universelle, 1822. Disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626818d/f8.item>.

VOLPE, Isaac. *Dicionário Lacan: um estudo de suas palavras e conceitos mais frequentemente utilizados*. Unitexto Digital Publishing, 2024. E-book.

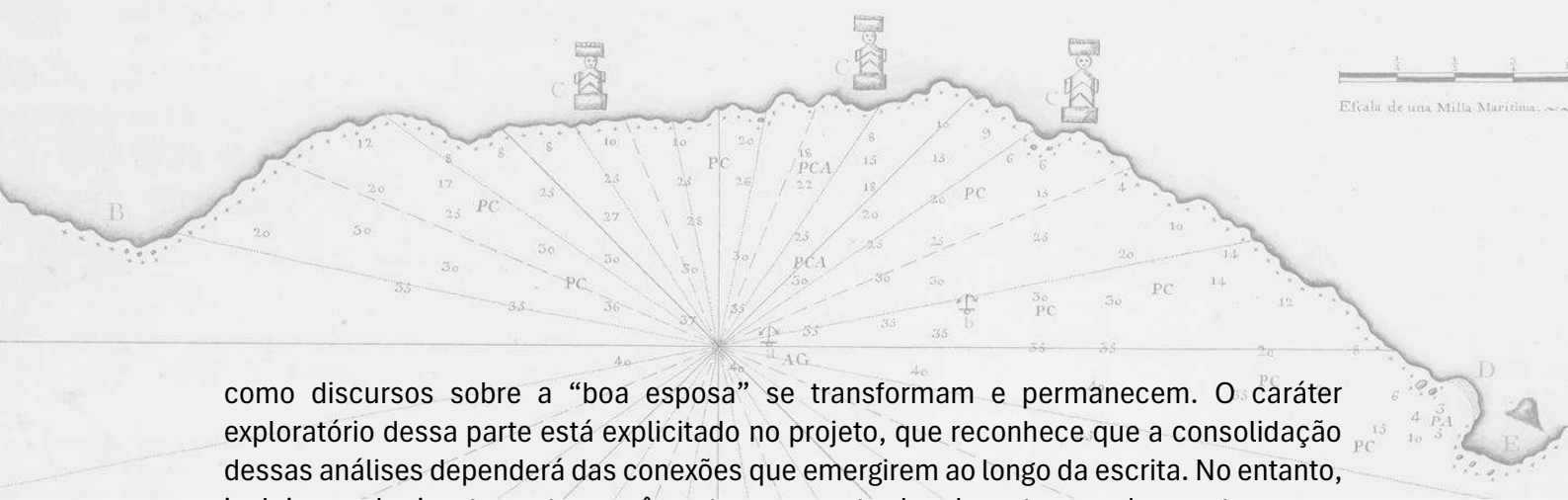


Maria Eduarda de Faria Azevedo (Mestrado)
Alamir Aquino Correa (Orientador)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

Este projeto de dissertação investiga como a submissão feminina é construída e reiterada em diferentes momentos da cultura ocidental, partindo de dois romances que dialogam diretamente entre si: *A Sucessora* (1934), de Carolina Nabuco, e *Rebecca* (1938), de Daphne du Maurier. Projetando possíveis diálogos com manifestações posteriores da cultura popular, como *O diário de Bridget Jones* (1996), de Helen Fielding, e o recente fenômeno digital das *tradwives*. Embora a escrita esteja em andamento, a pesquisa já delineia um conjunto consistente de hipóteses e caminhos analíticos que orientam o desenvolvimento da tese. O ponto de partida é a observação de que *A Sucessora* e *Rebecca* compartilham uma estrutura narrativa baseada no medo, na insegurança e na sensação de inadequação feminina. Essas emoções não aparecem apenas como elementos psicológicos individuais, mas como dispositivos estéticos e simbólicos que moldam a identidade das protagonistas e delimitam seu lugar em sociedades falocêntricas. A partir das leituras iniciais e das anotações da orientação, desenvolve-se a hipótese de que tais narrativas constroem mulheres que não vivenciam a liberdade, mas sim a conformação: personagens que não almejam ser diferentes, mas sim “estar à altura” das mulheres que as antecederam — figuras igualmente submetidas e idealizadas. Essa hipótese se articula com um eixo teórico fundamental: a noção de que o medo, característico do gótico e de narrativas psicológicas, funciona como tecnologia narrativa que regula expectativas sociais sobre a feminilidade. Na primeira etapa da pesquisa, ainda em desenvolvimento, esse ponto tem se mostrado o mais sólido e promissor. As protagonistas de *A Sucessora* e *Rebecca* são jovens deslocadas, sem capital social consolidado, que entram em casas já estruturadas e precisam se encaixar em um modelo de esposa ideal. Ao investigar o papel da mulher nesses romances, tanto pelo olhar das protagonistas quanto pelo olhar de outras personagens, percebe-se que elas vivem sob um regime de vigilância: vigilância da casa, da família, dos empregados e, sobretudo, de si mesmas. A análise textual preliminar evidencia que a protagonista de cada romance não se compreende como sujeito pleno, mas como um reflexo imperfeito da mulher anterior, Alice ou Rebecca, cuja presença ausente organiza todo o espaço simbólico da casa. As anotações iniciais sugerem uma linha interpretativa frutífera: o dilema central de ambas não é descobrir quem são, mas quem devem imitar. Assim, o projeto investiga como essa lógica de sucessão feminina funciona como mecanismo de submissão e como ela se articula com a ideia beauvoiriana da mulher como “Outro”. Simone de Beauvoir tem



desempenhado papel teórico relevante na fase atual da escrita. A partir de sua crítica ao mito da feminilidade e ao destino doméstico imposto às mulheres, o projeto busca compreender como as protagonistas vivem em estado de imanência. Os romances parecem confirmar que o casamento não apenas se apresenta como destino natural da mulher, mas como único projeto possível. A protagonista não tem sonhos próprios, apenas metas alheias: tornar-se uma esposa adequada, ocupar a casa corretamente, agradar ao marido e às convenções sociais. Essa observação inicial orienta a primeira parte do projeto e fundamenta a hipótese de que as narrativas analisadas não apenas representam a submissão feminina, mas a estetizam de modo sedutor e, em certos aspectos, popular. O interesse pela casa: seu espaço, sua arquitetura e seus cômodos interditos; é outra vertente que tem se consolidado nesta fase do projeto. A partir de leituras em psicanálise e crítica gótica, especialmente estudos que dialogam com a psicanálise literária dessas personagens, pretende-se explorar como a casa opera como extensão do poder masculino. A mansão, em ambos os romances, não é apenas um cenário: é um mecanismo disciplinador. Os quartos preservados, os objetos intocáveis e os rituais sociais funcionam como dispositivos de controle que reforçam a sensação de inadequação da nova esposa. O caráter labiríntico, sombrio ou suntuoso desses espaços também será analisado como metáfora das estruturas patriarcais que organizam a identidade feminina. Esses eixos: medo, casa, submissão e identidade relacional; compõem a primeira parte da pesquisa, que no momento se encontra mais desenvolvida. A intenção é consolidar essa etapa como núcleo teórico e analítico principal da dissertação. A partir dele, o projeto pretende avançar para a segunda parte, que ainda está em delineamento, mas que busca compreender como os discursos de submissão feminina reaparecem em formatos narrativos posteriores, incluindo o romance popular contemporâneo e discursos digitais. Nesse sentido, *O diário de Bridget Jones* (1996) surge como possível ponte entre os modelos tradicionais de submissão e suas reformulações pós-feministas. Embora a escrita sobre esse *corpus* ainda esteja em fase exploratória, algumas hipóteses preliminares têm guiado o processo: a de que Bridget Jones, apesar de simbolizar a mulher moderna independente, reproduz uma lógica de autovigilância que ecoa a insegurança das protagonistas góticas; e a de que o casamento ou relacionamento amoroso continua funcionando como prêmio ou meta final para sua trajetória de autodescoberta. A questão aqui não é concluir prematuramente, mas investigar em que medida Bridget atualiza, de forma irônica ou não, os antigos ideais de feminilidade presentes nos romances anteriores. Outra vertente contemporânea a ser explorada, ainda em estado inicial, é o fenômeno das *tradwives*. Esse movimento digital, que promove a figura da “esposa tradicional”, pode oferecer uma chave interpretativa para compreender como a submissão feminina ressurgue hoje sob o discurso da escolha pessoal e da estética idealizada do lar. A dissertação, em sua etapa madura, pretende analisar se esse fenômeno funciona como reencantamento da domesticidade ou como reafirmação das mesmas estruturas patriarcais que sustentam *A Sucessora* e *Rebecca*. O objetivo não é criar uma equivalência direta entre os três momentos históricos, mas investigar os modos



como discursos sobre a “boa esposa” se transformam e permanecem. O caráter exploratório dessa parte está explicitado no projeto, que reconhece que a consolidação dessas análises dependerá das conexões que emergirem ao longo da escrita. No entanto, incluir esse horizonte contemporâneo tem se mostrado relevante para demonstrar que a problemática da submissão feminina não se restringe ao contexto original de publicação dos romances, mas continua atuante na cultura atual, sobretudo em formatos midiáticos amplamente consumidos. A expectativa central da dissertação, portanto, é mostrar como os discursos literários e culturais constroem modelos de feminilidade que se apoiam no medo, na insegurança e na conformação. Em vez de compreender essas narrativas como representações neutras da condição feminina, o projeto busca tratá-las como discursos que moldam formas de ser mulher. Ao enfatizar que *A Sucessora* e *Rebecca* apresentam protagonistas que se constroem sempre em relação a um modelo ausente e idealizado, pretende-se demonstrar que o mecanismo da sucessão (ser como a mulher anterior, nunca como si mesma) é fundamental para entender como essas obras mantêm a submissão como destino. Nas partes seguintes, ainda em desenvolvimento, o diálogo com *O diário de Bridget Jones* (1996) e com o fenômeno *tradwife* pretende reforçar que essa lógica não desaparece, mas se adapta. Se nas narrativas góticas o medo aparece como força explícita, na literatura popular contemporânea ele surge de forma sutil: sob a linguagem do humor, da autodepreciação ou do estilo de vida. Assim, o projeto se compromete a investigar como essas diferentes representações são consumidas como entretenimento e como fantasia identitária. O projeto, como se encontra neste momento, assume caráter aberto e investigativo, reconhecendo que as interpretações propostas ainda serão aprofundadas, ajustadas ou tensionadas à medida que a leitura crítica e a escrita avançarem. Contudo, a estrutura já delineada aponta para uma contribuição relevante no campo dos estudos literários e culturais: compreender a permanência de discursos sobre submissão feminina por meio da análise comparada entre textos distantes no tempo, mas próximos na construção da identidade feminina como imitação, temor e desejo de legitimação. Em síntese, esta dissertação busca analisar como a literatura gótica, a literatura popular e os discursos digitais contribuem para a naturalização ou estetização do papel feminino vinculado ao casamento e à conformação. A narrativa das protagonistas que desejam tornar-se iguais às suas antecessoras revela não apenas um padrão estético, mas um mecanismo cultural de grande alcance, que continua ressoando na contemporaneidade. Ao investigar essas continuidades e rupturas, o projeto se propõe a contribuir para o debate sobre gênero, subjetividade e cultura, mostrando que o imaginário da “boa esposa” permanece vivo, ainda que constantemente remodelado.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v. 1.





BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v. 2.

BOTTING, Fred. *Gothic*. 2. ed. New York: Routledge, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil*. São Paulo: Moderna, 2002.

DU MAURIER, Daphne. *Rebecca*. Trad. Mariana Mesquita e Larissa Lisondo. São Paulo: DarkSide Books, 2018.

FIELDING, Helen. *O diário de Bridget Jones*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FREEMAN, Elizabeth (org.). *The Cambridge Companion to the Gothic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FREUD, Sigmund. O inquietante (Das Unheimliche). In: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a arte e a literatura*. Trad. Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Trad. Célia Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1971.

HOOGENBOOM, Hilary. *The Female Gothic: New Directions*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

NABUCO, Carolina. *A sucessora*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. (Publicado originalmente em 1934).



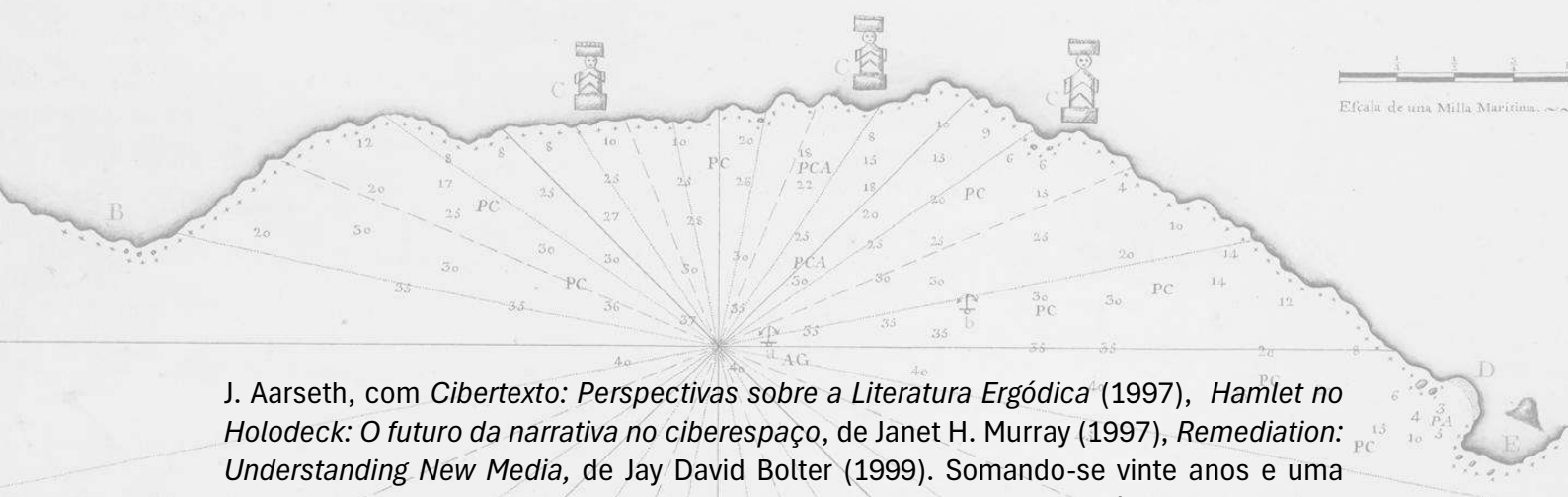
EXPERIMENTALISMO LITERÁRIO NO AMBIENTE CIBERNÉTICO: REDES SOCIAIS COMO VEÍCULO DE HISTÓRIAS – O CASO DE MIKAELI HITS METAL 17 TIMES

Izabelle S. L. Nóbrega (Mestrado)

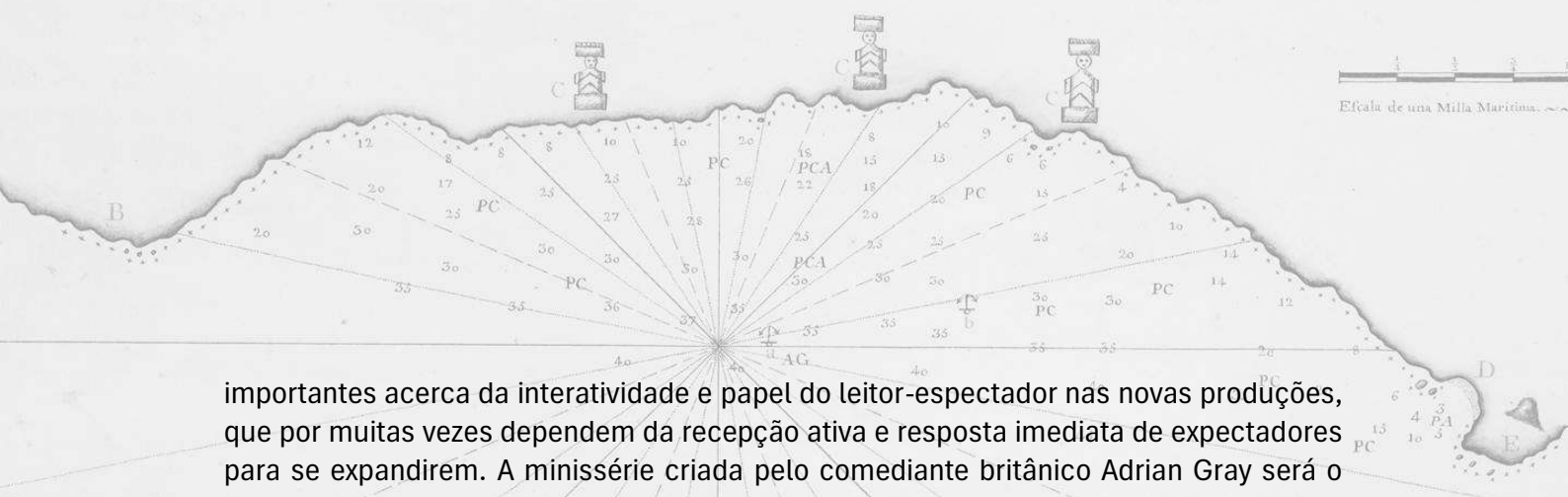
Barbara Cristina Marques (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: maio/2026

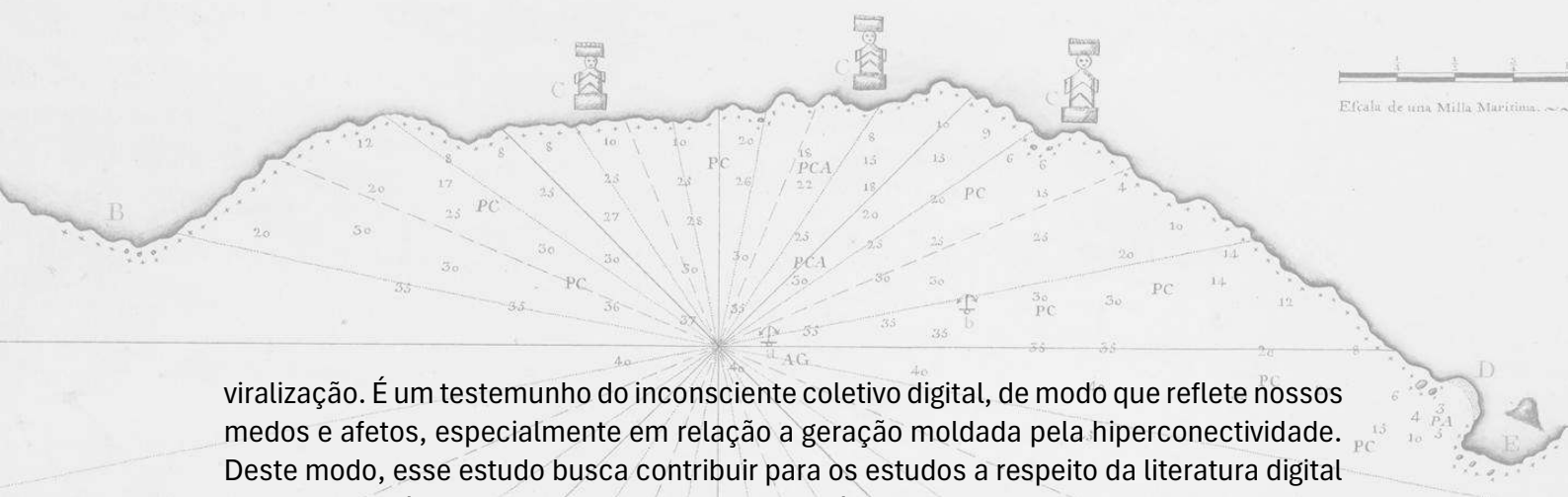
O experimentalismo literário sempre esteve associado à ruptura com modelos hegemônicos, gesto que colocou em evidência, no campo dos Estudos Literários, das Artes e da Teoria da Mídia, discussões em torno da materialidade do objeto literário e os modos de agenciamento de seus suportes. Desde a disposição da letra e suas tipografias na página em branco até as formas de colagem e outras formas de visualidade do texto literário na superfície da página impressa, a relação entre literatura, leitor e produção de sentido passaram por um tipo de estranhamento que, no mínimo, empreenderam outras formas de acesso e fruição. Se as vanguardas estéticas do século XX e a poesia concreta da década de 1960 provocaram "desordem" nos modos de produção e recepção de textos afeitos a um horizonte bem mais propenso à técnica e às materialidades da comunicação, o surgimento das novas mídias, especialmente àquelas expressivas da cultura digital e tecnológica configuradas a partir do uso dos computadores pessoais e da *web*, destinou as práticas literárias para uma sensibilidade técnica sem precedentes. A pesquisa em curso, sob o título provisório "Experimentalismo literário no ambiente cibernético: redes sociais como veículo de histórias – o caso de *Mikaeli hits metal 17 times*", tem por objetivo a análise da minissérie *Mikaeli hits metal 17 times* (2023), criada pelo comediante britânico Adrian Gray, publicada originalmente em *short videos* nas redes sociais, como Instagram e Youtube, norteadas por questões tais como: a) em que medida as redes sociais promovem ecossistemas narrativos; b) como as redes sociais, a partir de dinâmicas próprias, podem modular práticas literárias considerando, por exemplo, a relação entre o texto original (vídeos de Gray), os paratextos (comentários e legendas), os metatextos (montagem) e a própria narrativa expandida; c) caberia uma discussão sobre o estatuto do literário nessa perspectiva, observada a emergência de novas textualidades na cultura digital. É notável o impacto das plataformas digitais na cultura contemporânea. Pode-se falar da influência de novas tecnologias nos estudos literários desde a década de 50, com uma escrita poética experimental realizada através da linguagem da computação, liderados pelo filósofo e matemático alemão Max Bense (Kirchhof). Já com a popularização da internet na década de 90, intensificam-se os estudos sobre a ficção de hipertexto, a dissolução das fronteiras entre autor e leitor, não-linearidade em textos digitais, intertextualidades e meios narrativos na internet, chegando até a mesma a criação da Eletronic Literature Organization (ELO) em 1999 e institucionalizando o termo de forma definitiva. Alguns nomes que publicaram nesse período a respeito do assunto foram Espen



J. Aarseth, com *Cibertexto: Perspectivas sobre a Literatura Ergódica* (1997), *Hamlet no Holodeck: O futuro da narrativa no ciberespaço*, de Janet H. Murray (1997), *Remediation: Understanding New Media*, de Jay David Bolter (1999). Somando-se vinte anos e uma pandemia, as redes foram definidas como um espaço de convivência, expressão, criatividade, entretenimento e trabalho, e, a partir dessa consolidação, é possível notar eventuais experiências de narrativa que surgem de modo espontâneo e as vezes até viral. Em 2023, o comediante britânico Adrian Gray publicou no Instagram, em formato de *reels*, o que viria a ser uma minissérie, uma mini-ficção sobre um protagonista que se vê preso no próprio vídeo, condenado a repetir as mesmas falas e atitudes a cada momento em que seu vídeo é republicado, recebendo o nome de *Mikaeli hits metal 17 times*. Sugerindo um caráter ficcional, nota-se que a literatura demonstra meios de diálogo com o ambiente digital, apropriando-se das suas linguagens e do ritmo exigido. Para pensar a literatura nesse sentido, é necessária uma revisão crítica tanto de conceitos tradicionais como a reflexão desta como um processo em rede, e não como um objeto delimitado. Com o contexto pós-pandêmico é provável que a relação entre indivíduo e tecnologia tenha se fortalecido pelo isolamento social e necessidade das redes como espaço de convivência. A literatura digital nos dias de hoje reflete uma sensibilidade específica do contemporâneo: a experiência de sentir, viver e imaginar mediada pelas telas. Através da investigação deste fenômeno é possível refletir sobre as transformações do inconsciente coletivo examinar as mudanças do inconsciente coletivo e formas de expressão simbólica na era da hiperconectividade. Pensando na relação entre meio, linguagem e percepção, serão utilizados os estudos de Marshal McLuhan (1964) acerca de como a tecnologia de comunicação altera a forma como o ser humano percebe e organiza o mundo, ocasionando o surgimento da literatura nas plataformas digitais. A literatura, nesse meio, transforma sua estética, se torna fragmentada, por muitas vezes participativa, e visualmente estimulante. Lars Elleström propõe noções necessárias para a análise da materialidade multimidiática de produções digitais. Em seus estudos, o teórico aponta modalidades fundamentais que estruturam toda forma de mídia, tal divisão é especialmente útil para examinar como tais narrativas podem emergir em diferentes espaços cibernéticos marcados pela sobreposição de linguagens e pela convergência. Marie-Laure Ryan discute, por sua vez, os modos de aparição da literatura no ambiente computacional, argumenta diversas vezes que o digital não rompe com o literário, porém transforma suas possibilidades expressivas através de três ideias centrais: a de mundos ficcionais, imersão e interatividade e transmidialidade. Assim, a autora demonstra o que é necessário para a legitimação de narrativas em redes sociais, discute o papel ativo que leitor-espectador exerce nesse tipo de trabalho, de modo a aproximá-lo em certos momentos do estatuto de coautor; e auxilia no entendimento de como tais histórias circulam e se adaptam as especificidades de cada plataforma. Irina Rajewsky (2005) e Marina Grishakova (2010) serão consultadas também para melhor investigação e pesquisa no que se refere à compreensão de como as linguagens se entrecruzam nesse meio de modo a criar uma estética. Janet H. Murray (1997) apresenta apontamentos



importantes acerca da interatividade e papel do leitor-espectador nas novas produções, que por muitas vezes dependem da recepção ativa e resposta imediata de expectadores para se expandirem. A minissérie criada pelo comediante britânico Adrian Gray será o objeto de estudo. Nomeada de *Mikaeli Hits Metal 17 Times* e publicada inicialmente no seu Instagram profissional, o objeto apresenta um caso de ficção literária em rede. Nascendo e popularizando sob o formato de meme, acaba por evoluir para uma narrativa episódica, apresentando enredo, personagens, humor e estética própria. Com vídeos de pouca duração (poucos passando de um minuto), os episódios discutem e combinam comédia, absurdo, ficção científica e aborda temas como isolamento, cotidiano, repetição e inteligência artificial. A sua potência reside principalmente na junção entre texto e performance: a legenda, os efeitos, o som, a montagem a partir de vídeos antigos e consciência dos personagens produzem uma experiência híbrida não cabível no material impresso. Com os comentários e consequência influência do público a produção da história se torna um processo vivido de modo coletivo. Deste modo, a série da personagem Mikaeli ilustra a literatura quase algorítmica, própria da dinâmica social do espaço cibernético, como o engajamento, a repetição e a viralização. O algoritmo desempenha um papel participativo, já que influencia no que é visto com base nos interesses do público, sugerindo, lembrando e reinterpretando o objeto assistido. Por meio de uma análise qualitativa e interpretativa, fundamentada na revisão bibliográfica dos teóricos. Uma contextualização será realizada no que se refere a literatura digital e intermedialidade, logo em seguida um estudo sobre o objeto observando os elementos que compõe sua narrativa e sua estética, a fim de melhor estabelecer os argumentos que configurem esse tipo de produção como literatura digital. Uma leitura crítica será necessária para relacionar as dimensões teóricas e empíricas, de maneira em que seja possível compreender como o ambiente digital altera a noção e percepção do tempo, da identidade e a própria noção de literariedade. Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como a literatura eletrônica aparece e se transforma sob o contexto das plataformas digitais, tendo como exemplo a minissérie como estudo de caso de uma narrativa experimental emergente do ambiente cibernético. Como objetivos específicos, destacam-se: i) Conceituar literatura digital, digitalidade, intermedialidade e interatividade; ii) Analisar como essa literatura se adapta as redes sociais e explora novos meios de autoria e de produção; iii) Examinar como o objeto de estudo, à luz de referenciais teóricos, demonstra estratégias narrativas e estéticas; e iv) Refletir possíveis implicações do fenômeno para o futuro da literatura digital e como o leitor-espectador no contemporâneo se comporta diante disso. Estudar a literatura digital e as formas emergentes de narrativa em plataformas digitais nos permite compreender a transformação que o homem passa pelo momento atual, visualizando como a sensibilidade contemporânea nos faz criar, comunicar e imaginar. Como uma continuação reinventada, o literário se adapta as linguagens do presente sem romper com sua potência simbólica. Esses novos meios de contar histórias e expressar o Eu evidenciam a vivência do literário no fluxo das redes, de modo que dialogue com noções como imediatismo, saturação, interação, algoritmos e



viralização. É um testemunho do inconsciente coletivo digital, de modo que reflete nossos medos e afetos, especialmente em relação a geração moldada pela hiperconectividade. Deste modo, esse estudo busca contribuir para os estudos a respeito da literatura digital no contemporâneo, apresentando uma leitura crítica de como plataformas digitais estão se consolidando de forma mais intensa como espaços legítimos de criação artística. A literatura, ao infiltrar-se nas redes, se mostra capaz de traduzir as inquietações do presente e de reformular seu papel de falar sobre o ser humano.

BIBLIOGRAFIA

ELLESTRÖM, Lars. *Midialidade: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade* / Lars Elleström; organizadoras Ana Cláudia Munari Domingos, Ana Paula Klauck, Glória Maria Guiné de Melo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

ELLESTRÖM, Lars. *Transmedial Narration: Narratives and Stories in Different Media*. Department of Film and Literature, Linnacus University. Växjö, Suécia. Palgrave Macmillan, 2018.

GRISHAKOVA, M.; RYAN, M.-L. *Intermediality and storytelling*. Berlin; New York: De Gruyter, 2010.

HARRIGAN, Pat (org.). *First person: new media as story, performance, and game*. Cambridge: MIT Press, 2004.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Revista da Anpoll n. 35, p. 127-142, Florianópolis, jul./dez. 2013.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. Trad. Elissa Khoury Daher e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural, Unesp, 2003.

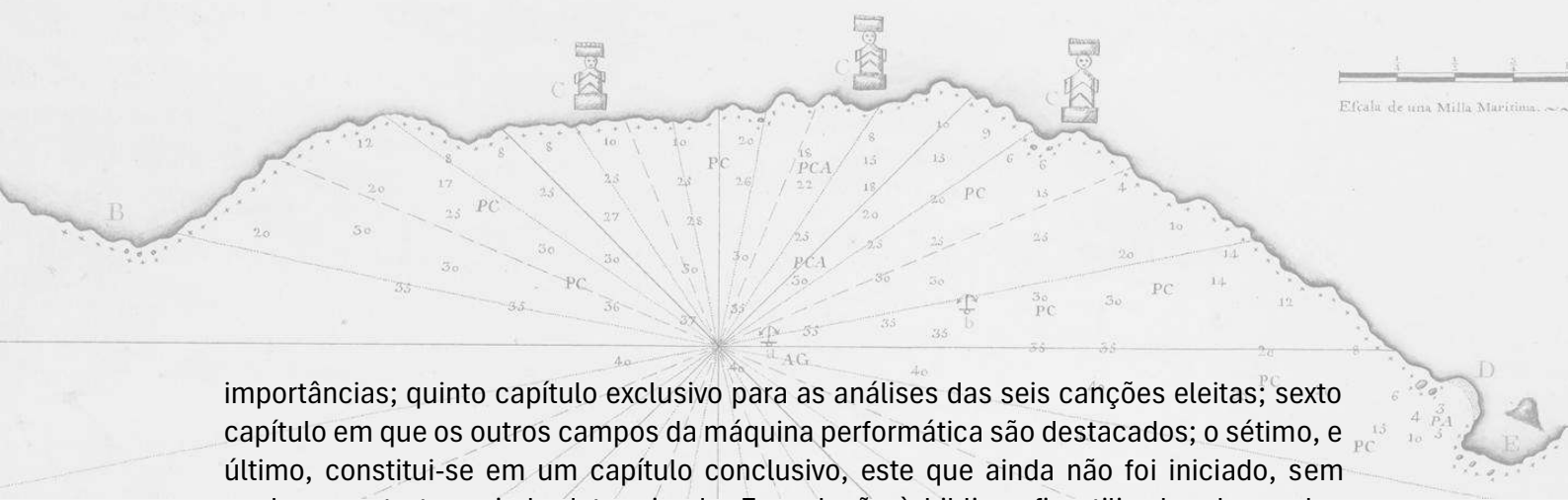
RAJEWSKY, I. Intermedialidade, Intertextualidade e “Remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. Trad. Thaís Flores Nogueira Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis. In: Diniz, T.F.N. *Intermedialidade e Estudos Interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte, UFMG: 2012, p. 15-46.

RYAN, Marie-Laure (org.). *Narrative across media: the languages of storytelling*. Lincoln: Nebraska Press, 2004.

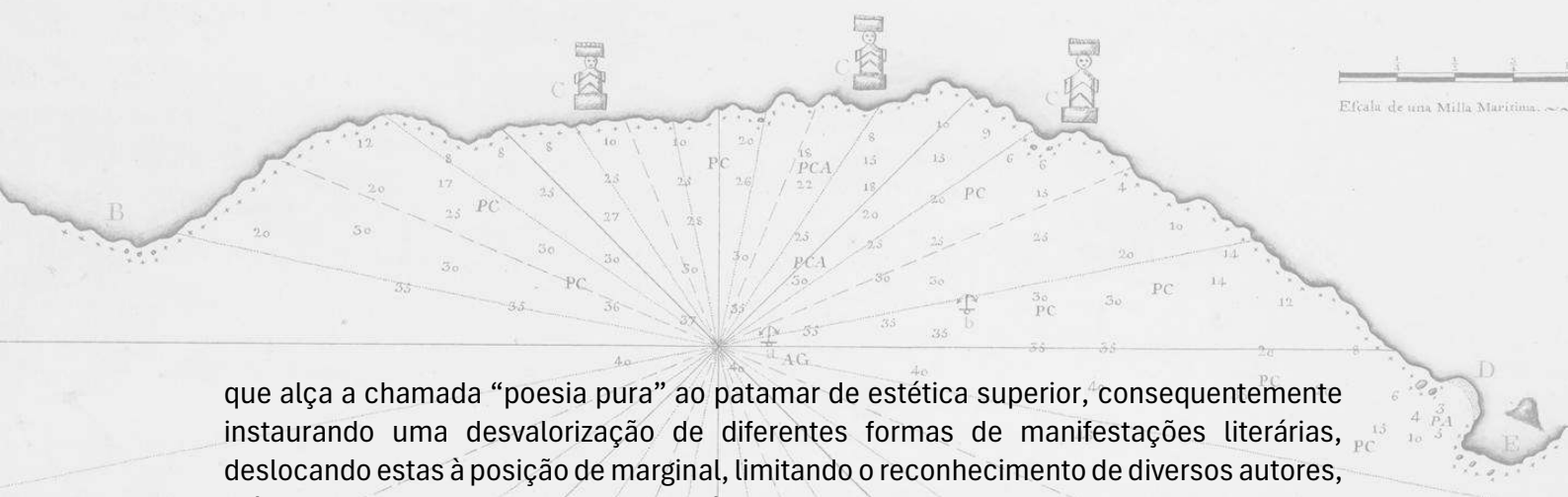


Douglas A. de Santana (Mestrado)
Frederico A. Garcia Fernandes (Orientador)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

Com o intuito de promover uma aproximação ainda mais profunda entre pesquisas do campo literário e da música, áreas que inicialmente constituíam uma única unidade e, ao decorrer do tempo, dividiram-se entre diferentes eixos, o presente trabalho utiliza como sua principal base teórica a ideia de performance desenvolvida e inicialmente proposta pela dupla de pesquisadores argentinos Gonzalo Aguilar e Mario Cámara, explorando a pluralidade de signos dispostos dentro do chamado campo experimental, um espaço multifacetário e pluralístico. Assim, seguindo a concepção que expande as possibilidades de significação dispostas por diferentes signos, sejam eles textuais, visuais, sonoros ou diferentes tipos de acepções, a metodologia adotada nesta dissertação se estruturou em uma seleção inicial de seis canções, em que o foco principal é o destrinchamento da capacidade sonora para a ampliação de significados ou disposição de novos entendimentos para a obra em questão e, posteriormente, duas novas músicas a fim de explorar os demais campos dispostos no ensaio dos dois autores argentinos, observando, deste modo, o impacto de fatores como o da máscara e pose, conceitos formalizados no livro *A máquina performática: a literatura no campo experimental* (2017), bem como o de espaço como meio performático. Para isso, as produções abrangem obras brasileiras, britânicas e estadunidenses, uma seleção feita com o intuito de destacar a amplitude do conceito, uma vez que a teorização do ensaio utilizado como base é focalizada na literatura brasileira, observando, portanto, as canções *A face do destruidor*, *Bichos escrotos*, *The writ*, *Megalomania*, *Am I going insane (Radio)* e *O pulso*, dos grupos *Titãs* e *Black Sabbath*. Para um primeiro momento, a análise focará as “constelações sonoras”, como denominado por Aguilar e Cámara. Também constituem parte do *corpus*: *eSleep now in the fire* e *Polícia*, das bandas *Rage Against the Machine* e, mais uma vez, *Titãs*, para uma fase seguinte em que se exploram as diferentes opções de signos presentes dentro da “máquina performática”. Com isso, a atual dissertação se faz organizada em uma divisão de sete capítulos: um primeiro capítulo, de valor introdutório, oferece uma breve contextualização do conceito, assim como uma ainda mais breve elucidação do contexto histórico e motivação para a pesquisa; em seguida, são utilizados dois capítulos, de natureza estritamente teórica, em que são feitos esclarecimentos a respeito das capacidades linguísticas e como estas sustentam o pensamento da máquina performática, e o terceiro capítulo reservado à apresentação da teoria elaborada no ensaio argentino, o qual intenta explicar e demonstrar como se aplica no âmbito musical; o quarto capítulo consiste em uma apresentação dos artistas, relatando as origens e suas devidas



importâncias; quinto capítulo exclusivo para as análises das seis canções eleitas; sexto capítulo em que os outros campos da máquina performática são destacados; o sétimo, e último, constitui-se em um capítulo conclusivo, este que ainda não foi iniciado, sem nenhuma estrutura ainda determinada. Em relação à bibliografia utilizada, alguns dos textos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho, além de *A máquina performática*, são as pesquisas: *Melopoética: a simbiose literomusical*, de Borges e Paz (2013); *Leituras intersemióticas: a contribuição da melopoética para os estudos culturais*, de Solange Ribeiro de Oliveira (2001); *Intertextualidade musical na obra de Caetano Veloso e Polifonia: a construção do sentido na canção*, ambos artigos de Eduardo Larson (2016); o livro *Literatura e sociedade: narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular*, em especial o capítulo *Letra de música é poesia?*, de Francisco Bosco (2006); *A motivação do signo: aspectos do simbolismo sonoro e da expressividade da fala*, de Juliana Andreassa da Lomba (2017); assim como o artigo “Do som ao traço: o aspecto musical como processo de composição do poema”, de André Freitas e Sérgio Junior (2021); *Música e poesia pura: o fim de um paradigma*, de William Marx (2022); e, por fim, *Poemas entre músicas: dialogia melopoética e(m) uma didática contemporânea*, de Robson Tinoco e Marília de Alexandria (2011). Nota-se que o conceito de melopoética se fez fortemente presente na composição do *corpus* principal da pesquisa apesar de consistir em um campo cujo foco está no estudo em conjunto entre música e literatura que irá abordar, especialmente, a observação entre o canto e a poética, e, desse modo, após este ponto de partida, o caminho escolhido foi o de expansão das análises das produções ao denominado “campo experimental” da teoria de performance, continuando a natureza híbrida e comparatista presente na melopoética, porém, com o acréscimo do viés performático e sua influência em significações no texto visto em *A máquina performática*, considerando, com isso, não apenas o fator técnico e sonoro/musical, mas também os inúmeros signos que acompanham as obras. Destarte, o espaço destinado à análise das canções se configura, primeiramente, por meio de momentos de interpretação do campo lexical, maneira esta que se procura investigar a narrativa disposta nas letras de modo isolado, observando o texto verbal sozinho, para que se determine, em um primeiro contato, a semântica disposta nas produções quando considerados apenas os signos linguísticos e para que, posteriormente, torne-se ainda mais claro o impacto do acréscimo de significados ao se considerar os diferentes signos dispostos nas produções. Esta dinâmica é alterada em um segundo momento ao se observar, em uma nova metodologia, a aplicação dos conceitos de máscara, pose e espaço, dispostos igualmente no ensaio argentino de 2017, dando luz a possíveis novos sentidos que são agregados às obras e, portanto, analisando-as de maneira mais sincronizada com o texto musical. Por fim, mais do que realizar um trabalho analítico tradicional em que a canção é posicionada meramente como parte do gênero poesia e, por conseguinte, passa a ser naturalmente considerada uma forma literária, a presente pesquisa tem como intuito aplicar a teorização disposta por Aguilar e Cámara em obras musicais e, assim, enfrentar, de modo crítico, a hierarquização presente na tradição literária, como apontado por Bosco (2006),



que alça a chamada “poesia pura” ao patamar de estética superior,⁴ consequentemente instaurando uma desvalorização de diferentes formas de manifestações literárias, deslocando estas à posição de marginal, limitando o reconhecimento de diversos autores, além de reforçar uma ideia elitista literária.

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. *A máquina performática: a literatura no campo experimental*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BORGES, Igor Alexandre Barcelos Graciano; PAZ, Ravel Giordano. Melopoética: a simsiiose literomusical. *Revista Athena*, v. 5, n. 2, 2014.

BUENO, André (org.). *Literatura e sociedade: narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

LARSON, Eduardo. Intertextualidade musical na obra de Caetano Veloso. Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: https://www.iar.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/07/V01_ED01_A02_Intertextualidade.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

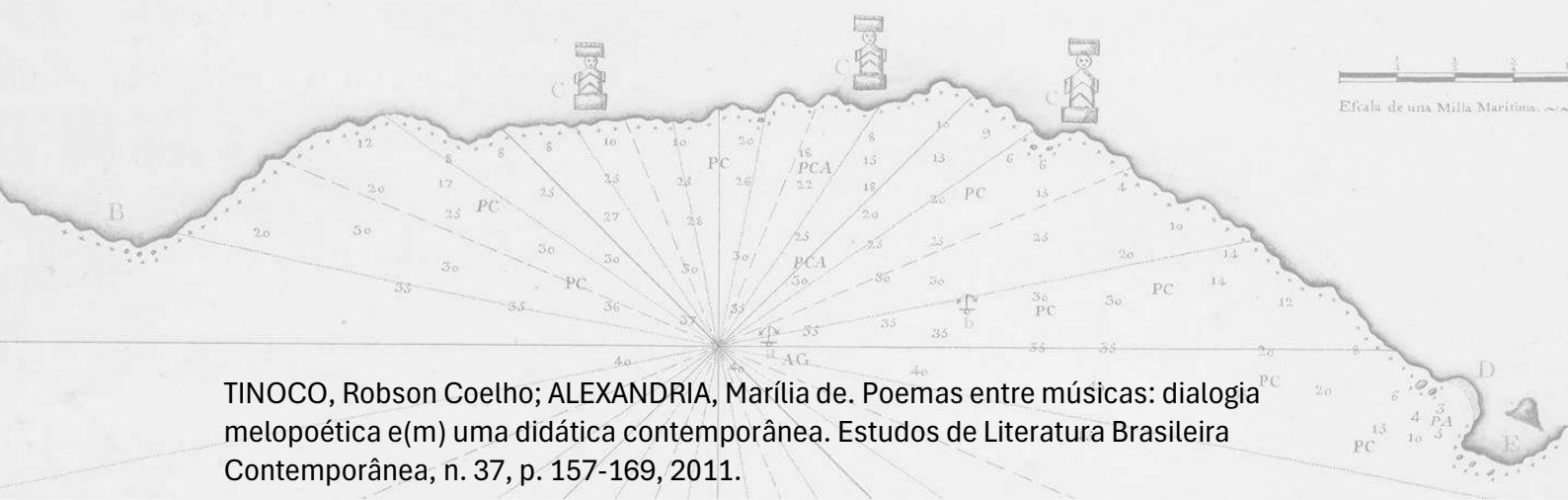
LARSON, Eduardo. Polifonia: a construção do sentido na canção. Anais do Décimo quinto Congresso da ANPPOM. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao18/eduardo_larson.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

LOMBA, Juliana Andreassa da. A motivação do signo: aspectos do simbolismo sonoro e da expressividade da fala. *Intercâmbio*, v. 36, 2017.

MACIEL JUNIOR, Sergio; DIAS, André Luiz de Freitas. Do som ao traço: o aspecto musical como processo de composição do poema. *FronteiraZ*, n. 27, p. 65-78, 2021.

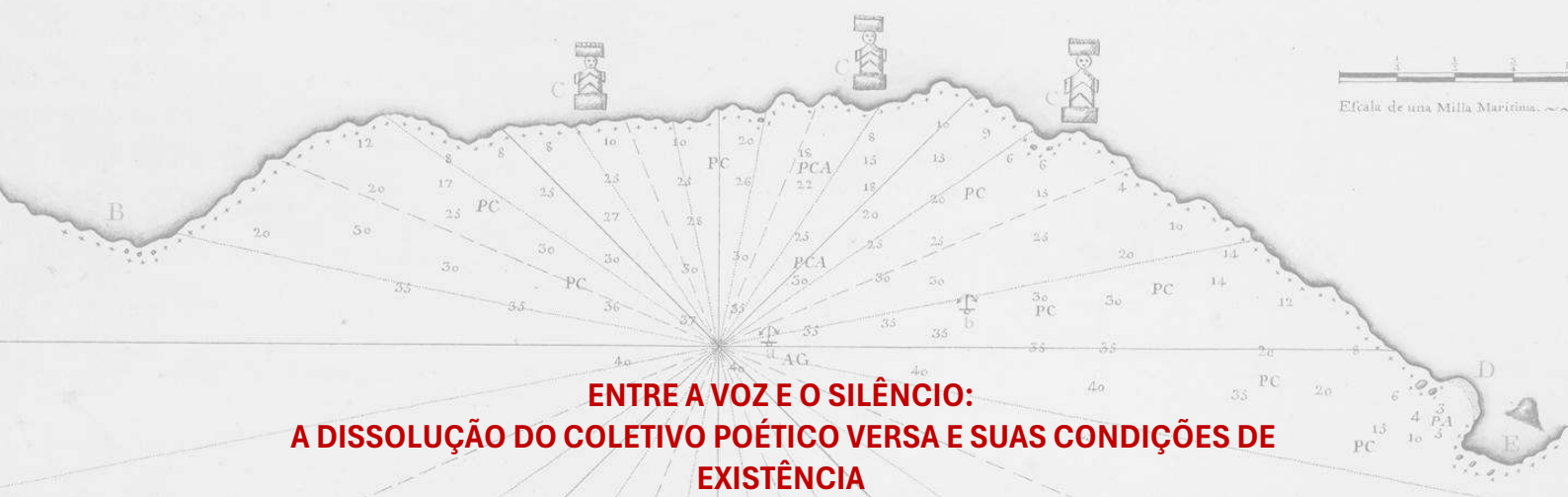
MARX, William. Música e poesia pura: o fim de um paradigma. *Gragoatá*, v. 27, n. 57, p. 70-85, 2022.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Leituras intersemióticas: a contribuição da melopoética para os estudos culturais. *Cadernos De Tradução*, v. 1, n. 7, p. 293-308, 2001.



TINOCO, Robson Coelho; ALEXANDRIA, Marília de. Poemas entre músicas: dialogia melopoética e(m) uma didática contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 37, p. 157-169, 2011.





Malu Monteiro Storer (Mestrado)
Frederico Garcia Fernandes (Orientador)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

Os coletivos poéticos oferecem espaços de expressão, criação e partilha do texto literário que tensionam os limites das formas mais institucionalizadas de literatura. Operam por meio de conexões emocionais, performances e encontros que cultivam outras maneiras de ser e escrever. Essa pesquisa busca analisar o coletivo Versa, ativo em Londrina entre 2017 e 2020, na qual foi formado por mulheres que transformaram laços afetivos em poesia, presença e voz. O estudo busca compreender como esse grupo nasceu, se desenvolveu e se dissolveu, considerando seu impacto na cena literária londrinense. Parte-se da ideia de que a criação literária no coletivo emerge da força do afeto, do potencial dos encontros para a formação de escritoras e do modo como corpo, voz e performance produzem significados que ultrapassam o texto escrito. O presente trabalho fundamenta-se na noção de que o afeto é um fator estruturante da produção coletiva. Em diálogo com Di Leone (2018), em *Poesia e escolhas afetivas*, que menciona “[...] o que rege a vontade de se agrupar é a vontade de se agrupar, escolher estar junto, estabelecer um contato, escolher se afetar” (Leone, 2018, p. 26). Dessa maneira, torna-se evidente que a escrita do Versa surge das experiências compartilhadas, do terreno comum e da legitimação mútua entre autoras que encontraram no grupo um porto seguro para criar e existir literariamente. O Versa surge inicialmente em encontros informais chamados “Café com Poesia”, que, em um primeiro momento, não eram restritos somente às mulheres. Com o tempo, pelas dinâmicas internas e pelas demandas afetivas, o coletivo torna-se exclusivamente formado por mulheres. Essa origem revela que o coletivo foi constituído mais pela necessidade de afirmação de mulheres na cena literária londrinense do que por um projeto previamente estruturado. Tal percepção é corroborada pelas palavras de Samantha Abreu, fundadora do coletivo, que afirma que o grupo se uniu “sem querer”, impulsionado por afinidades e pela percepção de que havia um espaço a ocupar. Essa emergência espontânea evidencia como muitos coletivos surgem de uma inquietação íntima: estar com outras mulheres, compartilhar textos, ler e ser lida. Eventos como o Londrix, o Estação Literária e os saraus no Bar Valentino reafirmam a força do Versa, que rapidamente se torna um ponto de circulação poética e de visibilidade para a literatura de autoria feminina londrinense. Segundo Zumthor (2007) e Aguilar & Câmara (2015), a performance literária constitui parte central da experiência poética e transforma a leitura em acontecimento. Nessa perspectiva, a performance se torna parte da construção das subjetividades das autoras, que afirmam sua existência justamente ao ocupar o espaço



com o corpo e a voz. No livro *Performance, recepção, leitura* Zumthor (2007, p. 84) afirma que “Mas ela [a voz] atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nessa perspectiva, a voz desaloja o homem do seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem. Ao mesmo tempo me revela um limite e me libera dele. [...] escutar o outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte. Essa voz, dirigindo-se a mim, exige de mim uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta”. Dessa maneira, a poesia quando declamada produz um sentimento de troca afetiva para os ouvintes do local, que acrescenta outras camadas de significado à leitura. Além disso, analisar o coletivo Versa pela ótica dos trânsitos também ajuda a situá-lo no polissistema literário contemporâneo, conforme Even-Zohar (1990). Sendo assim, esses trânsitos atravessam autoras, espaços públicos, espectadores, políticas culturais e modos de produção. Nesse sentido, como ocorre com muitos coletivos, o Versa experimenta a efemeridade e chega ao fim no ano de 2020. A dispersão das integrantes, mudanças pessoais e profissionais, o desgaste do ritmo criativo, faltas de políticas públicas e a pandemia contribuíram para o encerramento de suas atividades. Essas condições reforçam uma reflexão sobre a temporalidade dos coletivos poéticos: formações intensas, porém transitórias, sustentadas pelo poder dos encontros que deixa marcado o legado na história de Londrina. Tendo isso em vista, é válido ressaltar que a efemeridade não implica necessariamente fracasso, mas, sobretudo, o processo. Afinal, os coletivos poéticos são grupos onde as pessoas criam juntas e, com o tempo, os laços que unem o grupo mudam, e isso faz com que novas maneiras de trabalhar e novos formatos literários apareçam. Após o fim, é perceptível que as marcas e os rastros do Versa permanecem, de modo que, algumas integrantes seguem escrevendo e recriando suas vozes em trajetórias individuais que ainda reverberam a experiência coletiva. Esse legado fica marcado na literatura londrinense, incentivando novas formações e ampliando a presença feminina em um cenário historicamente pouco diverso até o momento. Metodologicamente, a pesquisa está ancorada na análise de dados, entrevistas com as integrantes do coletivo e questionários, além de obras e trabalhos realizados pelo coletivo. Um exemplo de obra realizada pelo coletivo é a antologia panorâmica *ComVersas*, publicada no ano de 2020, que reúne poemas, poesias, colagens visuais, crônicas e funciona como um panorama de cada autora que compõe o coletivo. Nesse livro, em formato de e-book, o Versa propõe um passeio em formato de voo pela escrita de suas integrantes, a obra retrata como o coletivo é: múltiplo, cambiante e espaço de inspiração e realização para as mulheres escritoras. A dissertação fundamenta-se nos estudos em Di Leone (2018), Zumthor (2007), Butler (2018), Zolin (2010), Fernandes (2017, 2019) e Aguilar e Cámara (2017), para o desenvolvimento do trabalho, pretende-se dividir a dissertação em três capítulos: No primeiro, o objetivo é analisar o surgimento do Versa, sua estruturação afetiva e as produções do coletivo. No segundo capítulo, pretende-se utilizar as práticas e discursos de criação das integrantes e as principais temáticas abordadas em suas escritas. No terceiro capítulo, busca-se refletir sobre os fatores que conduziram à sua dissolução e às produções pós-coletivo de algumas





integrantes. No atual momento, o trabalho encontra-se em fase de finalização e revisão do primeiro capítulo. Como o estudo demonstra, espera-se, então, concluir que os coletivos poéticos, apesar de alguns serem efêmeros, ampliam modos de existência literária e criam espaços de pertencimento e voz para sujeitos historicamente silenciados (Spivak, 2018).

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. *Máquina Performática: a literatura no campo experimental*. Trad. Gênese de Andrade, Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Millit. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980b.

BONNICI, Lucia Osana; ZOLIN, Thomas. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2010. 406 p.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucía. *Literatura e Periferias*. Porto Alegre: Zouk, 2019.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polissystem Studies. In: *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. v. 11, n. 1, 1990. p. 1-268.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. O caso Londrix: subjetividade, territorialização e política na poesia de Maurício Arruda Mendonça. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 52, p. 102-121, 2017. DOI: 10.1590/2316-4018526. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10245>.

FERNANDES, Frederico. *Poesia e política: o espaço público brasileiro nas jornadas de junho de 2013*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

FERNANDES, Frederico. *Corpo-Memória e a Poética da Resistência: apontamentos sobre literatura e performance na América Latina*. In: Sidney Barosa; Dennys Silva-Reis. (org.). *Literatura e outras artes na América Latina*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2019, v. 1, p. 295-322.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. Letramento, 2017.



SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVA, Paola Rodrigues da (org.). *ComVersa: antologia panorâmica*. Edição: Vivian Campos. Diagramação: Vivian Campos. Capa: Vivian Campos. Ilustrações: Camila Sousa; Camila Mossi; Layse Barnabé de Moraes; Vivian Campos. Revisão: Layse Barnabé de Moraes. Londrina, PR: Coletivo Versa, 2020. 145 p.; 3Mb; PDF. ISBN: Não informado.

SOUZA, Danieli. *A poesia de saias*. Folha de Londrina, Londrina, 22 set. 2017. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/a-poesia-de-saias-988970.html?d=1>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 42, p. 11–28, 2013. DOI: 10.1590/S2316-40182013000200001. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9924>. Acesso em: 21 mai. 2019.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

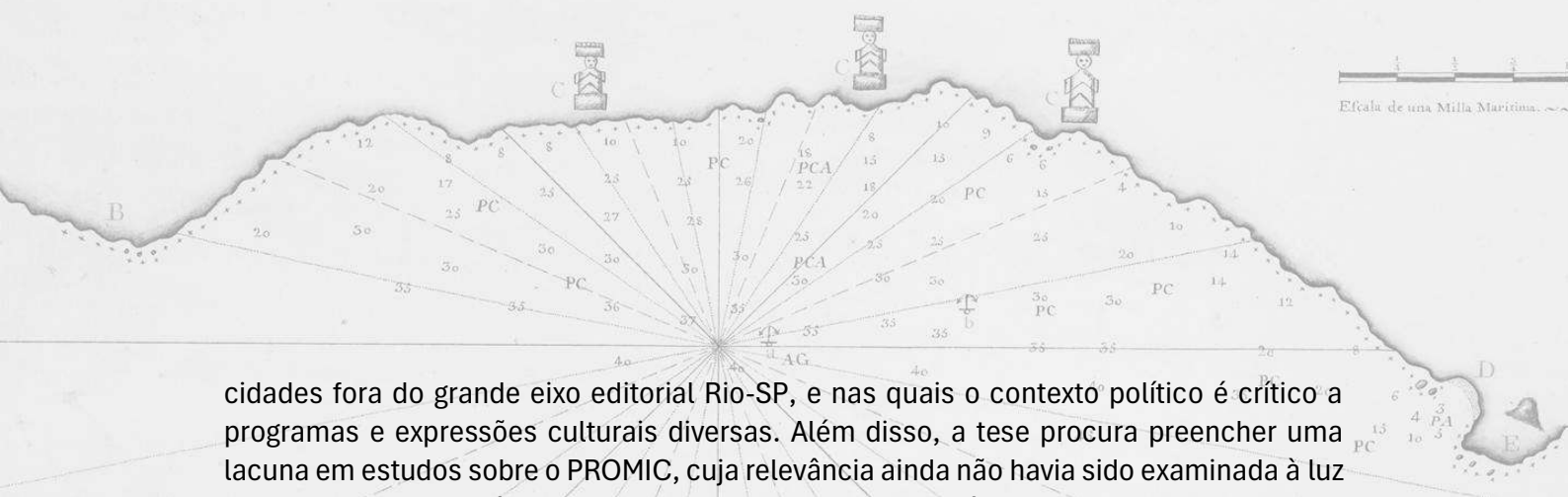


Amanda Maria Damasio Teixeira (Doutorado)

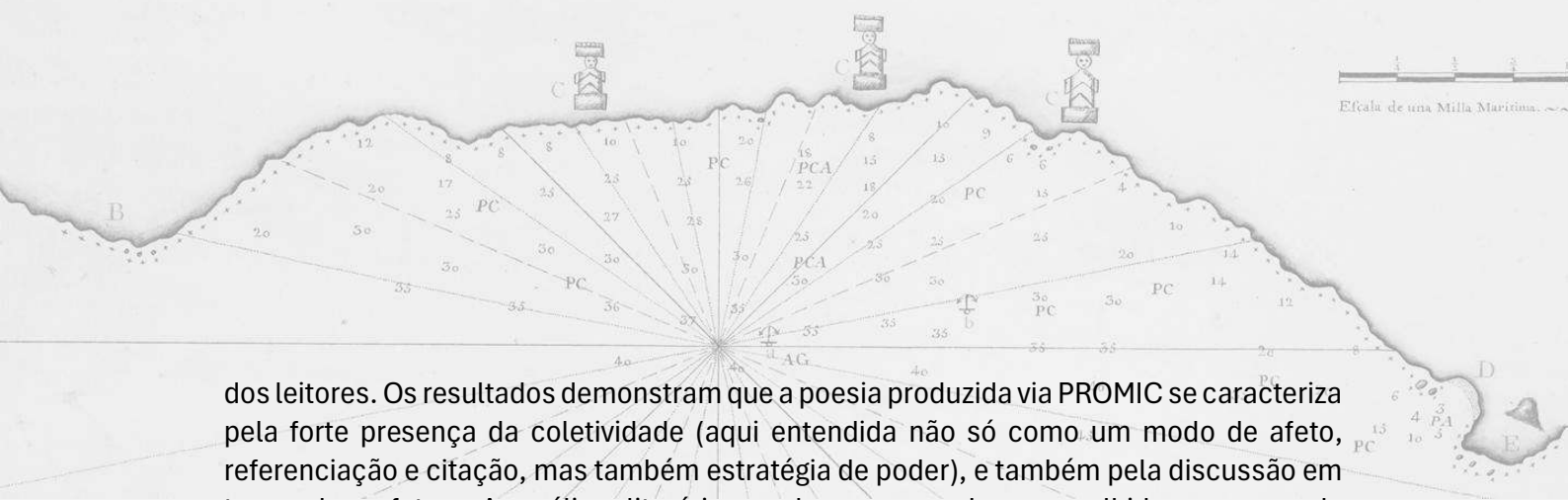
Frederico Garcia Fernandes (Orientador)

7º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

Este trabalho parte da tese de que ideias de afeto e poder se articulam nas obras literárias e nos modos de produção, circulação e vivência de projetos publicados via PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura). O Programa age na cidade de Londrina por meio da abertura de editais de diversas áreas da cultura. Na categoria de literatura entre os anos de 2013 e 2023, a maior parte dos projetos selecionados (que podem ser para viabilização de eventos, oficinas ou produtos, por exemplo) é de publicação de livros. Sendo assim, a fim de compreender mais os impactos do Programa, é interessante buscar um objeto de estudo que represente essa maioria. O *corpus* é composto por quatro livros de poesia publicados via edital: *Cianureto* (2021), de Isabela Cunha; *Os movimentos da cabeça* (2024), de Samantha Abreu; *Molhados & Escorregadios* (2023a), de Layse Moraes e *Tremulus* (2023), de Neuza Pinheiro. O referencial teórico utilizado integra Pierre Bourdieu (1996), que introduz a ideia de poder e campo de produção literária; Luciana di Leone (2014), que junto a Vladimir Safatle (2020), apresenta a afetividade e a coletividade na palavra poética; e Celso Favaretto (2023), que em diálogo com Jacques Rancière (2005) descreve a relação entre arte, política e vida na contemporaneidade. Amparada por este arcabouço, a tese pretende demonstrar que a estrutura imposta pelo PROMIC aos proponentes produz uma literatura que é constituída de vivências relacionais. Desse modo, é atravessada por subjetividades, modos de referenciação e citação a outros escritores, além de disputas simbólicas que evidenciam tanto as potencialidades quanto as tensões inscritas nos campos de produção literária atuais. Entendemos o conceito do afeto levando em conta os trabalhos de Di Leone (2014) em *Poesia e Escolhas Afetivas: Edição e escrita na poesia contemporânea* e Nicolas Bourriaud (2009) em *Estética relacional*. De acordo com os pesquisadores, este conceito se constrói sempre em relação com o outro, num encontro no qual o sujeito pode afetar e ser afetado. A escolha por essa noção em específico, juntamente a de poder, é proveniente do próprio percurso de pesquisa: os temas surgiram principalmente quando, em nosso mestrado, aplicamos um formulário esparsa a produtores culturais, autores e públicos de eventos literários. O projeto de pesquisa, na época focado nos impactos de festivais literários, esclareceu que as dinâmicas de poder e de afeto eram necessárias para que as vivências do sujeito fossem marcantes – e estas sempre eram feitas em contato ou embate com um outro. Sendo assim, a tese de doutorado se faz pelo reconhecimento da importância dessas subjetividades para o campo cultural. A justificativa do trabalho reside na necessidade de compreender os impactos das políticas públicas de incentivo à cultura, especialmente em



idades fora do grande eixo editorial Rio-SP, e nas quais o contexto político é crítico a programas e expressões culturais diversas. Além disso, a tese procura preencher uma lacuna em estudos sobre o PROMIC, cuja relevância ainda não havia sido examinada à luz dos afetos e das dinâmicas de poder. No plano metodológico, a pesquisa adota uma abordagem que articula a análise de obras literárias com o arcabouço teórico, em diálogo com documentos oficiais do Programa (como editais, portarias e planos de trabalho) e entrevistas semiestruturadas com as autoras e produtores culturais. Essa construção permite observar como as dinâmicas aqui relatadas se manifestam tanto nas obras quanto nos processos institucionais do PROMIC. A estrutura do trabalho se divide em cinco capítulos, e todos foram escritos até o presente momento. O primeiro capítulo estabelece a fundamentação conceitual da tese ao apresentar a literatura como vivência relacional, mobilizando autores como Di Leone (2014) e Bourriaud (2009) para articular as noções de afeto e poder num contexto social. Buscou-se demonstrar também nesta parte que os próprios documentos oficiais do PROMIC definem a arte almejada (aquela que ele pretende viabilizar) no âmbito da coletividade. O segundo toma como objeto principal o livro *Molhados & Escorregadios* (2023a) para discutir o efeito da referenciação a outras escritoras e tomada de espaços de poder dentro e fora do texto como movimento contra a opressão de gênero. Nesta parte, contamos com auxílio de pesquisadoras como Zolin (2003) em *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas* e Heloisa Buarque de Hollanda (2021) em *29 poetas hoje*. Um exemplo do que verificamos é o poema “tudo o que eu nunca te disse, dentro dessas margens” (2023a, p. 22), em que a voz lírica dedica o poema a Ana Cristina Cesar, apontando em um subtítulo: “de quem roubei e embaralhei os versos”. Vemos aqui que há nesse texto a intenção de fazer junto, de nomear uma referência para o eu-lírico, localizando a autora numa posição específica do campo de produção literária. E isso não se estabelece somente nos poemas, mas também nos desdobramentos dessa produção: nos dois lançamentos do livro, houve um sarau e um bate-papo, propostas de cunho coletivo. Seguindo a estrutura exposta anteriormente, há o terceiro capítulo, que tem como foco o livro *Tremulus*, de Neuza Pinheiro (2023), em que exploramos as ideias de “complementaridade e antagonismo”, pensamento de Bourdieu (1996), que trabalha as noções aqui selecionadas. Nesse caso, a obra de Pinheiro é estruturada através da coletividade: não só nos poemas com dedicatória, mas também no posfácio e nas fotos dos familiares e de outros artistas que compõem o livro, o que julgamos ser também uma estratégia de poder; um modo de angariar capital simbólico a partir da inserção de autores consagrados na obra, sendo um deles Paulo Leminski. Acreditamos que a mesma ideia ocorre com o poema em Moraes (2023a), citado anteriormente. O quarto utiliza a obra *Cianureto* (2021) para expor a ideia de sobrevivência de um corpo a partir da escrita, como também a colaboração entre artistas e autonomia nos processos criativos, já que se trata de um livro construído em colaboração gráfica com Maikon Nery, designer. O capítulo final explora o último livro de Samantha Abreu, *Os movimentos da cabeça* (2024), usando-o como exemplo de construção poética metalinguística e organização de eventos que privilegiam a recepção



dos leitores. Os resultados demonstram que a poesia produzida via PROMIC se caracteriza pela forte presença da coletividade (aqui entendida não só como um modo de afeto, referenciação e citação, mas também estratégia de poder), e também pela discussão em torno dos afetos. A análise literária revela que as obras escolhidas, apesar de apresentarem temáticas distintas, convergem ao explorar, no gênero poesia, a relação entre o eu e o outro, perpassando as ideias de gênero, poder, afeto e coletividade. Cada obra responde de um modo diferente às exigências, obrigações e contrapartidas do PROMIC. Tais diferenças impactam a sua maneira de estruturar os livros e, posteriormente, de organizar eventos para divulgá-los, algo obrigatório aos projetos viabilizados. A escrita aparece nos próprios textos literários (em metalinguagem) como mitigação do sofrimento, renascimento, possibilidade, comunicação, expressão do desejo – sempre em uma vivência relacionada com um outro. Demonstrou-se, então, a partir de entrevistas, poemas e documentos selecionados, que uma vivência específica da literatura se sobressai em todas as obras: a escrita como instrumento de afeto (para consigo mesmo, para com outros autores e para com o próprio campo literário) e de poder (como modo de se colocar no mundo e ocupar espaços simbólicos e concretos). Assim, o trabalho propõe uma visão ampliada e sensível do impacto da poesia no campo de produção literária, ressaltando a importância das políticas públicas que viabilizam, visibilizam e distribuem de forma contundente a produção local.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Samantha. *Os movimentos da cabeça*. Londrina: Atrito Arte, 90 p., 2024.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. *O autor como gesto*. In: Profanações. Tradução: Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- AGUILAR, Gonzalo; CÂMARA, Mario. *Máquina Performática: a literatura no campo experimental*. Tradução: Gênese de Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução: Mario Laranjeira; revisão de tradução: Andréa Stahel M. da Silva. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.



BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 160 p., 2002.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Martins, 2009.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução: Fernanda Siqueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. Tradução: Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CUNHA, Isabela. *Cianureto*. Londrina: Ed. da Autora, 2021.

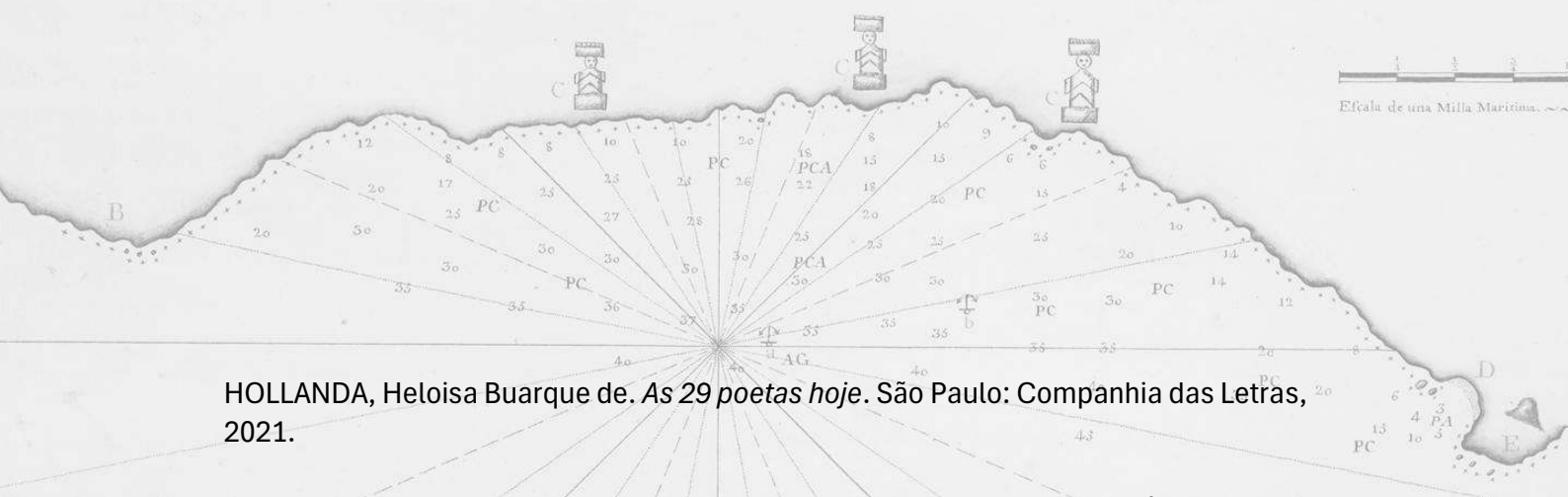
DI LEONE, Luciana. *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

FAVARETTO, Celso. *Ainda a arte contemporânea*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

FERNANDES, Frederico. O caso Londrix: subjetividade, territorialização e política na poesia de Maurício Arruda Mendonça. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 52, p. 102-121, dez. 2017.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. Infecção na sentença: a escritora e a ansiedade de autoria. Trad. Cíntia Schwantes e Eliane Campello In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (org.). *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

HARWICZ, Ariana. *O ruído de uma época: aforismos, correspondências e ensaios*. Tradução: Silvia Massimini Felix. São Paulo: Editora Instante, 2024.



HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2025.

MORAES, Layse. *Outros jeitos de usar a boca: a poética da cura na literatura contemporânea escrita por mulheres*. 2022. 198 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

MORAES, Layse. *Molhados & Escorregadios*. 1. ed. Londrina: Grafatório, 2023a.

MORAES, Layse. *Bate-papo: uma saída poética dentro e fora da universidade*. Londrina: Ppgl, 2023b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZl1dyAXKZw&t=953s>. Acesso em: 14 abr. 2025.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

PEREIRA, Ana Cristina. *De afeto em afeto se faz pérola: o sarau e a performance como constituinte de redes afetivas e estratégia de inserção do texto literário na atualidade*. 101 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

PINHEIRO, Neuza. *Tremulus*. Londrina: Grafatório, 2023.

PIRES, Eloiza Gurgel. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 03, p. 813-828, jul. 2014. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022014000300015&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 16 out. 2025.

PORTO, Marta. *Imaginação: reinventando a cultura*. São Paulo: Polén, 128 p., 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *Estética e política: a partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2005.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

TEIXEIRA, Amanda Maria Damasio. *PROMIC: o impacto de políticas públicas de cultura nos campos de produção literária*. 2022. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.



WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução: Denise Bottmann. Porto alegre: L&PM, 2012.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

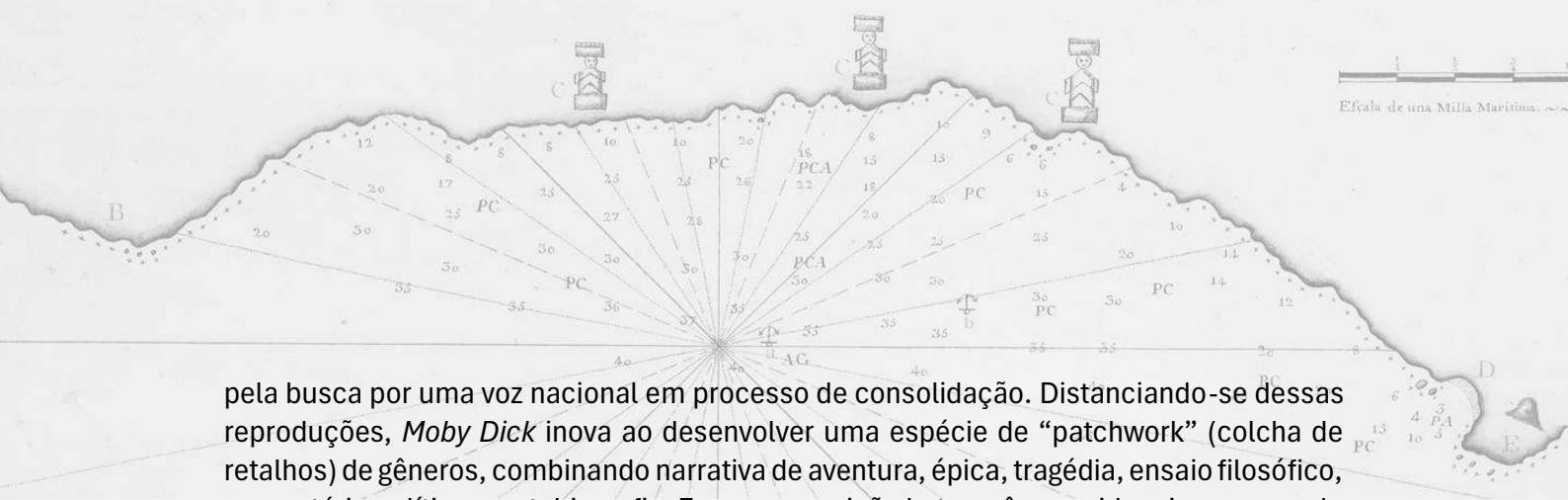
ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 128 p, 2007.



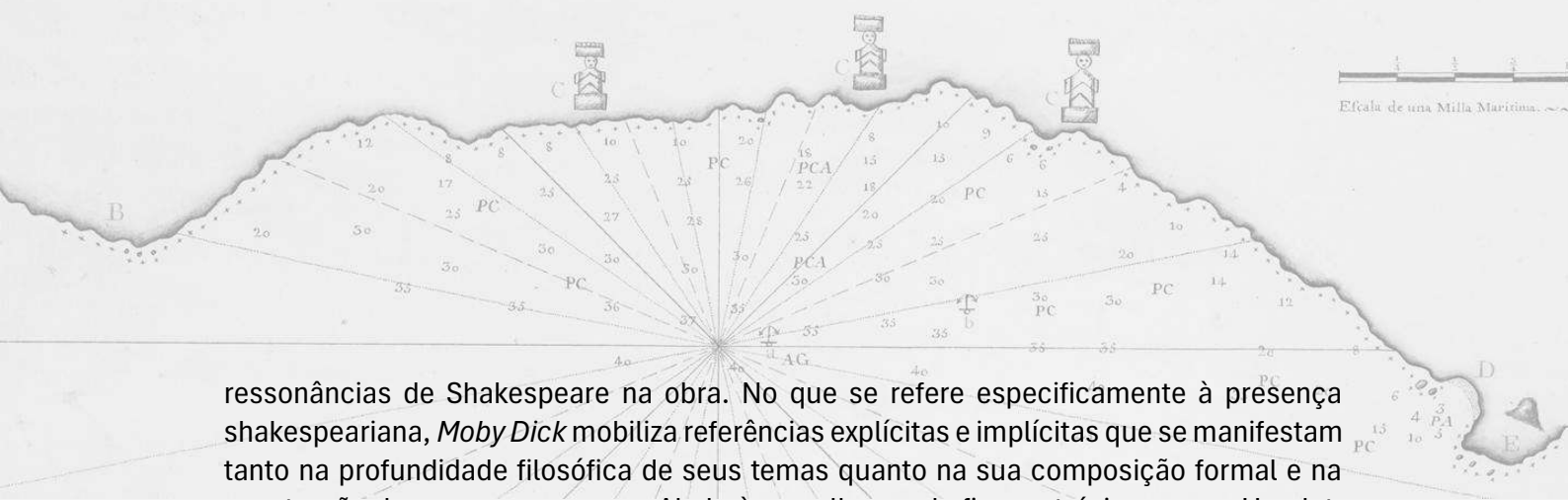
ESTUDOS SOBRE SHAKESPEARE EM *MOBY DICK*: UMA LEITURA DE MELVILLE À LUZ DE SUA INFLUÊNCIA SHAKESPEAREANA

Vivian Batista Gombi (Doutorado)
Cláudia Camardella Rio Doce (Orientadora)
5º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver uma leitura sobre a obra *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, a partir da análise de suas relações com a dramaturgia de William Shakespeare. Parte-se do reconhecimento de que Melville foi profundamente influenciado pelo escritor inglês, especialmente no tratamento da linguagem, na incorporação de estruturas dramáticas e na construção de uma dimensão filosófica que confere densidade singular ao romance. Para além dessa influência direta, o exame dessa relação se justifica por três razões principais: compreender a relação complexa e, por vezes, ambivalente, que Melville estabelece com Shakespeare em seu esforço de formular uma literatura autenticamente norte-americana no contexto de afirmação cultural dos Estados Unidos do século XIX; investigar de que modo ele reelabora o modelo shakespeariano de forma inventiva, valendo-se dele para construir um estilo próprio, caracterizado pela convergência entre narrativa épica, drama e especulação metafísica; e situar *Moby Dick* no interior da tradição literária moderna, mostrando como o romance dialoga com questões essenciais sobre individualidade, interioridade e crise dos valores. Tais questões também estão presentes nas tragédias de Shakespeare, mas são expandidas e radicalizadas por Melville, que antecipa preocupações centrais da modernidade tardia. Nesse sentido, investigar a presença de Shakespeare em *Moby Dick* não corresponde apenas a mapear influências - o que tem sido parte significativa da pesquisa em curso -, mas também a compreender como o romance funciona como obra de inflexão estética, nutrindo-se da herança shakespeariana ao mesmo tempo que a ultrapassa. Esse movimento contribuiu de maneira decisiva para a consolidação do romance norte-americano moderno e para a redefinição dos limites do gênero no século XIX. A ambivalência de Melville em relação a Shakespeare torna-se ainda mais perceptível quando observada à luz de seu ensaio literário publicado como *Hawthorne e Seus Musgos*, no qual o autor reconhece a importância tanto de Shakespeare quanto de Nathaniel Hawthorne na formação de seu estilo literário. O encontro com Hawthorne teve papel determinante na concepção de *Moby Dick*, impulsionando-o na construção de uma literatura norte-americana e reforçando seu desejo de criar uma forma literária que se distanciasse dos modelos europeus sem abandonar um diálogo crítico com eles. Não por acaso, a epígrafe de *Moby Dick* presta tributo explícito ao “gênio” de Hawthorne. Essa dupla influência inscreve-se em um cenário literário norte-americano ainda marcado pela reprodução dos cânones europeus, especialmente o shakespeariano, mas já atravessado



pela busca por uma voz nacional em processo de consolidação. Distanciando-se dessas reproduções, *Moby Dick* inova ao desenvolver uma espécie de “patchwork” (colcha de retalhos) de gêneros, combinando narrativa de aventura, épica, tragédia, ensaio filosófico, comentário político e autobiografia. Essa composição heterogênea evidencia a recusa de Melville em restringir-se a um modelo único, inclusive ao modelo dramático de Shakespeare, em seu empreendimento criativo. A construção estilística do romance, entretanto, somente se compreende plenamente quando situada no percurso literário do autor. Por essa razão, parte deste estudo dedicou-se ao exame de outras obras importantes de Melville, tais como *Tai Pi* (1846), *Jaqueta Branca* (1850) e *Bartleby, o escrevente* (1853). Esse percurso revela o contraste entre o sucesso comercial dos primeiros livros e a recepção negativa de *Moby Dick*, cuja originalidade estética destoou das expectativas do público da época. O fracasso inicial evidencia a distância entre a experimentação formal de Melville e o horizonte literário vigente nos EUA do século XIX. Não é fortuito que o reconhecimento decisivo da obra tenha ocorrido apenas na década de 1920, quando o advento do modernismo renovou as categorias críticas e permitiu uma leitura mais adequada de sua complexidade. De fato, *Moby Dick* antecipa procedimentos característicos do romance moderno, como fragmentação estrutural, multiplicidade de gêneros, uso da ironia, reflexão metaficcional e aprofundamento da interioridade, aproximando-se, nesse sentido, de autores posteriores como Joyce, Faulkner e Conrad. Para além da forma, a modernidade do romance manifesta-se também em seus temas. O tema da busca por sentido, recorrente na tradição literária, adquire em *Moby Dick* uma densidade que integra personagens, episódios e reflexões. O protagonista Ismael procura um significado para a existência, enquanto o capitão Ahab encarna a ambição humana de enfrentar forças absolutas para afirmar sua vontade de vingança. Essa busca grandiosa, porém, é atravessada por contradições que a desestabilizam: converte-se em destruição, evidencia a impotência humana diante do destino e expõe tanto a fragilidade da vontade quanto a impossibilidade de dominar plenamente a natureza ou a própria interioridade. Outro tema relevante do romance é a crítica à hipocrisia cristã, perceptível sobretudo na relação entre Ismael e Queequeg, cuja generosidade e disciplina ritual contrastam com valores professados, mas frequentemente não cumpridos, pelos personagens ocidentais. A natureza, figurada pela baleia branca, emerge como força sublime e ambígua, simultaneamente destrutiva, bela e incontrolável. O desfecho trágico, marcado pela morte da tripulação e pela destruição do Pequod, sugere que o conflito entre ser humano e natureza permanece irresoluto e não admite vencedores. Para compreender plenamente essas dimensões da narrativa, torna-se essencial um maior aprofundamento nas intertextualidades presentes em *Moby Dick*, não apenas por meio do estudo de obras relevantes de Shakespeare, mas também através de trechos específicos da *Bíblia*, de *Paraíso Perdido*, de John Milton, e da *Odisseia*, de Homero. Todas essas referências são recorrentes na obra de Melville e constituem um horizonte simbólico importante para a interpretação do romance. O exame sistemático desse conjunto de influências será desenvolvido nos próximos meses desta pesquisa, o que auxilia a dimensionar as



ressonâncias de Shakespeare na obra. No que se refere especificamente à presença shakespeariana, *Moby Dick* mobiliza referências explícitas e implícitas que se manifestam tanto na profundidade filosófica de seus temas quanto na sua composição formal e na construção de seus personagens. Ahab, à semelhança de figuras trágicas como Hamlet, Lear ou Macbeth, é movido por um desejo que estrutura sua subjetividade e anuncia sua queda. A tensão entre livre-arbítrio e destino, central em Shakespeare, reaparece em Melville sob forma modernizada. Diversos críticos, entre eles Harold Bloom, F. O. Matthiessen, Charles Olson e Andrew Delbanco, observam que Melville reelabora recursos dramáticos shakespearianos, como monólogos grandiloquentes, conflitos internos e densidade trágica, convertendo-os em matéria romanesca e produzindo uma obra de escopo ético e metafísico singular. Embora ambos os autores compartilhem temas semelhantes, suas diferenças históricas e estéticas são decisivas: enquanto Shakespeare organiza suas peças a partir da ação, Melville privilegia a introspecção, a reflexão ensaística e a multiplicidade de perspectivas. Essa diferença evidencia a passagem de uma tragicidade shakespeariana centrada na ação para uma tragicidade moderna voltada à crise do sujeito e à problematização da vontade. Para uma análise mais abrangente dessa inovação formal e temática em *Moby Dick*, serão necessários estudos complementares, já em andamento, sobre suas intertextualidades e suas relações com o contexto literário e histórico de sua produção.

BIBLIOGRAFIA

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

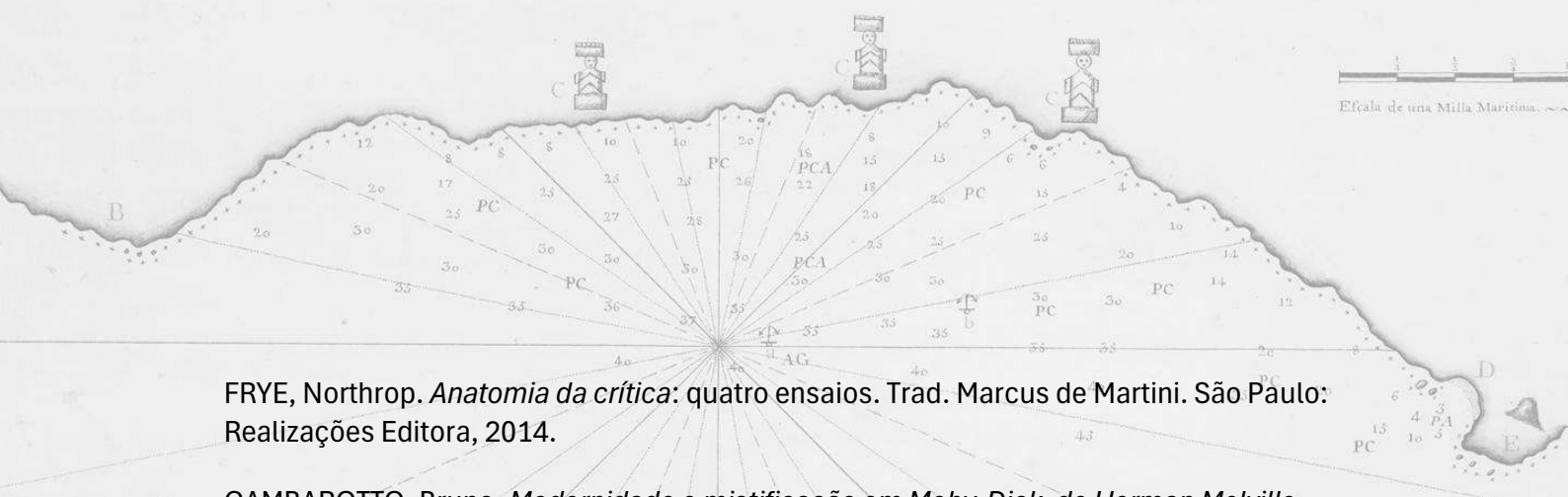
BLOOM, Harold. *O Cânone Americano: o espírito criativo e a grande literatura*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2017.

BLUMENTHAL, Rachel. *Herman Melville's politics of imperialism: colonizing and de-colonizing spaces of ethnicity*. Vanderbilt Undergraduate Research Journal, v. 2, n. 1., Vanderbilt University, 2006.

COLCORD, Lincoln. Notes on *Moby Dick*. In: BLOOM, Harold. (ed.). *Bloom's classic critical views: Herman Melville*. New York: Infobase Publishing, 2008. p. 106-117.

DRYDEN, Edgar A. *Melville's Thematics of Form: The Great Art of Telling the Truth*. Johns Hopkins University Press, 2019.

FERRAZ, Heitor. Herman Melville e *Moby Dick*: vida e obra. In: MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Tradução Berenice Xavier. São Paulo: Abril, 2010. Clássicos Abril Coleções, v. 15. p. 415-428.



FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

GAMBAROTTO, Bruno. *Modernidade e mistificação em Moby-Dick, de Herman Melville*. 2012. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-14032013-104328.

KAZIN, Alfred. Introduction to Moby-Dick. In: BLOOM, Harold (org.). *Herman Melville's Moby-Dick*. Updated edition. Nova Iorque: Infobase Publishing, 2007, p. 7-18.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o Escrivente*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Grua Livros, 2014.

MELVILLE, Herman. *Jaqueta Branca: edição comentada*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Companhia das Letras, 2023

MELVILLE, Herman. *Moby Dick, ou a Baleia*. Trad. Irene Hirsch e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Editora 34, 2019.

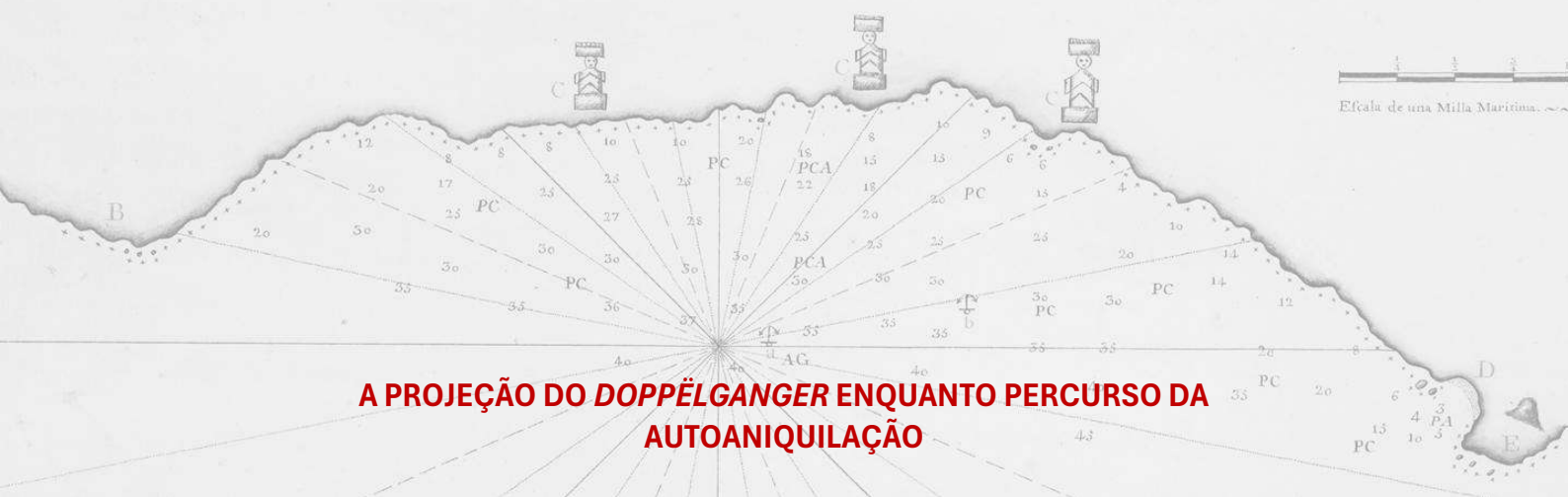
MELVILLE, Herman. *Moby-Dick – or, The Whale*. London: Penguin Books, 2003.

MELVILLE, Herman. *Tai Pi: um olhar sobre a vida na polinésia*. Trad. Miguel Martins. Coimbra: Minotauro, 2023.

SHAKESPEARE, William. *Teatro completo: Tragédias e comédias sombrias*. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.

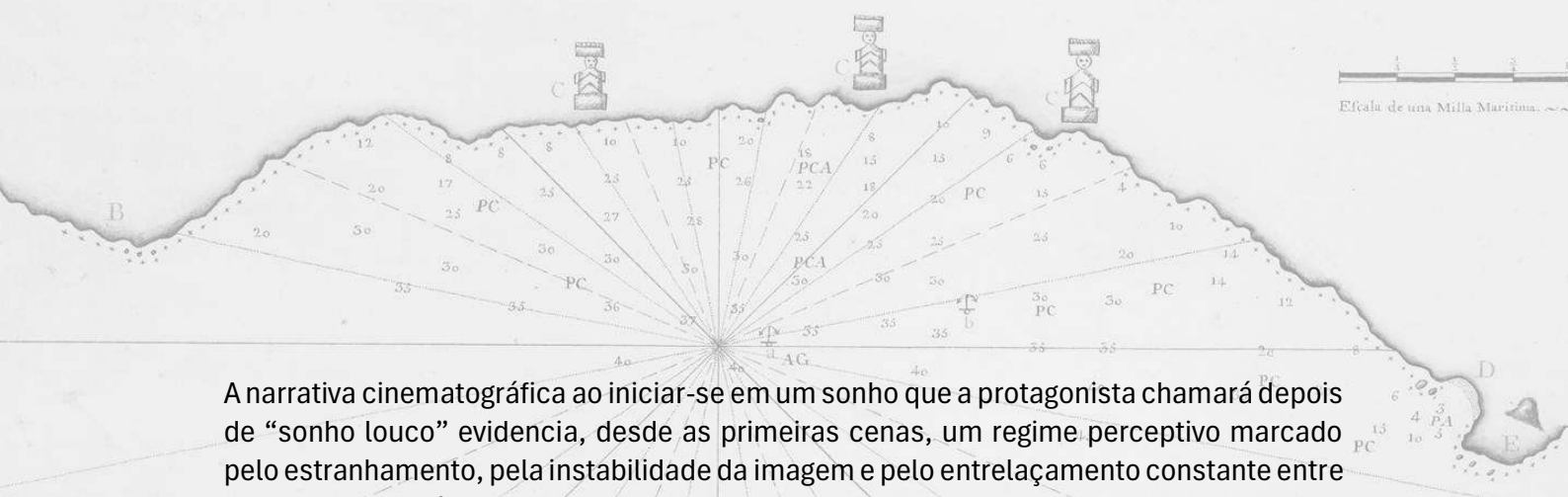
SANBORN, Geoffrey. *The Value of Herman Melville*. New York: Cambridge University Press, 2018.

YE, Xiaoni. *Moby-Dick: A Study of the Shakespearean Resonance*. English Language and Literature Studies, v. 15, n. 1, p. 47-55, 2015. DOI: 10.5539/ells.v15n1p47.

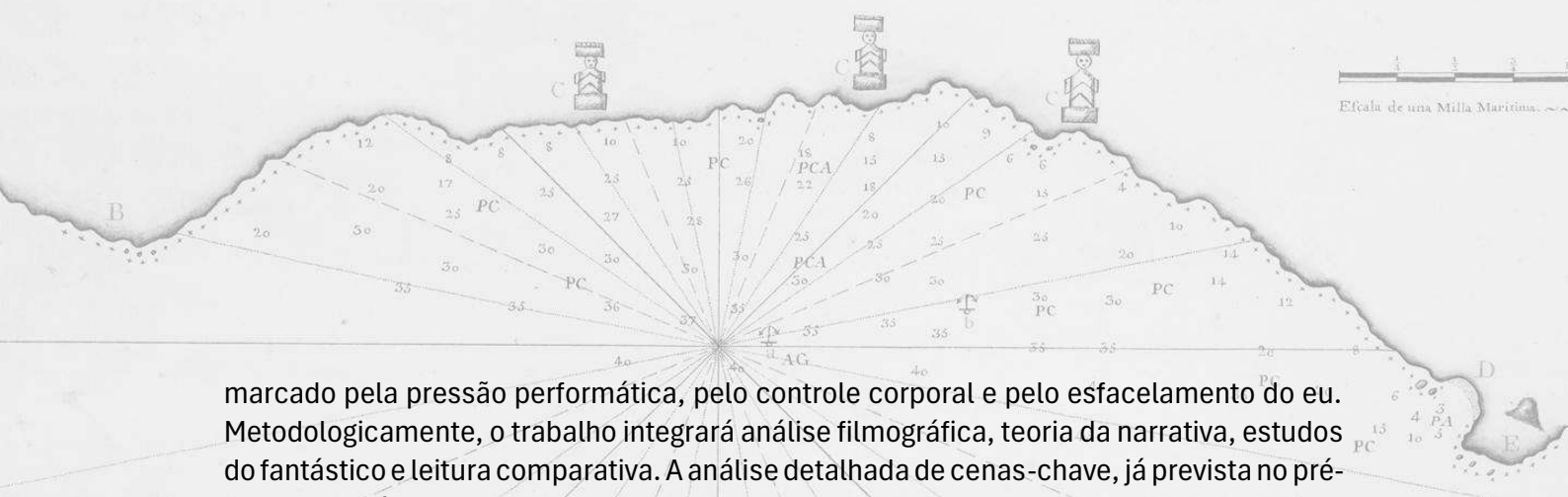


Maria Fernanda Buratto de Assis (Mestrado)
Cláudia Camardella Rio Doce (Orientadora)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

O presente trabalho tem como objeto central o filme *Cisne Negro* (2010), dirigido por Darren Aronofsky, cuja complexidade estética e narrativa suscita uma investigação aprofundada sobre a crise da subjetividade moderna, a manifestação do duplo e a experiência traumática no cinema contemporâneo. Embora o filme estabeleça intertextualidade evidente com o balé *O Lago dos Cisnes* (1877), de Tchaikovsky, e dialogue com contos tradicionais, oriundos do folclore popular, como “The White Duck” (1858), de Afanásiev, “The Swan Maiden” (1895), de Hofberg, e “The Stolen Veil” (1791), esses textos ocuparão um lugar comparativo na análise, não constituem o *corpus* principal, mas funcionam como contraponto histórico-narrativo para compreender de que forma a contemporaneidade reconfigura motivos, temas e estruturas herdadas da tradição para uma nova ótica própria de seu tempo. Nesse sentido, o ponto de partida teórico reside na reflexão sobre a narrativa apresentada por Walter Benjamin (1936; 1940), em textos fundamentais como “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1985), “O narrador” (1985) e o prefácio “Walter Benjamin ou a história aberta” (1985), de Jeanne Marie Gagnebin, ao volume *Magia e técnica, arte e política*, no qual relaciona a transformação das formas narrativas à perda progressiva da experiência (*Erfahrung*) e à incapacidade do homem moderno de organizar suas vivências em um horizonte de sentido contínuo. O contraste entre a narrativa tradicional dos contos e a narrativa contemporânea do filme nos faz levantar a hipótese de que *Cisne Negro* ressignifica elementos maravilhosos e simbólicos anteriormente mencionados, metamorfose, duplicação, aprisionamento, opressão, revelando-os como sintomas de fraturas psíquicas e de uma subjetividade que, no século XXI, já não encontra estabilidade nem unidade. Enquanto os contos tradicionais repousam em uma matriz cultural comunitária, marcada pela transmissão oral, pela produção coletiva, interesse não comercial e pelo acúmulo da experiência, o filme se constitui como produto ainda caracterizado por aspectos modernos: pela fragmentação, pelo choque, pela despersonalização e pela ruína da aura, temas analisados por Theodor Adorno (1951; 1970), Walter Benjamin e Susan Buck-Morss (1992). Esse deslocamento entre duas formas de narrar — a tradicional e a contemporânea — se converte em eixo metodológico da dissertação, isto é, compreender como a experiência contemporânea atravessa e reorganiza motivos arquetípicos da tradição, produzindo novas tensões que emergem de forma dramática na trajetória de Nina Sayers, protagonista do filme e bailarina principal no simulacro de *O Lago dos Cisnes*.



A narrativa cinematográfica ao iniciar-se em um sonho que a protagonista chamará depois de “sonho louco” evidencia, desde as primeiras cenas, um regime perceptivo marcado pelo estranhamento, pela instabilidade da imagem e pelo entrelaçamento constante entre realidade e delírio. Em contraste com a estrutura dos contos, que apresentam metamorfoses enquanto acontecimentos objetivos, ritualizados e socialmente reconhecíveis, o filme apresenta a metamorfose como experiência subjetiva e traumática, vivida na interioridade psíquica da personagem e articulada a sintomas de paranoia, despersonalização e violência autoimposta. Assim, o que nas narrativas tradicionais funciona como mecanismo simbólico de passagem e transformação, no filme surge como metáfora de fratura interna, negando qualquer conciliação possível entre corpo, subjetividade e realidade. Nesse sentido, a teoria do duplo ocupa papel central na pesquisa. A dissertação se apoia nos estudos de Otto Rank (1914), Sigmund Freud (1919) e Clément Rosset (1976) para investigar como o duplo opera simultaneamente como sombra, ameaça e projeção de um eu que não se sustenta. Em *Cisne Negro*, o duplo deixa de ser um elemento externo, como ocorre nos contos de estrutura folclórica, e passa a constituir um processo de interiorização extrema, no qual Nina se confronta com seu próprio reflexo, sua própria deterioração e com uma imagem idealizada que a imita e a destrói. O duplo, portanto, não apenas organiza a progressão narrativa, mas também simboliza a impossibilidade de se conciliar consigo mesmo, figura que Rosset descreve como marca da “não-realidade do eu”. A abordagem estruturalista e formalista presente no pré-projeto permanece integrada à pesquisa no que se refere à análise da construção narrativa do filme: o jogo entre ser e parecer, a fragmentação do ponto de vista, a ambiguidade perceptiva e a decomposição de cenas-chave. Contudo, tais elementos são agora relidos à luz da teoria crítica da modernidade, ampliando-se o escopo interpretativo para além do fantástico e incorporando reflexões sobre trauma, corpo, violência e experiência. Dessa forma, a nova organização da dissertação refletirá esse movimento de sobreposição. Nesse sentido, no primeiro capítulo, o foco estará inteiramente no filme: sua apresentação, sua análise estética e narrativa, a construção da subjetividade de Nina, os elementos contemporâneos e modernos que atravessam a diegese, a relação entre corpo e disciplina, a fragmentação perceptiva, e a constituição do duplo como manifestação do colapso psíquico. Esse capítulo integra a leitura do filme com Benjamin, Adorno, Buck-Morss, a psicanálise freudiana e os estudos sobre o *unheimlich*, em articulação direta com a abordagem do duplo trabalhada no pré-projeto. No segundo capítulo, os contos serão introduzidos como contraponto: não como espinha dorsal, mas como espelho histórico e simbólico para demonstrar como a narrativa de *Cisne Negro* reelabora motivos herdados de narrativas tradicionais. Serão discutidos elementos como metamorfose, aprisionamento, violência masculina, perda da autonomia e destino trágico, observando de que forma cada um desses motivos aparece nos contos e como o filme os reinterpreta pela ótica da experiência contemporânea. Assim, o contraste entre narrar tradicional e narrar contemporâneo permitirá compreender como a subjetividade representada no filme emerge não mais como figura estável, mas como sujeito dilacerado,



marcado pela pressão performática, pelo controle corporal e pelo esfacelamento do eu. Metodologicamente, o trabalho integrará análise filmográfica, teoria da narrativa, estudos do fantástico e leitura comparativa. A análise detalhada de cenas-chave, já prevista no pré-projeto, será mantida como procedimento central, agora contextualizada entre duas formas históricas de narrar. Ao articular essas dimensões, espera-se demonstrar que *Cisne Negro* não apenas reinterpreta motivos tradicionais, mas os reinscreve em um regime de experiência marcado pela angústia, pelo trauma e pela impossibilidade de conciliação. O duplo, portanto, deixa de ser apenas um elemento fantasmagórico e se converte em expressão extrema da subjetividade cindida, oferecendo um terreno fértil para refletir sobre narrativa, corpo e identidade na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. *Minima moralia*: reflexões a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AFANÁSIEV, Aleksandr. "The White Duck". In: LANG, Andrew (org.). *The Yellow Fairy Book*. Londres: Longmans, Green, and Co., 1894.

ARONOFSKY, Darren. *Black Swan*. 2010. 107 min.

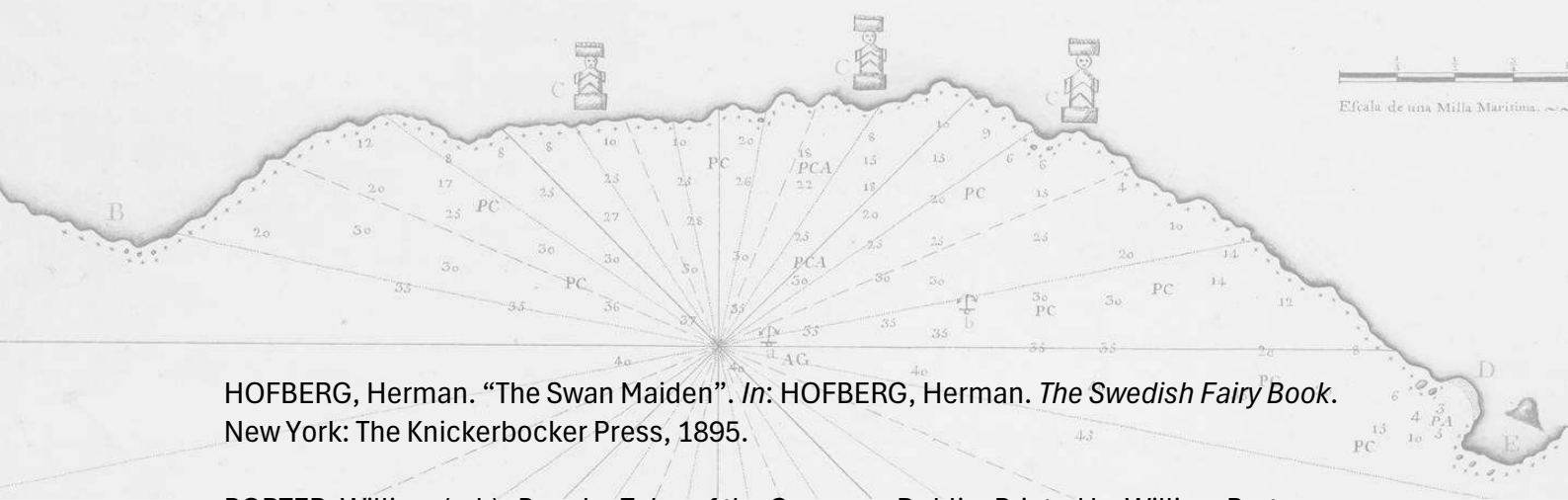
BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUCK-MORSS, Susan. *Estética e anestésica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar (Das Unheimliche)*. Trad. Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



HOFBERG, Herman. "The Swan Maiden". In: HOFBERG, Herman. *The Swedish Fairy Book*. New York: The Knickerbocker Press, 1895.

PORTER, William (ed.). *Popular Tales of the Germans*. Dublin: Printed by William Porter for P. Wogan, P. Byrne, W. Porter, W. McKenzie, J. Moore, J. Jones, A. Grueber, W. Jones, G. Draper, R. White, and J. Rice, 1791.

RANK, Otto. *O duplo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Original de 1914.)

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

TCHAIKOVSKY, Piotr Ilitch. *Swan Lake (ballet score)*. 1877.

ZIPES, Jack. *Breaking the Magic Spell: Radical Theories of Folk and Fairy Tales*. Lexington: University Press of Kentucky, 1979.

ZIPES, Jack. *The Irresistible Fairy Tale: The Cultural and Social History of a Genre*. Princeton: Princeton University Press, 2012.



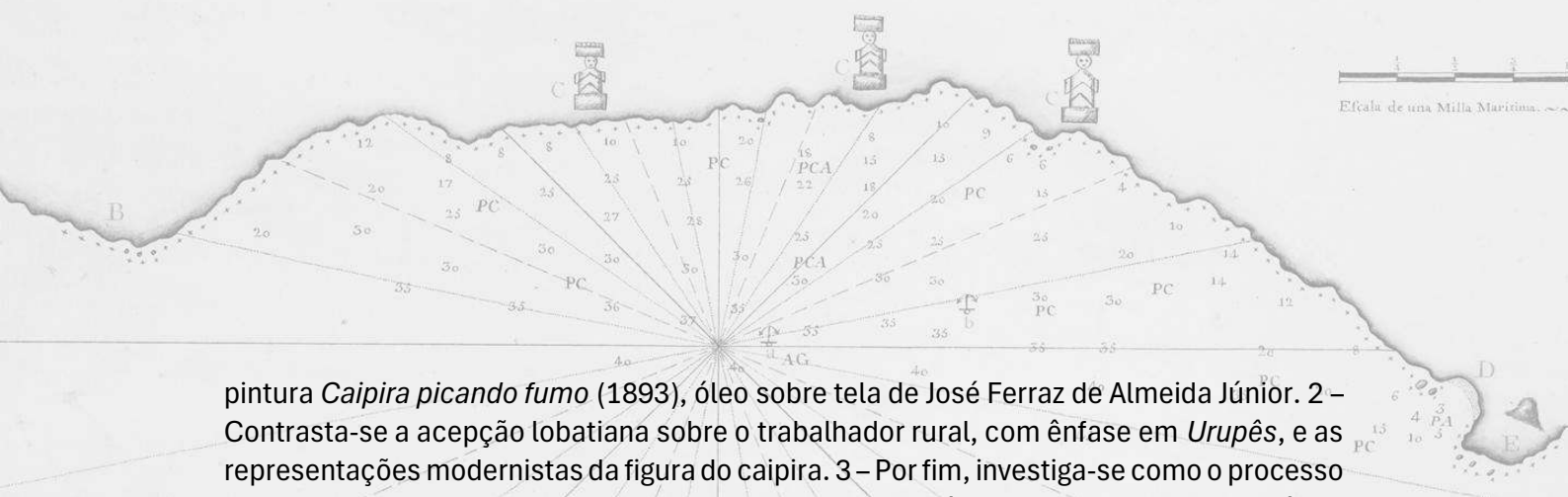
FILHOS DA SOLIDÃO: REPRESENTAÇÕES DO CAIPIRA NA LITERATURA E NAS ARTES VISUAIS AO LONGO DOS SÉCULOS XIX E XX

Giovane Sgarbossa Mossambani (Doutorado)

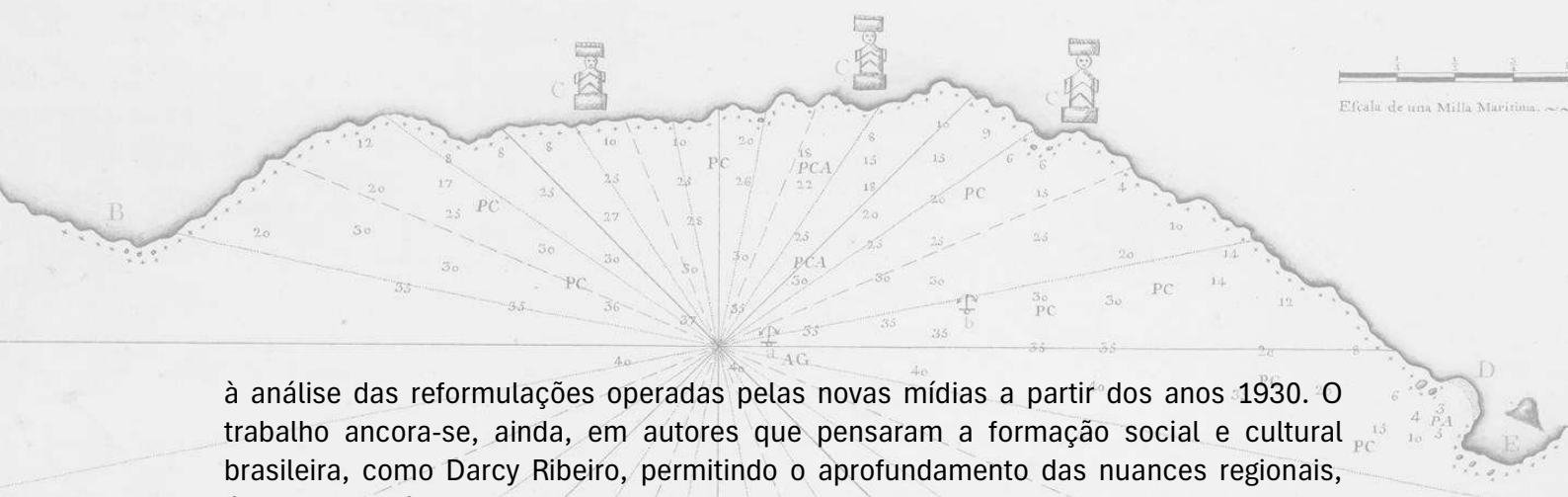
Cláudia Rio Doce (Orientadora)

5º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

A presente pesquisa em andamento tem como escopo a realização de uma leitura comparativa das representações artísticas do caipira brasileiro desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX. Avalia-se a dinâmica pela qual certas narrativas acerca dos habitantes rurais foram apresentadas e ressignificadas sob a influência das acepções culturais e filosóficas de seus respectivos contextos históricos. O estudo proposto abrange obras de naturezas diversas e busca demonstrar como diferentes suportes midiáticos articulam, dadas as suas especificidades, distintas formas de expressão e representação. O panorama artístico brasileiro revela-se pródigo em figurações do trabalhador do campo. Tal fenômeno reflete o fato de que a efetiva urbanização do Brasil ocorreu tardiamente: apenas na segunda metade do século XX, sendo que a economia nacional primário-exportadora mantém, até o presente, o comércio de produtos de origem agrária como base estrutural. De Almeida Junior a Mazzaropi, perpassando Monteiro Lobato, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Ruth Guimarães, tratamentos plurais foram conferidos, nas artes, aos habitantes rurais brasileiros, apresentados como caipiras, caboclos, sertanejos ou outras tipificações que guardam, entre si, idiosincrasias e elementos comuns. O termo “caboclo”, remete a um recorte racialista, sendo usualmente destinado ao camponês originário da mestiçagem entre o branco europeu e o indígena brasileiro, predominante nas regiões norte e nordeste do país. Para Monteiro Lobato, cuja produção é objeto deste estudo, a questão racial apresentava-se determinante na análise dos costumes e comportamentos do homem do campo. O escritor discute, em *Urupês*, conto publicado originalmente em 1914, a distinção do “caboclo” em relação ao “mulato”, mestiço brasileiro de matriz africana e europeia. O imaginário acerca do “caboclo”, todavia, associa-se àquele construído sobre o “caipira”, ainda que não correspondam necessariamente ao mesmo contexto geográfico e “racial”. Usualmente, o termo “caipira” designa a população rural das regiões sul e sudeste, associando-se aos habitantes dos interiores de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, embora não se limite a estes. Figuras do universo rural brasileiro, caboclo e caipira foram fundidos e confundidos em certas obras, a exemplo de *Jeca Tatu*, filme de 1959 de Amácio Mazzaropi. A obra, inspirada em Lobato, trata o caipira como análogo ao caboclo apresentado pelo escritor paulista inicialmente em *Urupês* e desenvolvido em sua produção posterior. A estrutura da investigação percorre três eixos fundamentais: 1 – Uma análise comparativa de duas obras do século XIX: os escritos do naturalista francês Augustin de Saint-Hilaire em *Viagem à Província de São Paulo* (publicados originalmente em 1830) são confrontados com a



pintura *Caipira picando fumo* (1893), óleo sobre tela de José Ferraz de Almeida Júnior. 2 – Contrasta-se a acepção lobatiana sobre o trabalhador rural, com ênfase em *Urupês*, e as representações modernistas da figura do caipira. 3 – Por fim, investiga-se como o processo de modernização do Brasil e a popularização de novas mídias, como o cinema e o rádio, reconfiguraram as representações do caipira, convertendo-as em produtos da indústria cultural. Na obra de Mazzaropi e na música caipira industrial, que desembocaria na moderna música sertaneja no tardio século XX, o caipira surge com nova roupagem: a estética do caipira *cool*. No cinema, esta figura foi apresentada trajada de calça jeans e camisa xadrez, exibindo uma personalidade que, embora dialogue com representações pretéritas, possui características distintas do Jeca de Lobato e apresenta influências do *cowboy* estadunidense. No rádio, os “genuínos caipiras” cantavam, no início do século XX, as saudades da roça, gerando identificação em uma massa trabalhadora que, na urbe ou no campo, vivenciava as consequências da industrialização e do êxodo rural. A tese central sustenta que as alterações de suporte midiático implicaram em necessárias mudanças qualitativas nas representações. A ascensão comercial dos produtos caipiras em meados do século XX derivou de um processo de popularização da “cultura caipira” que remonta às iniciativas de Cornélio Pires. Escritor, folclorista e empresário, Pires promovia, já na década de 1910, apresentações e eventos dentro e fora das academias, visando valorizar o caipira, ao menos enquanto memória e produto cultural. Contudo, foi nos anos de 1930 que gravadoras como a Columbia Records e a RCA Victor, impulsionadas pelo êxito comercial dos produtos caipiras e pelo disco produzido de forma independente por Pires e sua *Turma Caipira* na década anterior, perceberam o potencial de mercado dessa figura, até então considerada pouco mais que um elemento folclórico. Para além das questões formais impostas pelos aparatos técnicos, a viabilidade da cultura caipira enquanto fenômeno da indústria cultural exigia a venda de ingressos e discos, bem como uma recepção favorável no rádio e no teatro. É neste cenário que se delineiam as novas representações: emerge o caipira safo e astuto de Mazzaropi, que transfigura o Jeca Tatu de Lobato em uma personagem popular inspirada, dentre outras referências, pelo *cowboy* estadunidense. Paralelamente à obra de Mazzaropi, expressões e representações foram elaboradas pelos próprios caipiras. Estes, mesmo mediados pelo mercado e por produtores como Cornélio Pires, inauguram a música caipira de massa, cujas primeiras performances em grande escala ecoaram nas vozes de artistas como Tonico e Tinoco e Tião Carreiro e Pardinho, nas décadas de 1940 e 1950. O arcabouço teórico articula a tradição dos Estudos Literários com abordagens dos Estudos Culturais, visando examinar as mediações entre representação, identidade e cultura. Observam-se as construções de tropos culturais e as articulações simbólicas nas múltiplas obras à luz de autores como Raymond Williams, Stuart Hall e Antônio Cândido, cujas contribuições elucidam as disputas em torno da figura do caipira. Ademais, reflexões sobre os efeitos da reprodutibilidade técnica, a lógica da indústria cultural e as transformações da presença promovidas pelos meios de comunicação de massa, conforme proposto por Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Hans Ulrich Gumbrecht, oferecem suporte



à análise das reformulações operadas pelas novas mídias a partir dos anos 1930. O trabalho ancora-se, ainda, em autores que pensaram a formação social e cultural brasileira, como Darcy Ribeiro, permitindo o aprofundamento das nuances regionais, étnicas e históricas que atravessam as diferentes configurações do habitante rural no imaginário nacional.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GUIMARÃES, Ruth. *Água funda*. Nova Fronteira, 2003.

LOBATO, Monteiro. *Urupês* [conto]. Biblioteca Azul, São Paulo. 2012.

LOBATO, Monteiro. *Jéca Tatuzinho: a evolução de um caipira*. São Paulo: Globo, 2001. LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. *O deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX*. História, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 621-644, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1975.

SANTOS, Diego Tavares dos. *O coração do Brasil: formação social da música caipira e da música sertaneja no seio da modernidade brasileira (1930-1980)*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20112020-214259/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

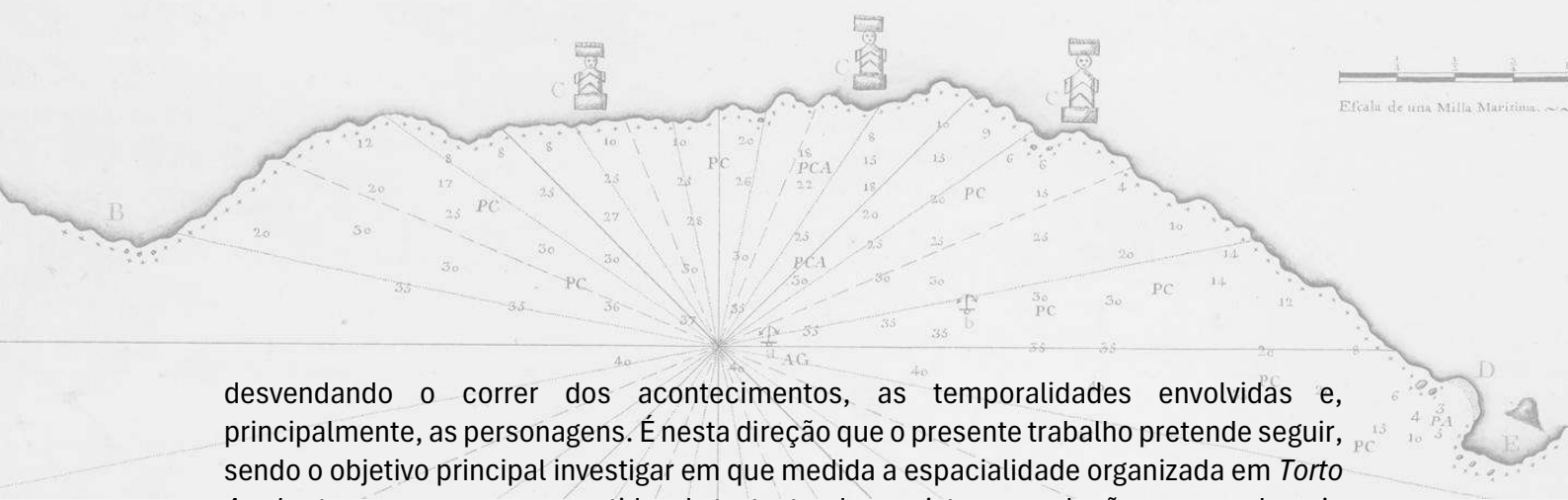
WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *Culture is Ordinary*. In: GRAY, Ann; McGUIGAN, Jim (eds.). *Studying Culture: An Introductory Reader*. London: Edward Arnold, 1997. p. 5-14.

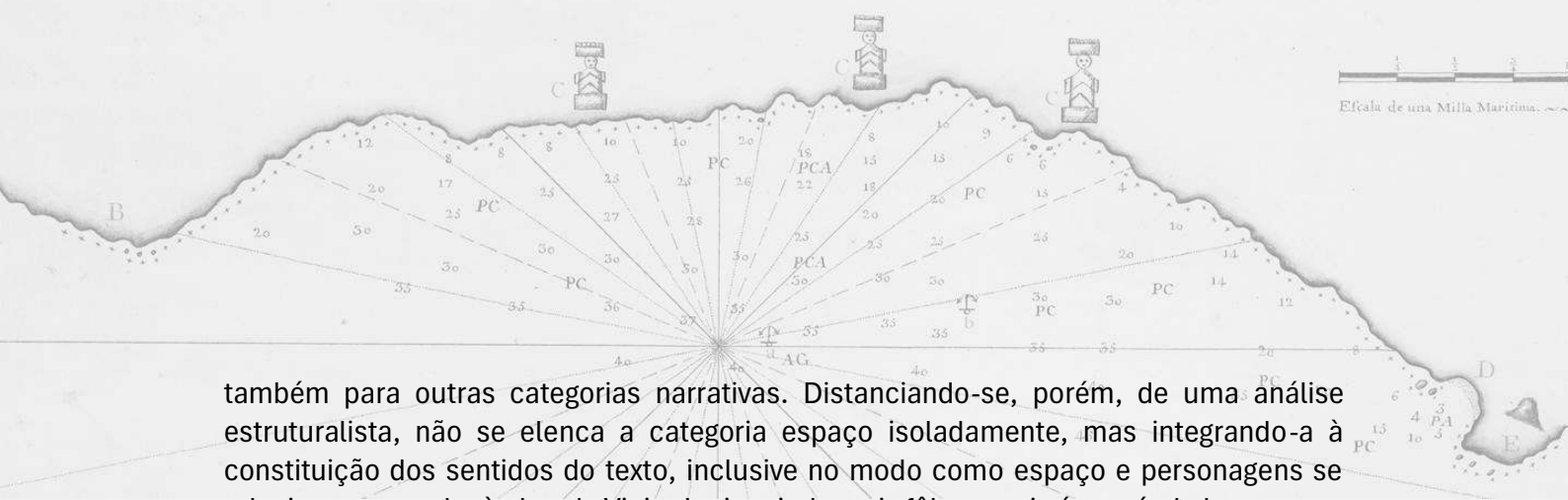


Isadora Zurlo Nogueira (Mestrado)
Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

Desde tempos remotos até os dias atuais uma questão se instaura no cerne de todo indivíduo: “quem sou?”. Se, aparentemente de fácil resposta quando pensamos em nos definirmos enquanto um nome, a pergunta se torna complexa à medida em que se desdobra em infinitas outras: “sou alguém?”, “quem disseram que sou?”, “com quem, com que local me identifico?” Pensar a identidade é, há séculos, um caminho movediço. Afinal, seria possível pensar em identidade em um mundo intensamente globalizado que promove fluxos ininterruptos de pessoas e culturas? Mais ainda, como pensar na identidade de um sujeito arrancado violentamente de seu local de origem, de suas raízes culturais e históricas? Ou de um sujeito impelido a viver num eterno deslocamento, vagando à procura de trabalho, de dignidade, de pertencimento e, na mais absurda realidade de um mundo intensamente privatizado, à procura de um solo em que possa assentar seus pés, sua casa e sua existência? Estas são questões caras à diferentes áreas do conhecimento, inclusive à Literatura que, se não com a pretensão de respondê-las, promove a problematização, leva o leitor a pensar, provoca-o, afeta-o de algum modo. É este o caso de uma das obras de maior destaque na literatura brasileira contemporânea: *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Mais que uma temática tão só, os aspectos identitários presentes na narrativa do autor aparecem por meio da construção singular de um dos elementos da narrativa: o espaço. Daí, o autor parece desdobrar a pergunta inicial: “quem sou?” é um questionamento que se responde a partir de várias outras perguntas - “onde sou?”, “onde me torno eu?”. Melhor dizendo, Itamar nos convida a olhar para os laços existenciais da personagem com a terra, o que exprime a concepção de seu próprio ser, sua maneira de se encontrar, se ordenar e de dar significado a si e ao mundo circundante simultaneamente. Estes laços perpassam desde suas atividades mais utilitárias – arar, cultivar, pisar a terra – até seus devaneios mais íntimos, o que revela uma intensa conexão de um sujeito que não apenas vê o mundo, mas habita-o com a totalidade de seu ser. Nesta perspectiva, as ações do romance não só se passam na fazenda Água Negra como uma espécie de pano de fundo, pois o que ocorre é uma fundamentalidade do espaço na obra, de modo que seja possível pensar neste elemento como dinamizador das demais instâncias narrativas, a saber: o tempo, as personagens, os focos narrativos, o enredo e a linguagem. Neste sentido, o espaço parece revelar todo o universo narrativo, uma vez que é a partir de sua presença e, mais especificamente, de sua materialização no solo e nos demais elementos que compõem a paisagem da fazenda, que o leitor vai

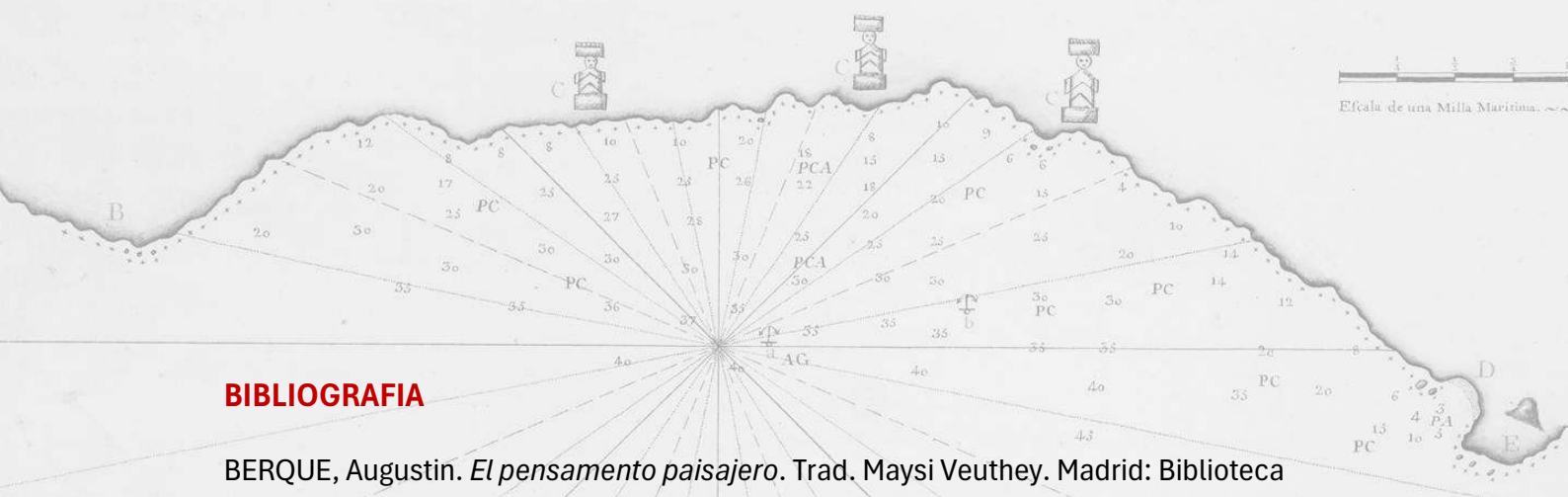


desvendando o correr dos acontecimentos, as temporalidades envolvidas e, principalmente, as personagens. É nesta direção que o presente trabalho pretende seguir, sendo o objetivo principal investigar em que medida a espacialidade organizada em *Torto Arado* atua para compor os sentidos do texto, tendo em vista suas relações com os demais aspectos. Como objetivos mais específicos, a pesquisa visa: 1) estudar o modo como as personagens são construídas a partir de suas relações com o espaço na narrativa de Itamar Vieira Junior; 2) analisar as ligações de Bibiana, Belonísia e a Encantada de Santa Rita Pescadeira com a fazenda de Água Negra, comparando as significações que as protagonistas constroem à visão utilitarista de seus patrões; 3) pensar a Literatura como um caminho poderoso para recontar histórias e para revelar as heranças de um passado escravista que se manifesta ainda hoje na forma de dominação do conhecimento e da terra. Para tanto, será realizada uma pesquisa de aporte bibliográfico, com textos que abordam as questões espaciais por um viés relacional e fenomenológico, em autores que tratam da experiência do sujeito com o mundo, como Eric Dardel (2015), Michel Collot (2013), Yi-Fu Tuan (1983), Augustin Berque (2009) e outros. Além disso, destaca-se o estudo de críticos que tratem precisamente do espaço literário e suas relações com os demais elementos compositores da narrativa, como Ronald Bourneuf e Real Ouellet (1976), Osman Lins (1976), Luiz A. Brandão (2013), Otto Bollnow (2008) e Robert Tally Jr. (2019). Uma vez que a pesquisa envolve a construção dos sentidos a partir do espaço, a relação entre espaço e personagens (que receberá o maior enfoque) despertará discussões acerca das noções de identidade, pertencimento, território, colonialidade etc., o que exige contribuições significativas de autores como Stuart Hall (2003), Frantz Fanon (1968), Muniz Sodré (2019), Deleuze e Guattari (2011). As entrevistas e textos do autor Itamar Vieira Junior também podem auxiliar na identificação de uma espécie de projeto literário que leva em conta uma visão de mundo na qual o sujeito não se vê distanciado ou em posição de superioridade em relação ao mundo circundante, mas em uma troca contínua, o que desponta no modo como as personagens de seu romance se relacionam com a terra. O referencial teórico-crítico mencionado deverá ser trabalhado em diálogo constante com a análise do texto literário escolhido, já que partimos do romance para discutir as questões propostas, e não o contrário. A escolha da obra e deste aporte teórico se deu, em primeiro lugar, pelo impacto e alcance de *Torto Arado*, romance que escancara o legado de um Brasil escravista no cenário rural, num contexto em que grande parcela das narrativas nacionais de destaque e mais recentes têm personagens urbanas como centro. Ademais, o modo como o autor conduz a narrativa provoca uma autoavaliação, na qual o leitor é convidado a reexaminar suas condutas com o outro e com o mundo, revisando os alicerces dualistas e hierárquicos que compõem o pensamento branco, patriarcal e ocidental. Quanto ao estudo do espaço, a narrativa constrói-se de tal maneira que é quase impossível passar por ela sem que se atente ao mundo em que gravitam as personagens. Nesse sentido, a pesquisa pretende contribuir com uma análise literária mais voltada para a espacialidade, aspecto que ficou um tanto marginalizado nos estudos de Literatura quando comparado à visibilidade das leituras voltadas para o tempo e



também para outras categorias narrativas. Distanciando-se, porém, de uma análise estruturalista, não se elenca a categoria espaço isoladamente, mas integrando-a à constituição dos sentidos do texto, inclusive no modo como espaço e personagens se relacionam para dar à obra de Vieira Junior ainda mais fôlego, pois é possível observar, no romance, algo não comum no modo como literatura afro-brasileira tende a apresentar seus protagonistas – que se autodeclaram ou se autodescrevem como negros. Em *Torto Arado* não é esse procedimento que se evidencia, pois as identidades das personagens são reveladas através do espaço e do modo como elas existem nele – seus cultos, rituais, afetos, desafetos etc. Para a investigação da hipótese levantada acerca da obra de Itamar Vieira, pretende-se a seguinte divisão do trabalho em três capítulos. O primeiro tem por objetivo discutir os conceitos de espaço e o modo como este aparece na literatura e na crítica literária, expondo a abordagem selecionada para a pesquisa. Ainda neste momento inicial, a proposta é expor a forma como o espaço é fundamental no romance em questão, justificando esta hipótese pela relação que ele estabelece com a totalidade da narrativa, elencando a relação espaço-personagens como aprofundamento do trabalho por sua relevância na obra e como recorte necessário diante das possibilidades de leitura do romance. O segundo capítulo tem por objetivo explorar a maneira como as personagens vivenciam o espaço e deverá permear questões de identidade a partir de noções de território, espacialidade, pertencimento etc., além de apontar para o diálogo com o conceito de paisagem como fenômeno característico da experiência das personagens do romance com a fazenda de Água Negra. Pretende-se, para esse momento, maior atenção à relação de troca entre as protagonistas e narradoras Bibiana e Belonísia que, a partir de suas vivências na fazenda, vão construindo simultaneamente seu mundo e seu “eu”. Por fim, o terceiro capítulo, tendo em vista as discussões promovidas nos capítulos anteriores, procura compreender a última narradora, a Encantada de Santa Rita Pescadeira, que aparece também na última parte do romance, como uma espécie de “síntese” do movimento relacional que se estabelece entre as demais personagens e o mundo que habitam. Por essa perspectiva, a “encantada” tem um sentido para além do religioso, sendo a materialização de uma forma de ver o mundo, já que rompe com dualismos de qualquer espécie: atravessa temporalidades, quebrando a dicotomia entre passado e presente; esgarça distancias espaciais, aproximando o “lá” e o “aqui”; transita entre o físico e o metafísico, entre o corporal e o espiritual, entre o mundo e o sujeito, impossibilitando separatismos, compartimentações, maniqueísmos e imobilidades, estas que são características essenciais do pensamento colonialista. Assim, o trabalho compreende que o contato das personagens de Itamar com a terra é profundo, porque esta é chão que sustenta as raízes da memória e da identidade dos descendentes de escravizados africanos.





BIBLIOGRAFIA

BERQUE, Augustin. *El pensamiento paisajero*. Trad. Maysi Veuthey. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; PISEAGRAMA, 2023.

BOURNEUF, Ronald; OUELLET, Real. *O universo do romance*. Trad. José Carlos Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.

BOLLNOW, Otto. F. *O homem e o espaço*. Trad. Aloísio Schmid. Curitiba: UFPR, 2008.

BRANDÃO, Luís Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra*. Trad. Werther Holtzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Leão. São Paulo: 34, 2011.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. José de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

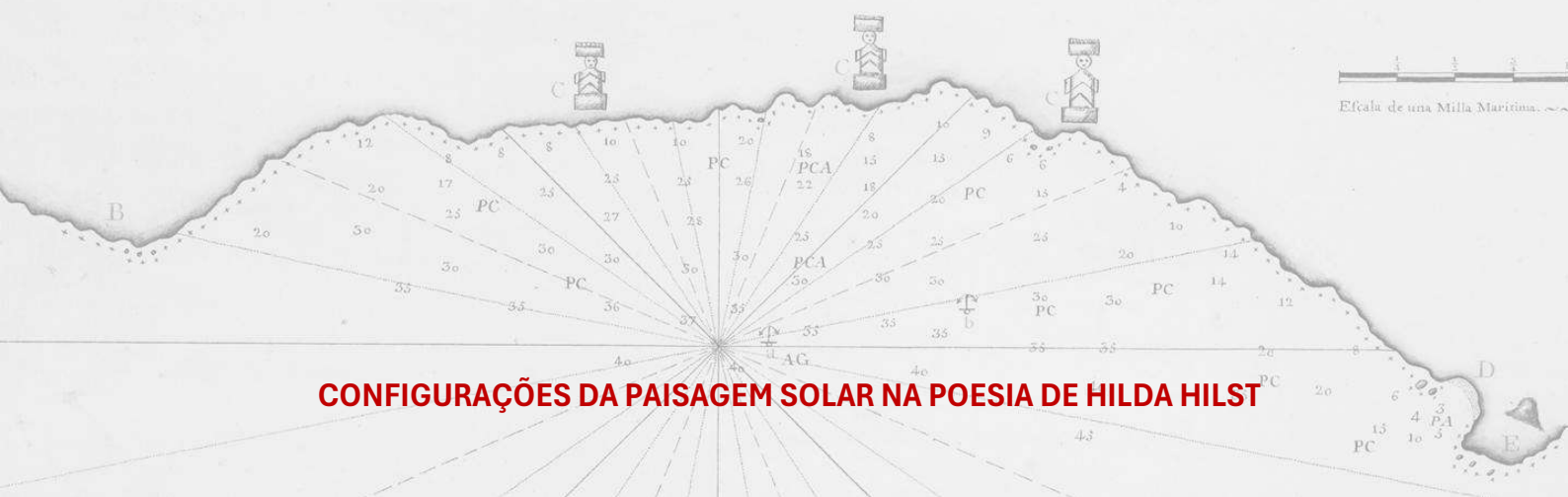
LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

TALLY JR., Robert. *Topophrenia: Place, Narrative, and the Spatial Imagination*. Bloomington: Indiana University, 2019.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Lúcia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.



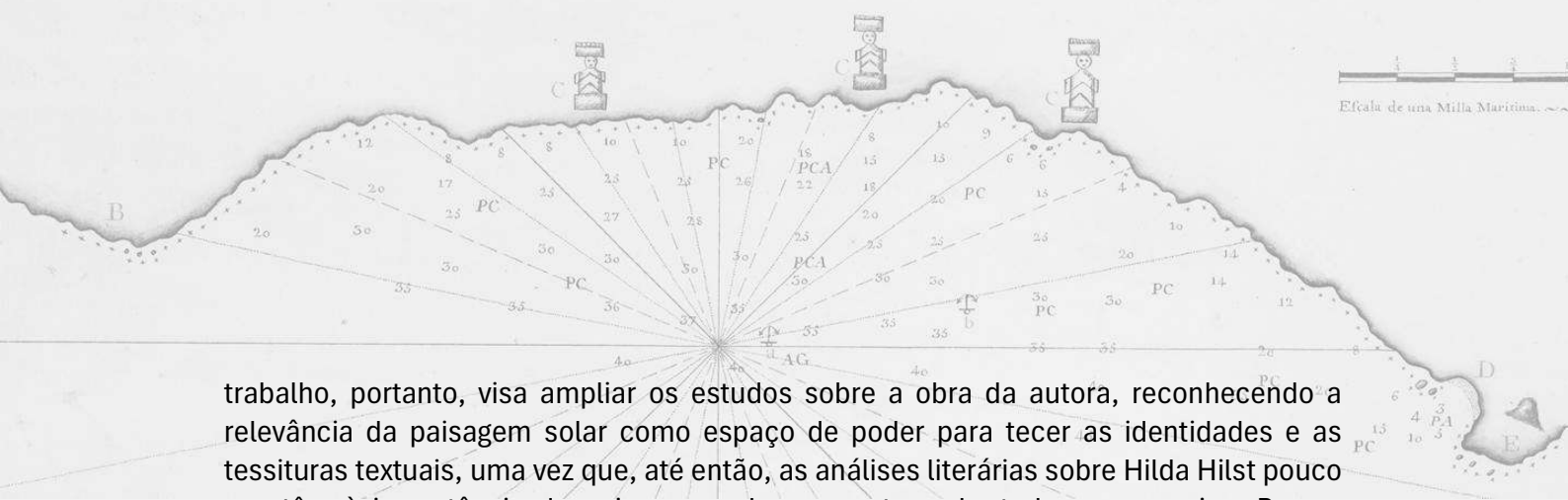
CONFIGURAÇÕES DA PAISAGEM SOLAR NA POESIA DE HILDA HILST

Maria Izabel de Oliveira (Mestrado)
Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora)
4º semestre – Previsão de defesa: fev/2026

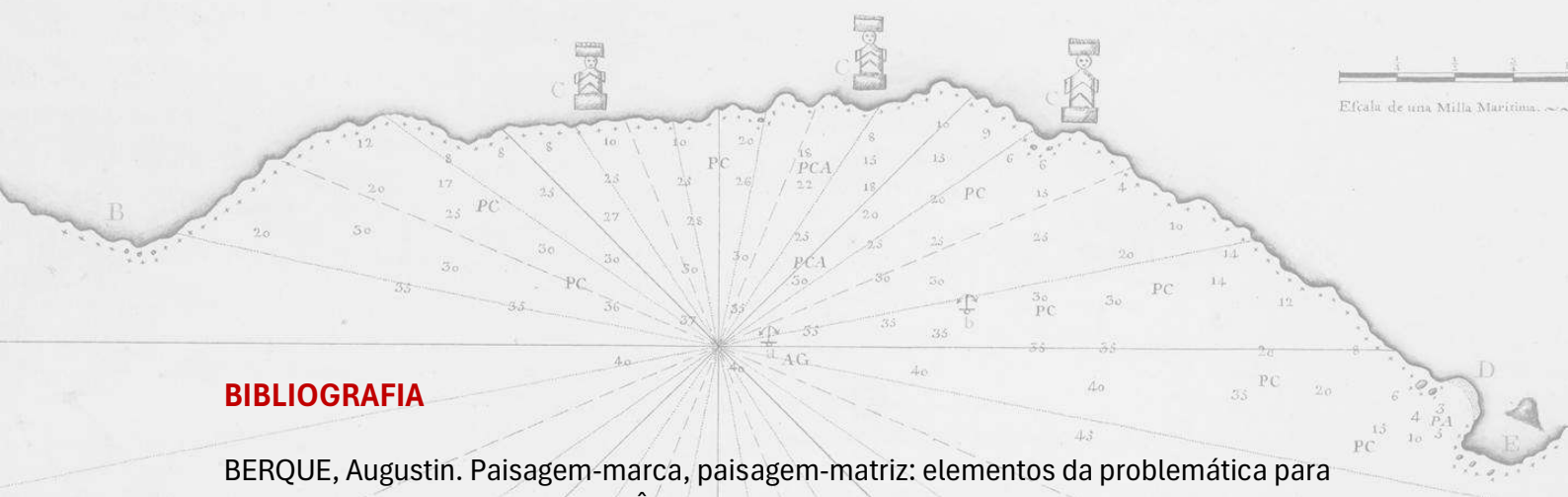
Por um longo período, a produção literária de Hilda Hilst permaneceu em uma espécie de marginalidade crítica, situada entre o esquecimento do público e da mídia, que se fixavam predominantemente em sua tetralogia de caráter erótico. No vasto diálogo que estabeleceu com diversas formas artísticas, Hilst mergulhou com profusão no gênero que marcou o início de sua trajetória: a poesia. Entre os elementos recorrentes na lírica de Hilda Hilst, o sol emerge como uma metáfora, carregada de sentidos plurais que atravessam a existência, a espiritualidade e as relações humanas, dando luz à complexidade ontológica do ser. Considerando tais poderes de transcendência, transgressão e mudança, advindos do entendimento da força solar, a escritora Hilda Hilst (1930-2004) nomeou como Casa do Sol seu local de transformação e recolhimento. A alcunha destacava, intencionalmente, que esse era seu lugar de renascimento. A partir de versos como “Atravessei o sol / Toquei o muro de dentro dos amigos” (Hilst, 1980, p. 320) e “Depois, descansarás em meu peito / as tuas mãos de sol” (Hilst, 1955, p. 72), este estudo propõe investigar a função e o significado do sol na poesia de Hilda Hilst, revelando como essa imagem atua como vetor de transcendência, significação e reflexão sobre o ser e a percepção da existência. A constatação dessa relevância não se fundamenta em ocorrências exemplares isoladas, como nos versos transcritos, mas decorre de um procedimento metodológico extensivo, que compreende: (1) o levantamento sistemático das manifestações da imagem solar no conjunto da poesia publicada entre as décadas de 1950 e 1980; (2) a categorização de suas diferentes funções metafóricas e simbólicas; e (3) a identificação de isotopias que associam tal imagem a campos semânticos como interioridade, transcendência, corporalidade, temporalidade e relação com o outro. Os dados preliminares produzidos por esse mapeamento indicam que o sol opera como um elemento estruturante, mediador de tensões entre planos sensíveis e abstratos e associado a processos de elaboração existencial na poesia de Hilst. Ainda que extratextual, a nomeação de sua residência e espaço de criação como Casa do Sol integra-se a esse quadro analítico como indício paratextual da relevância simbólica atribuída pela autora ao motivo solar, reforçando sua presença no horizonte de significação de sua obra. Assim, a presente dissertação propõe investigar a função e o significado do sol na poesia de Hilda Hilst a partir de uma abordagem que articula análise imagética, estudo de isotopias e reflexão sobre categorias ontológicas mobilizadas pela autora, com o objetivo de compreender o papel desempenhado por essa imagem na constituição de sentidos relacionados ao ser, à linguagem e à experiência da existência. O recorte se justifica pela



necessidade de explorar poemas que apresentam a incidência solar com mais recorrência e em diferentes fases da autora, os quais estão presentes no livro *Da Poesia* (2017), a saber: *Presságio* (1950), *Balada de Alzira* (1951), *Balada do Festival* (1955), *Roteiro do Silêncio* (1959), *Ode Fragmentária* (1961), *Trajectoria Poética do Ser (I)* (1963-1966). A escolha resultou de um procedimento em duas etapas: (1) levantamento das ocorrências lexicais e imagéticas relacionadas ao sol em todos os livros do volume; e (2) identificação da densidade e da função semântica atribuída à imagem solar em cada obra. Foram priorizados os poemas que apresentaram maior número de referências diretas ou metafóricas ao campo solar, bem como maior diversidade de usos — incidindo, por exemplo, na constituição da voz lírica, na elaboração de processos de interiorização ou na articulação entre experiência sensível e especulação ontológica. Os demais livros presentes em *Da Poesia* (2017) foram excluídos por apresentarem ocorrência pontual, dispersa ou pouco significativa da imagem solar, não oferecendo material suficiente para a análise sistemática proposta. Dessa forma, o corpus selecionado reúne textos representativos tanto da recorrência quanto das variações funcionais do motivo solar, permitindo observar continuidades e deslocamentos imagéticos ao longo das primeiras décadas da obra poética de Hilst. Em uma poética que se lança entre a infância, a sombra e a luz — como indicado em “Infância, / Sóis e sombras” (Hilst, 1959, p. 96) —, o sol configura-se também como símbolo do divino e da santidade, conforme apontam os versos “Cabe a nós, divinos. / Em nós a claridade / em nós tamanho amor / E sol e santidade...” (Hilst, 1961, p. 143). Por conseguinte, faz-se necessário falar sobre os aspectos duais como luz-sombra, sol-lua, dia-noite, claro-escuro, alto-baixo, quente-frio, mobilidade-fixidez, circularidade-linearidade que, de certa maneira, estão ligados com o movimento solar. Ao falar da lírica de Hilda Hilst, Edson Costa Duarte (2009, p. 188) fala sobre a existência desses opostos: “A poesia hilstiana, agora, detém-se no tempo, no trânsito entre os opostos: alto/baixo, puro/impuro, sagrado/profano. O pensar o corpo como depositário de sensações que vitalizam a existência, que a tornam intensa, inclui também o pensar a perecibilidade desta mesma matéria (de que o ser humano é feito) que possibilita as sensações.” Em outros termos, há um movimento geminado e bilateral que se encaminha da abstração dos signos sensíveis do mundo para as esferas dos signos virtuais e visíveis. Nesse percurso, a figura humana constitui-se na conjuntura do relacionamento com o seu espaço adjacente, ou seja, em sua área polissensorial – que circunscreve a totalidade de sentidos. Os aspectos opostos podem ser observados em sua poesia e trazem à reflexão essas forças complementares. O poema “Passeio”, extraído da série *Trajectoria Poética do Ser (I)*, presente no livro *Da Poesia* (2017), denota a dualidade citada: “[...] / Um claro-escuro de sol nos meus cantares” (Hilst, 1993-1966, p. 143). O mesmo acontece em *Júbilo, memória, noviciado da paixão* no trecho II do poema “Prelúdios Intensos para os desmemoriados do Amor”: “[...] Noturno girassol. Rama secreta” (Hilst, 1974, p. 12). Assim, este estudo busca aprofundar a leitura do sol na obra de Hilda Hilst, destacando sua relevância metafórica para compreender as tensões entre o corpo e o espírito, o humano e o sagrado, que permeiam sua escrita poética. Este



trabalho, portanto, visa ampliar os estudos sobre a obra da autora, reconhecendo a relevância da paisagem solar como espaço de poder para tecer as identidades e as tessituras textuais, uma vez que, até então, as análises literárias sobre Hilda Hilst pouco se atêm à importância da paisagem solar presente, sobretudo, nas poesias. Para a consecução dos objetivos propostos, o trabalho será estruturado em três capítulos, além da introdução e da conclusão. O capítulo I apresentará um panorama da trajetória intelectual de Hilda Hilst, seguido do levantamento e da organização da fortuna crítica já produzida sobre a autora, com destaque para as abordagens que tratam de sua poesia e de seus procedimentos imagéticos. Inclui-se, ainda, a identificação de possíveis linhas de força que atravessam seus escritos, de modo a situar a presença da imagem solar no conjunto de sua obra. O capítulo II constituirá o aporte teórico do estudo. Nele serão expostos os referenciais que fundamentam a análise: as teorias da paisagem aplicadas à literatura — especialmente no que concerne às noções de espacialidade simbólica, imagem e experiência perceptiva — articuladas a perspectivas da crítica literária que tratam da função da metáfora, da construção de isotopias e da organização imagética em poesia. Esse capítulo delimita o quadro teórico-metodológico a partir do qual se examinarão as ocorrências da imagem solar. O capítulo III dedicar-se à análise dos poemas selecionados do volume *Da Poesia* (2017), observando a incidência e as variações da metáfora solar ao longo de diferentes fases da autora e examinando como tal imagem se relaciona com as categorias teóricas mobilizadas no capítulo anterior. Busca-se demonstrar de que maneira o motivo solar participa da configuração de paisagens interiores e exteriores, bem como da elaboração de questões existenciais, perceptivas e simbólicas. As considerações finais serão apresentadas ao término da dissertação, reunindo as principais conclusões decorrentes das análises e apontando possíveis desdobramentos para a pesquisa sobre a poesia de Hilda Hilst e sobre o estudo de imagens literárias. As considerações de alguns estudiosos da paisagem serão utilizadas, como: Michel Collot (2012), Anne Cauquelin (2007) e Augustin Berque (1983). A contribuição de pesquisadores especializados na literatura hilstiana também será empregada, dentre alguns, Álcir Pécora (2010), Nelly Novaes Coelho (2016), Leo Gilson Ribeiro (1999) e Reguera e Busato (2015) com o livro *Em torno de Hilda Hilst*. Para tratar sobre a poesia serão utilizados autores como Antonio Candido em seu *Estudo Analítico sobre o Poema* (1996), Susana Scramin (2021) em *Linhas de fuga: poesia, modernidade e contemporaneidade* Octavio Paz *O arco e a Lira* (1956), Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia* (2000) e Hugo Friedrich, com *Estrutura da lírica moderna e Alegoria, construção e interpretação da metáfora* (2006). Espera-se que esse esforço crítico estimule novas abordagens e dialogias que valorizem a complexidade e a riqueza de uma autora cuja obra permanece em constante abertura e reinvenção. Nesse sentido, a obra poética de Hilst configura-se como um convite à reflexão profunda sobre as contradições e possibilidades da vida, situando-se como uma das contribuições mais significativas da literatura brasileira.



BIBLIOGRAFIA

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998b, p.84-91.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 280 p.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006. 161p.

CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst e a metamorfose de nossa época. *Revista ECOS*, v. 2, n. 1, 2016, p. 3. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1037>. Acesso em: 7 out. 2023.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmen; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (org.). *Literatura e paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012, p. 11-28.

DUARTE, Edson Costa. A poesia de Hilda Hilst. *Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 3, n. 2, maio/ago. 2009, p. 188.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

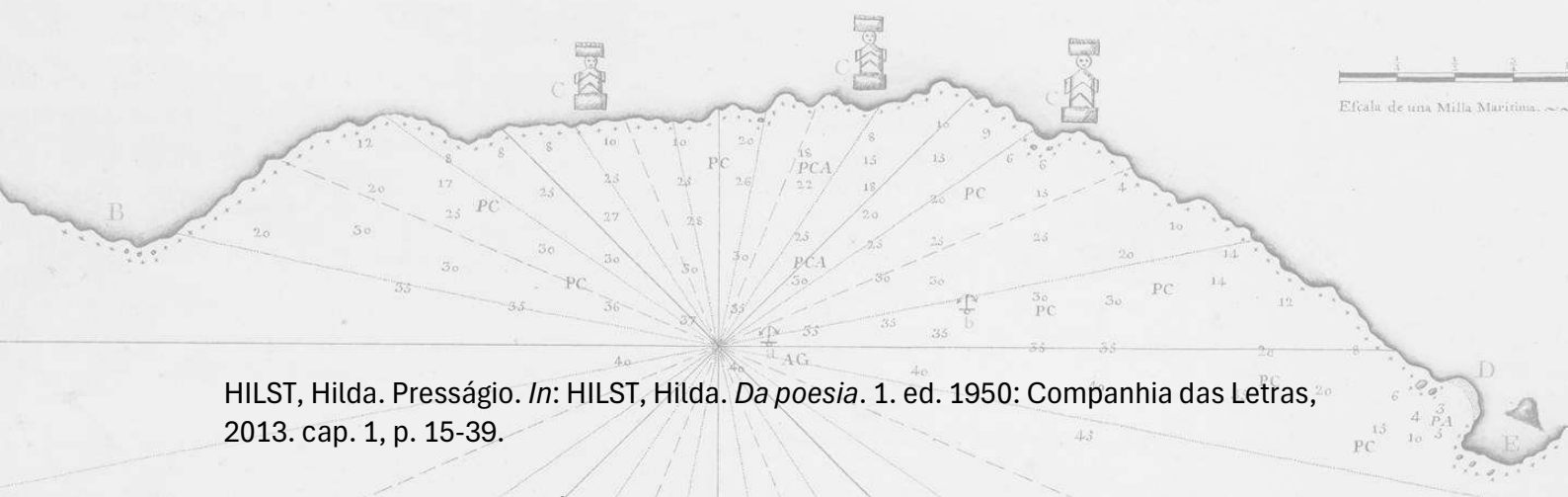
HANSEN, João Adolfo. *Alegoria, construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra, 2006.

HILST, Hilda. Balada de Alzira. In: HILST, HILDA. *Da poesia*. 1. ed. 1955: Companhia das Letras, 2013. cap. 2, p. 39-59.

HILST, Hilda. Balada do Festival. In: HILST, Hilda. *Da poesia*. 1. ed. 1955: Companhia das Letras, 2013. cap. 3, p. 59-79.

HILST, Hilda. Da morte. Odes Mínimas. In: HILST, Hilda. *Da poesia*. 1. ed. 1955: Companhia das Letras, 2013. cap. 15, p. 301-351.

HILST, Hilda. Ode Fragmentária. In: HILST, Hilda. *Da poesia*. 1. ed. 1955: Companhia das Letras, 2013. cap. 6, p. 133-161.



HILST, Hilda. Presságio. In: HILST, Hilda. *Da poesia*. 1. ed. 1950: Companhia das Letras, 2013. cap. 1, p. 15-39.

HILST, Hilda. Roteiro do silêncio. In: HILST, Hilda. *Da poesia*. 1. ed. 1955: Companhia das Letras, 2013. cap. 4, p. 79-113.

HILST, Hilda. Trajetória poética do ser. In: HILST, Hilda. *Da poesia*. 1. ed. 1955: Companhia das Letras, 2013. cap. 8, p. 169-197.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

PÉCORA, Alcir et al. *Por que ler Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2010.

RIBEIRO, Leo Gilson. *Apresentação a Ficções de Hilda Hilst*, 1999. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ri/casadosol/criticalgr.html>. Acesso em: 24 jun. 2025.

REGUERA, Nilze; BUSATO, Susana. *Em torno de Hilda Hilst*. São Paulo: SciELO - Editora UNESP, 2015.

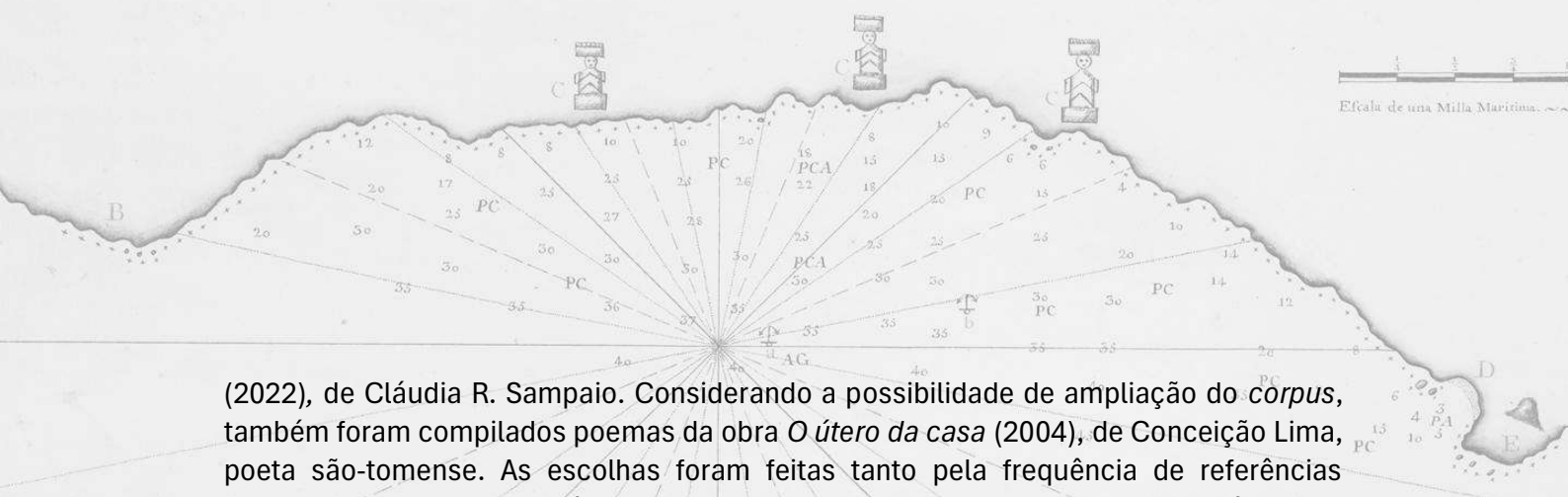
SCRAMIN, Susana. *Linhas de Fuga: poesia, modernidade e contemporaneidade*. São Paulo: Iluminuras, 2021.



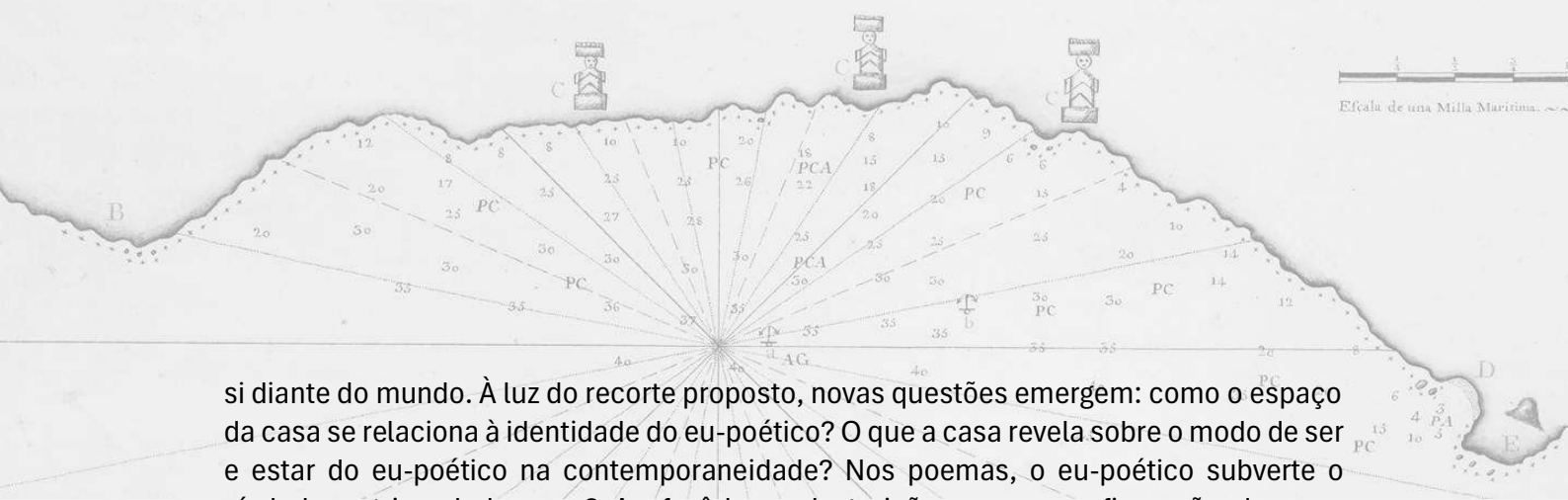
O ESPAÇO DA CASA E A IDENTIDADE DAS MULHERES NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Amanda Machado Sorgi (Doutorado)
Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2028

As vozes das mulheres têm desempenhado papel central na poesia contemporânea de língua portuguesa, delineando, desde os anos 1980, uma poética marcada pela dramatização do feminino, pela exploração do universo íntimo das mulheres e pela problematização das questões de gênero (Pavani, 2019, p. 104). Ainda no século XX, autoras como Hilda Hilst, Ana Cristina César e Maria Tereza Horta já exploravam essa tendência, que se intensifica no século XXI, quando novas escritoras passam a conceber a poesia também como um âmbito de reflexão sobre a identidade da mulher na sociedade contemporânea. Nesse contexto, esta pesquisa propõe-se a analisar o espaço evocado em poemas de autoras que tenham escrito ou escrevam em Língua Portuguesa no século XXI a fim de investigar os seguintes questionamentos: há relação entre o eu-poético e o espaço? A quais espaços se liga o sujeito poético nos poemas escritos por mulheres? O espaço constitui a identidade do sujeito poético feminino nos poemas analisados? O que o espaço evocado revela em relação às mulheres e ao lugar onde desenvolvem sua experiência com o mundo? Essas questões foram formuladas diante de versos como os de Mar Becker, na obra *Sal* (2022): “devoramo-nos mútuas, eu e a casa / não só em pensamento / mas em corpo, a casa engole-me as extremidades todas / o cabelo, as mãos e os braços, os pés e as pernas / eu a engulo também, aos poucos – torno-a minha / somos consanguíneas, eu e a casa” (Becker, 2022, p. 113). Ou seja, versos em que o eu-poético se identifica tácita ou expressamente enquanto mulher e se percebe ligado ao espaço (assumindo *ser* um espaço) ou em relação ao espaço em que vive (construindo sua identidade a partir de referências espaciais), motivando a investigação sobre a relação entre identidade e espaço que norteia esta pesquisa. Em atenção ao cronograma de execução previsto no pré-projeto, tem-se desenvolvido a leitura de obras poéticas de autoras contemporâneas de língua portuguesa, com o objetivo de verificar as relações entre sujeito e espaço, formar um *corpus* inicial e pensar a delimitação da pesquisa. A partir dessa leitura, o *corpus* atual da tese centra-se no estudo das obras de Mar Becker, poeta contemporânea brasileira, e de Cláudia R. Sampaio, poeta contemporânea portuguesa, o qual poderá ser ampliado para a inclusão de mais escritoras, sobretudo considerando a possibilidade de extensão da pesquisa também a outros países falantes da língua portuguesa. Até o momento foram coletados poemas presentes nos livros *Sal* (2022), *Canção derruída* (2023) e *Noite devorada* (2025), de Mar Becker, e *Ver no escuro* (2016), *Inteira como um coice do universo* (2019), e *Uma mulher aparentemente viva*



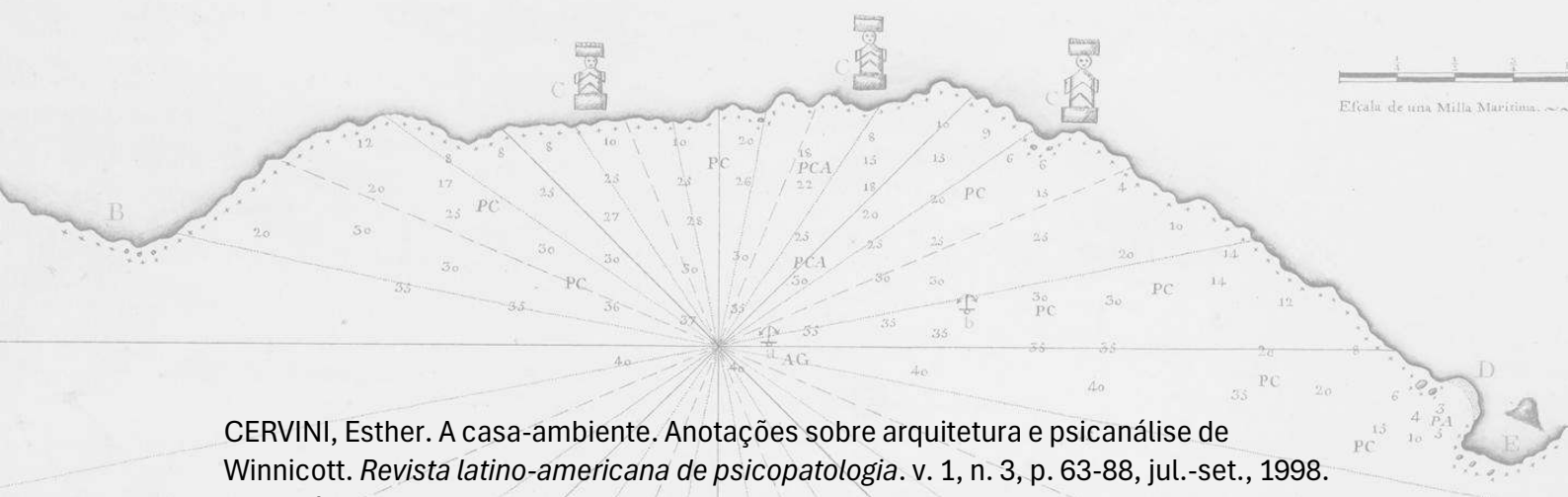
(2022), de Cláudia R. Sampaio. Considerando a possibilidade de ampliação do *corpus*, também foram compilados poemas da obra *O útero da casa* (2004), de Conceição Lima, poeta são-tomense. As escolhas foram feitas tanto pela frequência de referências espaciais quanto pela incidência de identificações entre tais espaços e o eu-poético nos textos dessas escritoras, além da proximidade temporal entre suas obras, publicadas no século XXI. Também se tem buscado privilegiar escritoras de países distintos a fim de possibilitar a investigação comparatista quanto ao tema em análise entre as diferentes literaturas de língua portuguesa. As leituras iniciais indicaram uma recorrência de identificação e/ou de estabelecimento de relações entre o sujeito poético e diferentes espaços, como a casa, a rua, a praia, o mar e a cidade. A delimitação da tese concentra-se, neste momento, no espaço da casa, escolha orientada pela sua predominância no *corpus* selecionado e por se tratar de um motivo simbólico, cujas nuances se relacionam intimamente à identificação do sujeito, podendo ser empregada para metaforizar parte ou mesmo toda sua existência, como um cosmos particular (Bachelard, 1993, p. 200). Sob esse olhar, o estudo da casa abre também caminho tanto para a crítica literária psicanalítica quanto para a crítica feminista. Do ponto de vista psicanalítico, a casa é compreendida como o lugar da mais profunda intimidade, protegida pela presença material da estrutura e reveladora do modo de ser de um sujeito no mundo (Cervini, 1998, p. 70). Aqui, pode-se exemplificar com os versos de Cláudia R. Sampaio: “Perdi a noção do corpo e das alturas do tempo / Estou esculpida nestas paredes / Imóvel como um rochedo, vejo os outros rebentarem contra mim / [...] / Então destruirei os alicerces, serei a habitação da casa” (Sampaio, 2019, p. 105-106). À luz da psicanálise, o texto indica que a casa deixa de ser mera materialidade e passa a representar as estruturas internas do sujeito, onde as paredes reforçam a ideia de mecanismos psíquicos paralisantes. O ato de “destruir os alicerces” indicaria o abandono desses mecanismos para a formação de uma nova identidade, para tornar-se “habitação”, em um abrir-se para o mundo que possibilitaria uma outra atuação nele. Já para a perspectiva feminista, cabe problematizar definições como a de Chevalier e Gheerbrant (1982, p. 197), que apresentam a casa como um símbolo feminino, ligado às ideias de mãe, de proteção e de seio maternal, sentidos que se relacionam à história das mulheres, trocadas em casamentos e vinculadas aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos em uma divisão social sustentada pelo patriarcado (Lerner, 2019, p. 263). Ilustra-se essa análise a partir dos seguintes versos de Mar Becker: “algumas mulheres adoecem do mal dos ralos / é uma enfermidade que acomete aquelas que / nunca saem de casa / ficam horas expostas à pia da cozinha, aos tanques de / lavar roupa, vendo a água descer no fim, em espiral” (Becker, 2022, p. 114). No poema, é evocado o espaço fechado da casa como concebido pelo patriarcado, responsável por aprisionar e adoecer as mulheres. O tema também aparece em um poema curto, de apenas um verso: “A casa, amá-la como perda” (Becker, 2022, p. 126). O verso parece sugerir que o eu-poético feminino precisa “perder a casa”, isso é: perder a definição simbólica de casa cunhada pelos homens, que aprisiona, e reconfigurar sua identidade enquanto mulher na relação com o espaço, abrindo novas possibilidades para



si diante do mundo. À luz do recorte proposto, novas questões emergem: como o espaço da casa se relaciona à identidade do eu-poético? O que a casa revela sobre o modo de ser e estar do eu-poético na contemporaneidade? Nos poemas, o eu-poético subverte o símbolo patriarcal da casa? Ao fazê-lo, a destruição ou a reconfiguração da casa representa a abertura a novas possibilidades? Também conforme o cronograma estabelecido no pré-projeto, buscou-se o aprofundamento em relação às teorias sobre o espaço, as quais fundamentam a leitura da casa enquanto um espaço fechado que pode, conforme a postura do eu-lírico, movimentar-se rumo a uma abertura, representativa da própria postura da mulher na sociedade contemporânea. Assim, a análise das obras que compõem o *corpus* tem sido conduzida a partir das teorias sobre espaço e paisagem de base fenomenológica, centrada nos estudos de Gastón Bachelard (1993) e Michel Collot (2013), já indicados no pré-projeto, bem como de Augustín Berque (2010), Eric Dardel (2015), Luís Alberto Brandão (2020) e Aleida Assmann (2011), referências que foram acrescentadas à pesquisa. Diante da temática da casa, também têm sido pesquisadas referências ligadas à crítica literária psicanalítica, como Esther Cervini (1998) e Nízia Villaça (2014), e à crítica feminista, como Gerda Lerner (2019). Para o próximo semestre, pretende-se ampliar o estudo do referencial teórico, sobretudo em relação à crítica literária psicanalítica e à crítica feminista para a condução da análise dos textos, verificar a possibilidade de ampliação do *corpus* para a inclusão de outras escritoras e definição do sumário da tese, a fim de sistematizar o conteúdo teórico e literário para a escrita do texto.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. Trad. Antônio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BECKER, Mar. *Sal*. São Paulo: Assírio & Alvim. 2022.
- BECKER, Mar. *Canção derruída*. Porto: Assírio & Alvim/Porto Editora, 2023.
- BECKER, Mar. *Noite devorada*. São Paulo: Círculo de poemas, 2025.
- BERQUE, Augustin. Território e pessoa: a identidade humana. *Desigualdade e diversidade*: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, n. 6, p. 11-23, jan./jul. 2010. Disponível em: <https://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=92&sid=14>. Acesso em 22 jun. 2025.
- BRANDÃO, Luís Alberto. *Teorias do espaço literário*. Belo Horizonte: Fapemig, 2020.



CERVINI, Esther. A casa-ambiente. Anotações sobre arquitetura e psicanálise de Winnicott. *Revista latino-americana de psicopatologia*. v. 1, n. 3, p. 63-88, jul.-set., 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KbWnfv8jrvTwqwYdTzbWTWr/?lang=pt>. Acesso em 28 ago. 2025.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

PAVANI, Cinara Ferreira. Escrita e performance na poesia de autoria feminina contemporânea. *Letras*, Santa Maria, v. 29, n. 59, p. 103-114, jul./dez. 2019.

SAMPAIO, Cláudia R. *Ver no escuro*. 2. ed. Lisboa: Tinta da China, 2016.

SAMPAIO, Cláudia R. *Inteira como um coice do universo*. Juiz de Fora: Macondo, 2019.

SAMPAIO, Cláudia R. *Uma mulher aparentemente viva*. Porto: Porto Editora, 2022.

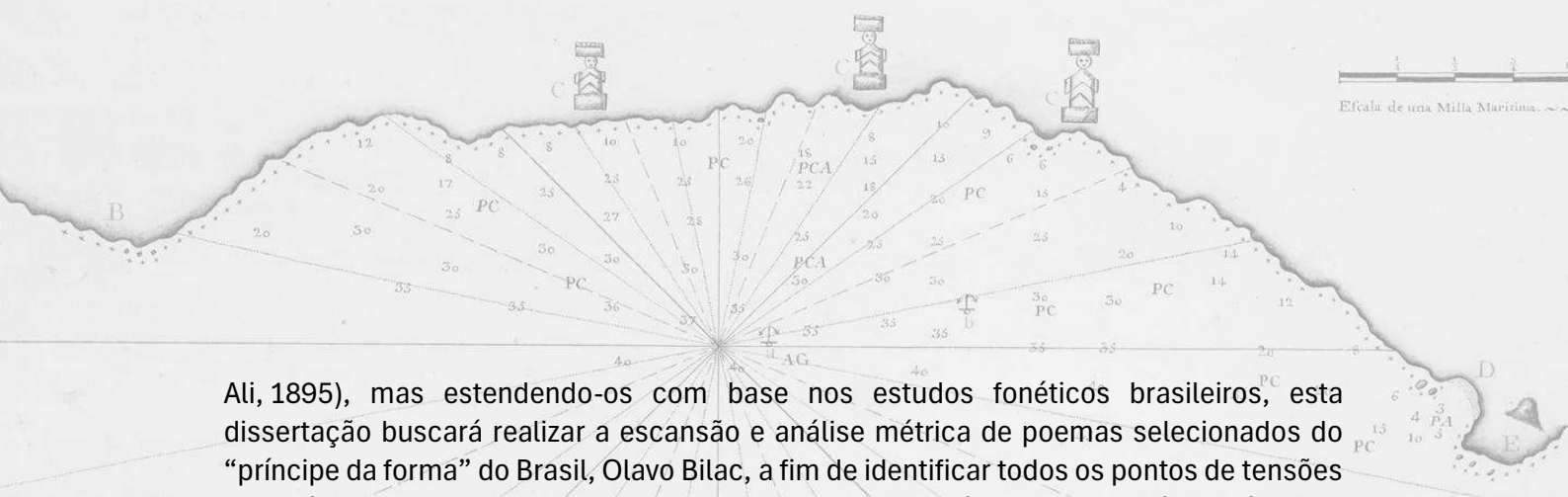
VILLAÇA, Nízia. Espaço como metáfora da subjetivação. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 28-30, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/13379>. Acesso em: 30 ago. 2025.



PROSÓDIA BRASILEIRA E MÉTRICA FRANCO-LUSITANA: UM ESTUDO DE CASO DA VERSIFICAÇÃO BRASILEIRA EM OLAVO BILAC

João Pedro Lopes Conchon (Mestrado)
Silvio Cesar dos Santos Alves (Orientador)
3º semestre – Previsão de defesa: jul/2026

No campo dos estudos fonéticos do Português Brasileiro, é bem estabelecido que nossa língua apresenta uma prosódia única, distinta de todos os demais países lusófonos, inclusive do Português Europeu. No caso, a pronúncia do Português Brasileiro é marcada pela atribuição de acentos secundários a partir do acento primário (sílabas tônicas), formando uma cadência de ritmo binário, constituída pela alternância de sílabas fortes (acentuadas) e fracas (não acentuadas) (Collischonn, 1993; Fernandes-Svartman, 2009; Lee, 2002). Enquanto a sílaba tônica constitui parte da informação lexical da palavra, os acentos secundários do Português Brasileiro são atribuídos ritmicamente: a presença dos acentos secundários tende a ser definida pela sua posição relativa à sílaba tônica, obedecendo sempre à cadência do ritmo binário. Deste aspecto rítmico da nossa prosódia deriva parte da impressão comum de que o Português Brasileiro é mais “musical” do que os demais. Embora a atribuição de acentos secundários se dê primordialmente no interior das palavras, com mais força da esquerda para direita, a atribuição de acentos pode se estender para além de um único vocábulo. Um artigo ou preposição auxiliar, por exemplo, pode ser acentuado ou não na pronúncia a depender de sua posição relativa às sílabas tônicas das palavras em seu entorno, formando o que Hayes (1981) chamou de “grades métricas” de acentuação. No que concerne à versificação brasileira, entretanto, não existe uma consciência clara da nossa realidade prosódica, embora este seja o aspecto mais relevante tanto para a teoria quanto para a prática. Herdada do Português Europeu, cuja acentuação é diversa da brasileira, esta abordagem não considera os aspectos prosódicos do Português Brasileiro, portanto é uma métrica que, embora amplamente adotada na tradição brasileira, é incompleta e inadequada. A criação e escansão dos versos nativos exige que se conheça a acentuação da língua. Os nossos acentos secundários podem, por exemplo, criar sílabas a partir de letras que são mudas apenas na grafia (ouça-se a pronúncia de “advogado”, “atmosfera”, “ignorância”, por exemplo), assim como certas sequências vocálicas exigem respeito aos hiatos e à manutenção do ritmo binário, seja entre palavras distintas (como em “a alma” e “o outro homem”) ou dentro do mesmo vocábulo (“oceano”, “repreender”, “voo”). Todos estes exemplos influenciam não apenas a cadência interna do verso, mas a própria contagem de sílabas, de modo que tensões surgem entre a métrica e a pronúncia, que se não estiver genuinamente errada (com uma sílaba poética a mais ou a menos, por exemplo), exigirá uma enunciação artificial do verso. Neste sentido, visando não só resgatar os debates sobre versificação que remontam à transição do século XIX para o XX (Hackerott, 2011;



Ali, 1895), mas estendendo-os com base nos estudos fonéticos brasileiros, esta dissertação buscará realizar a escansão e análise métrica de poemas selecionados do “príncipe da forma” do Brasil, Olavo Bilac, a fim de identificar todos os pontos de tensões e genuínos problemas que surgem ao tentar encaixar uma língua com prosódia própria na versificação de outro tipo de prosódia. Como este poeta também é coautor do Tratado de Versificação (1905), sem dúvida o mais pertinente tratado do tipo, a escolha dele como objeto de estudo é duplamente fértil, pois sua abordagem do verso foi tornada explícita na sua própria formalização dele. Bilac, portanto, constitui parte da base teórica a ser utilizada e problematizada também, já que ele enuncia no seu tratado, de modo bastante sentencioso, que *não* existem outros acentos que não o primário no português, afirmação que pode ser contestada pelos estudos fonéticos da prosódia brasileira, que já empiricamente validaram a atribuição de acentos secundários no Português Brasileiro. O principal Tratado sobre métrica do país desconsidera o aspecto fundamental da nossa prosódia, e o poeta que se tornou o homem máximo do formalismo no verso não incorpora plenamente, em sua prática poética, a prosódia efetivamente falada no Brasil. O esforço de Bilac não foi o de estruturar uma consciência métrica genuinamente nacional, mas de submeter nossa língua às normas métricas lusitanas. A metodologia, portanto, consiste na argumentação teórica quanto à prosódia brasileira e sua relação com a versificação, aplicada depois na escansão de versos de Bilac, visando comparar a forma métrica criada pelo poeta com a análise das cadências internas formadas pela acentuação. Deste modo, busca-se demonstrar, tanto na teoria quanto na prática, como estes acentos tendem a se comportar no Português Brasileiro. Os poemas serão selecionados de acordo com a riqueza de análise que eles permitem, no sentido de escolher os que melhor exemplificam os pontos de tensão e inconsistências entre nossa pronúncia e a métrica lusitana, buscando revelar a musicalidade brasileira neles latente ou, se for o caso, a falta dela por conta das imposições formais derivadas da métrica, que deveriam, em teoria, ser a própria base para a formalização de ritmos numa linguagem. O objetivo principal desta dissertação será propor um reposicionamento da teoria e prática métrica nacional, passando da abordagem silábica, herdada da métrica francesa e lusitana, para uma abordagem acentual adequada à prosódia do Português Brasileiro. Assim, pretende-se contribuir para a formulação de uma teoria métrica brasileira que parta da prosódia efetivamente falada no país no lugar de um modelo estruturado segundo a lógica de línguas estrangeiras. Como objetivos secundários, elenca-se: elucidar a noção de ritmo poético através da *Generative Theory of Tonal Music*, que apresenta as ferramentas teóricas da música para uma argumentação precisa e concisa sobre ritmo como efeito cognitivo projetado sobre superfícies musicais e métrica como os arranjos de periodicidade temporal que constituem e caracterizam o ritmo (Lerdahl-Jackendoff, 1983); aplicar essa abordagem teórica nas análises de poemas, demonstrando tanto seu poder explanatório quanto a natureza prosódica dos acentos da poesia brasileira, neste caso ligados à abordagem métrica silábica de Bilac; se for o caso e houver tempo e espaço para tal, avaliar a teoria métrica brasileira para além da Versificação de Bilac à luz dessa



abordagem teórica amparada na teoria musical; enfim, utilizar esta série de teorias, argumentos e análises para demonstrar como o verso fundacional da métrica brasileira é o que se organiza segundo a lógica do ritmo binário, isto é: versos iâmbicos ou trocaicos, sugerindo que a métrica silábica portuguesa pode ser substituída por uma métrica acentual adequada ao Português Brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C. M. C. *As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista*. D.E.L.T.A., v.14, n. 2, 1998.

AGUIAR, Angiuli. *O dodecassílabo iâmbico misto: uma proposta para a adaptação do verso branco épico inglês ao português*. Belas Infiéis, Brasília, v. 9, n. 1, p. 11-31, 2020.

ALI, Manuel Said. *Estudos de Linguística – a accentuação segundo publicações recentes*. Revista Brasileira 2, jan-mar, p. 301-314, 1895.

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimarães. *Tratado de Versificação*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1905. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=136349>. Acesso em: 19 nov. 2025.

BRITTO, Paulo Henrique. *O conceito de contraponto métrico em versificação*. Poesia Sempre, Rio de Janeiro, n. 31, p. 71-83, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos da fonética do português brasileiro*. Tese de Livre Docência, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1981.

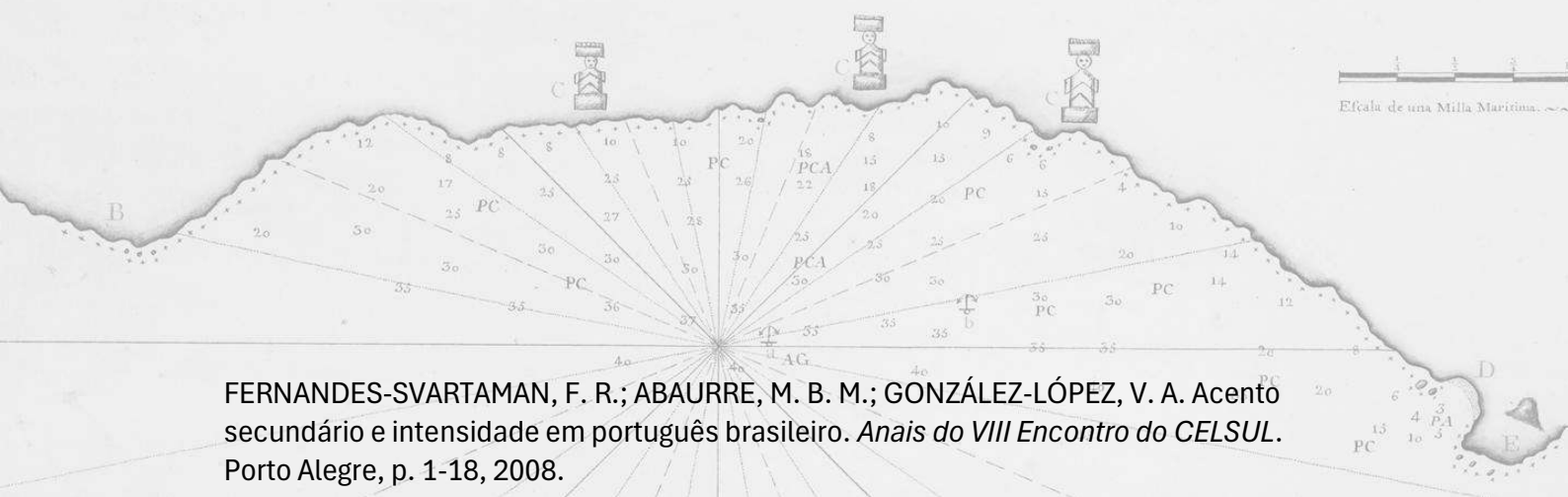
CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. FFLCH-USP São Paulo, 2006.

CAVALCANTI, Manoel P. *Ritmo e poesia*. Simões Editora, 1973.

COLLISCHONN, G. *Um estudo do acento secundário em português*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

COSTA, Evelyne Sousa; KELLER, Tatiana. *Acento secundário e epêntese vocálica no português do sul do Brasil*. Letrônica, v. 7, n. 2, p. 551-568, 2014.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. *Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB)*. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 47-58, 2009.



FERNANDES-SVARTAMAN, F. R.; ABAURRE, M. B. M.; GONZÁLEZ-LÓPEZ, V. A. Acento secundário e intensidade em português brasileiro. *Anais do VIII Encontro do CELSUL*. Porto Alegre, p. 1-18, 2008.

FROTA, S; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V.; BARBOSA, P. (eds.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, v. 1, p. 533-555, 2000.

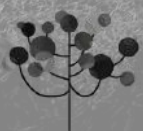
HACKEROTT, M. M. S. *Said Ali e a acentuação*: primórdios da Linguística no Brasil. In: *Estudos de Linguística Galega*, v. 3, pp. 51-64, 2011.

HAYES, Bruce. *A metrical theory of stress rules*. Massachusetts Institute of Technology, Estados Unidos da América, 1981.

LEE, Seung-Hwa. Acento secundário do PB. *Letras de Hoje*, v. 37, n. 1, 2002.

LERDAHL, Fred. *The sounds of poetry viewed as music*. *Annals of the New York Academy of Sciences*. 930, 337-354, 2001.

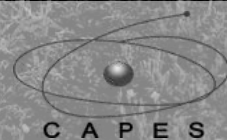
LERDAHL, Fred; JACKENDOFF, Ray. *A generative theory of tonal music*. Cambridge: MIT Press, 1983.



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CAPES